



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A CRUZADA *VERSUS* O JUVENIL: TENSÕES ENTRE CATÓLICOS E  
ESPÍRITAS EM SERGIPE (1930-1951).**

Márcio Gomes de Santana Matos

**São Cristóvão**

**Sergipe - Brasil**

**2017**

MÁRCIO GOMES DE SANTANA MATOS

A CRUZADA *VERSUS* O JUVENIL: TENSÕES ENTRE CATÓLICOS E  
ESPÍRITAS EM SERGIPE (1930-1951).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.

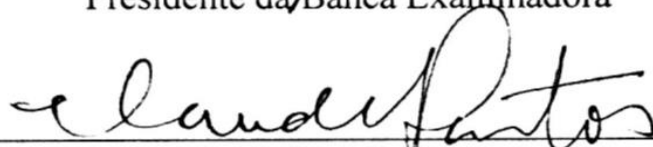
Orientador: Prof. Dr. Péricles Moraes de Andrade Júnior

Aprovado em 23 de agosto de 2017.



---

Prof. Dr. Péricles Moraes Andrade Júnior  
Presidente da Banca Examinadora



---

Prof. Dr. Claudel Franklin Monteiro Santos  
Examinador Interno



---

Profa. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos  
Examinadora Externa

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M433c      Matos, Márcio Gomes de Santana  
              A cruzada *versus* o juvenil: tensões entre católicos e espíritas  
em Sergipe (1930-1951) / Márcio Gomes de Santana Matos ;  
orientador Péricles Morais de Andrade Júnior. - São Cristóvão,  
2017.  
              101 f., il.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de  
Sergipe, 2017.

1. Religião e a imprensa. 2. Imprensa católica . 3. Imprensa  
espírita. I. Andrade Júnior, Péricles Morais de orient. II. Título.

CDU 94:2(046)(813.7)

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	03
2. A IMPRENSA RELIGIOSA	
2.1. O Surgimento da Mídia Impressa.....	11
2.2. A Chegada da Imprensa no Brasil.....	12
2.3. A Imprensa Religiosa do Brasil.....	13
2.4. A Intolerância Além Imprensa.....	22
3. A FORMAÇÃO DO SIQUEIRA CAMPOS E A ORIGEM DOS CONFLITOS	
3.1. Do Aribé ao Siqueira Campos.....	37
3.2. A Urbanização de Aracaju.....	40
3.3. O Aribé.....	42
3.4. Os Conflitos no Aribé.....	48
3.5. O Siqueira Campos.....	58
4. TENSÕES NA IMPRENSA RELIGIOSA EM SERGIPE	
4.1. O Jornal A Cruzada.....	61
4.2. O Jornal Juvenil Espírita.....	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
6. REFERÊNCIAS	
6.1. Órgãos e Instituições Pesquisadas.....	86
6.2. Fontes Impressas.....	86
6.3. Fontes Digitais.....	86
6.4. Jornais.....	87
6.5. Bibliografia.....	88
6.6. Capítulos de Livro.....	89
6.7. Tese ou Dissertação.....	91
6.8. Entrevistas.....	92
7. ANEXO.....	93

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta desde a invenção da imprensa na Europa até sua chegada e seu uso no Brasil, tendo como um dos objetivos a análise de jornais com caráter religioso. Os jornais representavam o jogo simbólico de dominações, lutas, disputas, conquistas e manifestações doutrinárias, principalmente por parte dos católicos, pois eram os principais difusores da chamada “boa imprensa”, mas espíritas e protestantes também fizeram uso deste tipo de mecanismo. São expostos casos de embates entre os católicos e os espíritas, bem como a atuação da Igreja Católica perante outros credos, tais como o protestantismo, as religiões afro-brasileiras, as ideologias e filosofias. A abordagem histórica percorreu os séculos XIX e XX sobre a análise de trabalhos que apresentaram um viés semelhante ao deste, com a apresentação de vários jornais religiosos espalhados pelo território nacional até ser firmada a construção de uma contextualização da história local com destaque para o papel de um jornal católica (A Cruzada) e de outro espírita (Juvenil Espírita) em Aracaju-Sergipe. Estes jornais mantinham correspondências com outros periódicos e revistas do mesmo seguimento religioso para se manterem fortes e unidos os combates para manter os fiéis, no caso dos católicos, ou nas lutas de conquistas e permanências, no caso dos espíritas.

**Palavras chave:** Imprensa, Religiões, História de Sergipe.

## **ABSTRACT**

This work presents since from the beginning of the press in Europe till its arrival and usage in Brazil, and one of its aim is analyse the religious journals. Those journals presented the symbolic game of dominations, struggles, disputes, conquers and doctrine manifestations, mainly produced by catholic people, because they were the main diffusers of the so called "good press", but the spiritists and the evangelicals also did use of this kind of press. It's exposed cases of fights between catholics and spiritis, as well as how the Catholic Church behaved in front of others creeds and faiths, such as evangelicals, and the afro-brazilian religions and its ideologies and philosophies. The historical approach comes from the XIX and XX centuries on works that did a similar approach on so many religious journals spread on brazilian territory till be able to stablish a local and historical contextualization that focus on what is the role of a catholic journal (The Cruzade) and another one that is spiritist (Spiritist Youth) in Aracaju Sergipe. These two journals kept close correspondences with other journals and magazines with the same religious points of view to keep themselves stronges e tied up to the aim of to maintain their followers, in this case, the catholic ones, or the maintainance of the new followers in the case of the spiritists.

**Key Words:** Press, Religions, Sergipe History

# 1. INTRODUÇÃO

Após o Brasil ter se tornado, juridicamente, um país laico, a Igreja Católica não deixou de ser influente no cenário nacional, nos aspectos políticos, sociais, administrativos e em outros campos que se designava necessária sua presença. A liberdade religiosa foi posta em prática e, com isso, as demais religiões e religiosidades, que já buscavam por seu espaço, continuaram sendo combatidas pela maior liderança religiosa mundial.

O combate religioso não teve seu início a partir da laicidade, mas desde a Antiguidade quando surgiram as diferentes crenças em deuses, em forças da natureza, em seres sobrenaturais, e ele ainda percorre até os dias de hoje. Ao longo da história pode-se observar várias guerras religiosas provocadas pela não aceitação ou desrespeito de umas religiões pelas outras, além de características que envolvam disputas por lideranças e, até mesmo, por territórios considerados sagrados.

Situações semelhantes ocorriam e ainda ocorrem pelo mundo, em nosso país, em nosso estado e em nossa cidade, mas não são, necessariamente, situações de conflitos bélicos (armados) como em alguns países. Elas podem ser vistas de maneiras diferentes, através de outros meios. Nesse sentido, a produção historiográfica da História das Religiões faz com que percebamos como, em várias partes do mundo, no Brasil, em Sergipe e em Aracaju, foi constituída a História da Igreja, das religiões e das religiosidades e de que maneira tenha ocorrido os desafetos que logo serão abordados nesta dissertação.

Um dos principais mecanismos que tratam sobre as questões conflituosas existentes entre as religiões, durante meados do século XX, foram os jornais impressos, pois, hoje, boa parte das notícias que circulam sobre essa temática estão vinculadas aos telejornais, por *sites* e pelas redes sociais, ou seja, pela *internet*.

Escolhemos dois jornais para tratar do assunto, A Cruzada – mecanismo católico com tiragem semanal – sendo escolhidas edições datadas entre o ano de 1944 a 1945, disposto no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE e, impresso e digitalizado, e o Juvenil Espírita – mecanismo espírita com tiragens bimestrais e mensais – com edições datadas de 1947 a 1951, localizado na Biblioteca Pública Epifânio Dória, apenas em sua forma primária.

Foi feita a análise de cada um deles de maneira separada e posteriormente correlacionada. Além desses dois jornais, outros, tanto de produção e organização católica quanto espírita, foram encontrados em sua forma de origem, ou seja, impressos, e também digitalizados. Alguns deles, por estarem digitalizados a muito tempo, não se encontram com

uma boa qualidade de visualização, o que dificultou na apreciação de alguns dos artigos. Tal situação não impediu que tentássemos fazer as investigações históricas através dos impressos nas instituições cabíveis.

Como já mencionado, a busca foi feita no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e na Biblioteca Pública Epifânio Dória, nesta foram encontrados um bom número de jornais, das duas correntes e de várias décadas do século XX<sup>1</sup>.

Peter Burke e Asa Briggs escreveram a obra *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*, excelente trabalho de pesquisa sobre todo um processo de comunicação social existente até hoje. A obra foi dividida em sua composição, coube a Peter Burke a introdução, o primeiro e segundo capítulos, e para Asa Briggs do terceiro capítulo até a conclusão. Nos detemos a introdução, ao primeiro capítulo (A revolução da prensa gráfica em seu contexto) e ao quinto capítulo (informação, educação, entretenimento), pois eles deram subsídios para melhor analisarmos os jornais usados aqui neste trabalho.

A introdução da obra esplandece uma gama de informações sobre as origens da mídia, um mecanismo de comunicação interdisciplinar que associa a fusão de elementos primordiais com os mais tecnológicos (a fala, a retórica, a escrita, a prensa, a impressão, o telégrafo, o jornal, o rádio, a televisão, a internet) e que eles coexistem e interagem. (BURKE e BRIGGS, 2004, p. 13-25)

Inicialmente a pesquisa da dissertação tinha como objetivo investigar, apenas, o processo histórico de formação de uma instituição religiosa, o Grupo Espírita Irmão Fêgo – GEIF no antigo bairro do Aribé, hoje Siqueira Campos, mas a partir da quantidade de informações coletadas resolvemos ampliá-la e desenvolvê-la para analisar a disputa do campo religioso existente no bairro durante as décadas de 1930 e 1940, com ênfase nas tensões e conflitos religiosos, sendo este o objetivo geral, além de mais três específicos<sup>2</sup>.

Com o levantamento de dados a respeito do GEIF, tais como artigos, testamentos, notícias em jornais, entrevistas, foi possível perceber a existência de conflitos religiosos na região em análise e ampliar o marco temporal até a década de 1950. Estes eram travados por instituições e/ou integrantes de credos diversificados, tais como, da Umbanda, do Candomblé, ou seja, religiões Afro-brasileiras, do Pentecostalismo (Protestantismo) e do Catolicismo.

---

<sup>1</sup> Na Biblioteca Pública Epifânio Dória, tivemos o prazer de encontrar o Professor Doutor Antônio Lindvaldo Sousa que coordenava uma equipe de pesquisadores num projeto intitulado “Imprensa Cristã”. Seu objetivo era digitalizar e catalogar os vários exemplares impressos possíveis em prol da sociedade aracajuana e sergipana, e disponibilizá-los em uma mídia (DVD) para ajudar em pesquisas e no trabalho de outros pesquisadores.

<sup>2</sup> Apresentados nas páginas de número 7 em seu 5º parágrafo e no último, e na página de número 8 no 5º parágrafo.



Mesmo que seja apenas uma parte da história de nossa cidade (Aracaju – SE), não deixa de ter sua importância e contribuição histórica, tanto para os moradores mais antigos quanto para os admiradores desta pequena e bela capital brasileira.

No início do século XX, com o processo de formação e desenvolvimento da região, um grande número de pessoas, provenientes de vários municípios do estado e de outros, principalmente do Nordeste brasileiro, foram atraídas para capital sergipana. Cada uma delas, com suas características próprias, suas particularidades culturais, bem como linguísticas, profissionais, religiosas, entre outras, ocuparam o local que apresentamos com facilidade, pois era uma área de expansão dos limites da capital, os terrenos eram mais baratos em decorrência de seu afastamento da área urbanizada, onde o Código de Posturas estabelecia como deveriam ser as residências da nova capital.

Neste mesmo período, foi percebido que o número de Centros Espíritas não era insignificante, e que estes quebravam o monopólio da Igreja Católica (FIGUEIREDO, 1989, p. 171). Dentre os Centros Espíritas legalizados pela Federação Espírita Brasileira (FEB), notamos em Aracaju a presença da União Espírita de Sergipe (UES), composta pela fusão das instituições Obreiros do Senhor, Viana de Carvalho e Amor e União, além do Grupo Espírita “Irmão Fêgo” (GEIF), estabelecido no bairro do antigo Aribé<sup>3</sup>, presente neste estudo no segundo capítulo, e o Grupo de Espíritas Cristãos (GEC), considerados como as primeiras instituições espíritas da capital (JESUS, 2006, p. 42).

As tensões e conflitos religiosos ocorreram em várias partes do Brasil durante toda sua história. Aqui utilizamos alguns trabalhos como artigos, dissertações e teses, a partir do método comparativo. Apesar do marco temporal de alguns deles não corresponder ao período que foi mencionado, mas não deixam de ser importantes para análise proposta, pois em uns acontecem conflitos que o antecede e servem para nos dá uma base e sustentação, já outros o sucede e apresentam alguns resultados sobre os movimentos de luta contra as perseguições, disputas e de tensões religiosas.

Para tentar entender este objeto de estudo foi necessário se apropriar de alguns conceitos históricos e sociológicos que se fazem presentes em praticamente todo o contexto da pesquisa. Além da análise, interpretação e comparação de elementos suscetíveis ao desenrolar dela.

Entre alguns dos conceitos e reflexões da história fazemos referência ao conceito da verdade através das exigências sociais ou conveniências das elites de F. Fernández-Armesto

---

<sup>3</sup> No capítulo 2 o termo apresentado será conceituado e haverá a descrição de sua localização geográfica.

(2000), situação que pode ser percebida na pesquisa por meio da comparação que se faz entre a Igreja e demais religiões presentes no objeto de estudo. O da função do historiador em definir os estados sociais existentes dentro de um campo de ação humana, comparar esses estados e analisar as mudanças que ocorrem a partir de seus feitos de Julio Aróstegui (2006), bem como, o de caracterizar e de definir o ofício do historiador, por ser o responsável em questionar as fontes e fazer com que a curiosidade humana seja alimentada e realimentada, além da afirmação de que os homens são o principal objeto da história, mas não deixam de necessitar de conhecimentos após aprenderem sobre algum tipo de dúvida de March Bloch (2001), e da sociologia estão os de *campo* (*campo religioso*), *habitus*, *capitais* (*econômicos e culturais*) e o de *bens simbólicos* criados pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2010), e o de *estrutura e agentes* de Anthony Giddens (2003).

Também nos propomos a realizar uma análise historiográfica a respeito da História das Religiões e da História Cultural e a partir desta definir melhor o gênero histórico a ser trabalhado de forma mais direta com o objeto de estudo.

A História em seus diversos gêneros traz para nosso estudo um grande apanhado de conhecimentos dentro da periodização que vai além do marco temporal aqui estabelecido, mas remetem aos aspectos ocorridos nele, pois é a partir do método histórico (análises, comparações, relações) que se dá seu desenvolvimento.

Com essa perspectiva e ao consideramos o trabalho de José Honório Rodrigues (1978), partimos para alguns dos gêneros históricos destacados por ele em sua obra “Teoria da História do Brasil”, a História Local, um dos gêneros que mais podem contribuir para a historiografia e à ciência social, pois pode compor, somaticamente, a história estadual e consequentemente geral.

É a partir da História Local que se transmiti informações cotidianas de uma comunidade e as associam a outros acontecimentos, com por exemplo, as situações de conflitos religiosos em outras partes da cidade, os aspectos políticos intervencionistas do período, os relatos de seus moradores, as análises feitas em documentos municipais, estaduais, jurídicos e tantos outros.

O desenvolvimento dessa pesquisa ocorreu dentro da aparência de uma especialização de terceiro modo que, segundo Rodrigues (1978), se dá pelo estudo dos grupos humanos através do conjunto de suas atividades e o historiador deve recriar a vida destes dentro de um espaço delimitado, pois bem, é o que tentamos fazer com esse objeto.

Sabemos que este tipo de trabalho proporciona alguns riscos, pois vão variar de acordo com as correspondências feitas entre os espaços, o tempo, os aspectos sociais, econômicos e religiosos, a delimitação geográfica e outros. Estes dois últimos aspectos correspondem perfeitamente a situação de nossa pesquisa.

Outro gênero a ser discutido é o da História da Religião, este, por sua vez, nos fornece um caminho significativo para arrumar as ideias a serem descritas e relacionadas, além de argumentadas. É por meio deste que percebemos como, no Brasil, foi constituída a História da Igreja, das religiões e das religiosidades.

Ao analisarmos alguns estudos sobre a História das Religiões, em meio sua composição e investigação pela Historiografia, podemos perceber que não se trata apenas em debater religiões específicas, mas também questões religiosas. Você pode se perguntar se estudar religião, religiões e assuntos religiosos não são a mesma coisa, entretanto não são. Tentaremos contemplar essas relações no decorrer da dissertação.

A História Cultural pode ser vista como Micro História, não quer dizer que seja uma história pequena ou pequena história, mas uma fragmentação da História voltada a pesquisa e a construção de argumentos e de relações que demonstrem a existência de uma história que não seja das elites, dos acontecimentos considerados grandiosos e assim sucessivamente.

Definimos que essa dissertação estamos com a construção de uma História Cultural que contribui para da História das Religiões no Brasil, e tal definição deste gênero histórico se deu a partir do trabalho que foi realizado de forma mais direta com o objeto de estudo.

Entre os objetivos específicos está a verificação de como as disputas religiosas puderam interferir no processo histórico e social de formação e ocupação do antigo Bairro do Aribé, hoje Siqueira Campos, enquanto um conglomerado urbano periférico; a identificação e a análise, em parte, da situação socioeconômica de seus ocupantes, já que o estabelecimento deles na região se deu após a concretização do projeto de urbanização desenvolvido pelo engenheiro Sebastião José Basílio Pirro para a construção da cidade; e a descrição analítica de como ocorreu a “expulsão” da população com menor “capital econômico” que já habitava a atual região centro-histórica, o chamado “Quadrado de Pirro”.

A importância deste estudo reflete na compreensão de como as transformações sociais, históricas, antropológicas, sociológicas e religiosas proporcionaram a formação do bairro e sua configuração de devotos dos credos nele presente.

Uma das propostas é a de analisar as diferentes formas de persuasão realizadas pelas religiões dentro deste espaço na tentativa de angariar novos fiéis ou até mesmo fazer com que

se tornem transitórios, sem se manterem presos a uma única crença. Tentaremos perceber neste outro objetivo específico as contribuições de ambas as instituições com relação aos moradores do bairro, já que era periférico e havia grandes necessidades de subsistência, provavelmente elas se utilizavam do fator econômico-financeira dos habitantes para torná-los seguidores (dependentes) desta ou daquela instituição/religião.

Ao analisar as informações coletadas e fontes, podemos perceber o processo histórico-social pelo qual os cidadãos aracajuanos passaram, desde a formação da capital e do antigo bairro Aribé até a compreensão de como a Igreja pode ser vista como religião de monopólio legítimo do campo.

As demais religiões presentes são consideradas profanas, do ponto de vista da Igreja, pois tem um sistema de fundamentos diversificado que pode até ser considerado oposto, não no sentido de uma oposição/embate, mas no sentido de não ter os mesmos alicerces, como é o caso do espiritismo representado aqui pelo Grupo Espírita “Irmão Fego”, do protestantismo institucionalizado pela Igreja Pentecostal Assembléia de Deus e algumas representantes de religiões de matriz afro, como o “Nagô” e “Toré”.

As práticas do Grupo Espírita “Irmão Fego” e das de matriz afro, dentro do Siqueira Campos, são vistas pela Igreja durante a década de 1940 como “magia” ou “feitiçaria”, o que Bourdieu (1999, p. 43) aborda como religiões inferiores.

É neste contexto que acontece a verificação do processo de disputas simbólicas pela busca de fiéis, e essas tiveram tanta repercussão durante a década de 1940 que foram noticiadas pelo jornal “A Cruzada”, pertencente à Igreja Católica. Através dele se evidencia a busca pela legitimidade no campo religioso dentro do espaço do Aribé. Desta maneira pretendeu-se investigar a atuação das variadas religiões que estavam presentes no Siqueira Campos.

Este estudo buscou averiguar a relação e participação dos moradores do bairro, mas também dos que estavam em suas redondezas, principalmente com relação ao centro da capital, conforme as religiões praticadas no mesmo (o espiritismo, o pentecostalismo e as de matriz afro – candomblé, umbanda), além da tentativa de fazer um levante socioeconômico para estabelecer parâmetros respectivos às informações coletadas, como é possível perceber nos parágrafos iniciais, sendo este o último objetivo específico trabalhado na dissertação.

Utilizamos nessa dissertação métodos quantitativos e qualitativos, ambos de grande importância para obtenção do conhecimento sobre a realidade do objeto de pesquisa, uma vez que terão por finalidade atender as questões da problematização.

A pesquisa *in loco* se torna de extrema importância para que sejam observados os mecanismos atuais de disputa dentro deste campo.

Realizamos a análise de fontes documentais, tais como o código de posturas, planos diretores, jornais, e entre outros, examinando-os pelo método histórico (hermenêutica).

Outra etapa foi a escolha de pessoas que fizeram parte das denominações religiosas analisadas para serem entrevistadas. Nessas entrevistas fizemos perguntas biográficas que consistiram nos seguintes passos: o primeiro voltado para as origens e posições sociais, que abordam os dados objetivos como nascimento, estrutura familiar, tempo de residência no bairro, orientação religiosa, pertencimento a grupos religiosos. Neste momento avaliamos a relação com o campo e a disputa religiosa, bem como a participação destes, de forma direta, participativa, ou indireta, pela observação ou através dos relatos; o segundo, por informações a respeito da escolaridade do entrevistado com o intuito de notar a relação entre o leigo e o não leigo (capital cultural) na aceitação ou negação da religião a que lhe é proposto neste mercado de bens simbólicos (BOURDIEU, 2009); o terceiro, um levantamento das atividades profissionais e a partir disto uma noção de como sua remuneração (capital econômico) pode refletir nos aspectos de donativos para com as instituições religiosas; e para finalizar, a investigação de participação dos entrevistados nos movimentos religiosos (capital social), não somente nas ações de disputa como também dentro de grupos existentes nas instituições.

Por meio desta estruturação, as entrevistas possibilitaram um aprofundamento sobre a questão da participação dos indivíduos no processo de formação do bairro, bem como de suas atuações e/ou participações dentro das religiões presentes. Através delas verificamos as relações estabelecidas pelos agentes nesse espaço, com a averiguação dos dados sobre suas trajetórias históricas, sociais, econômicas, educacionais, profissionais e religiosas.

Fizemos um mapeamento cartográfico que possibilitasse a localização atual de cada grupo religioso para situá-los. Com o uso das fontes, bem como do espaço geográfico (território) pelo qual se faz presente o objeto de estudo, temos material suficiente para que sejam confrontadas as hipóteses levantadas.

Para dar conta do problema da análise utilizamos o método comparativo com a pesquisa bibliográfica documental que se pauta em fontes como: trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações, teses), documentos oficiais e jornais impressos de circulação local, e também, pertencentes às instituições religiosas e dos movimentos das entidades envolvidas no estudo.

Assim, com todo este conjunto de procedimentos metodológicos, almejamos alcançar a proposta que estava em processo de pesquisa, onde incidia as técnicas e táticas religiosas para a obtenção de novos féis e o desprestígio de outros credos considerados ilegítimos.

Os três capítulos que compõem essa dissertação foram estruturados da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta um breve histórico sobre o surgimento e primeiros usos da prensa e imprensa, para quem ela estava destinada e uma abordagem a respeito da maneira em que as religiões a manuseavam para se beneficiar ou causarem conflitos.

O segundo capítulo aborda as origens do bairro Aribé a partir dos processos de urbanização e do desenvolvimento de Aracaju, como também os conflitos religiosos no local e a mudança de seu nome para o então, e atual, Siqueira Campos. Além do processo de firmamento/consolidação das religiões no espaço deste após as disputas travadas, numa tentativa de caracterizar o monopólio dos bens simbólicos por meio da Igreja Católica, com o intuito de apontar como este controle se deu e como o Espiritismo, o Protestantismo e as religiões de matriz afro permaneceram neste espaço social, ou se todas ficaram e como reagiram.

O terceiro capítulo traz elementos de caráter religioso midiático, pois foram escolhidos dois jornais, um católico e um espírita, para apresentar como o campo religioso em Sergipe, e em especial, o município de Aracaju, era disputado pelos agentes de salvação destas religiões.

## **2. A IMPRENSA RELIGIOSA**

### **2.1. O SURGIMENTO DA MÍDIA IMPRESSA**

O surgimento da prensa gráfica nos séculos finais da Idade Média foi de grande importância para difusão das ideias renascentistas e do protestantismo europeu. O alemão Johann Gutenberg de Mainz aprimorou a técnica de impressão desenvolvida na China e no Japão, onde usavam apenas uma placa ou bloco de madeira (técnica ainda usada na produção de xilogravuras), para vários tipos móveis de metal. (BURKE e BRIGGS, 2004, p. 26)

Vale ressaltar que a comunicação midiática dos jornais não era para todos durante a Idade Média, a Idade Moderna e até mesmo na Idade Contemporânea (entre os séculos XVI e XIX), tanto na Europa quanto nas Américas, somente os letrados e com boas condições econômicas poderiam adquirir os jornais, caso não fossem distribuídos gratuitamente, o que raramente acontecia. Esse tipo de impressão de Gutenberg se espalhou pelo mundo, alguns lugares tiveram resistência para absorvê-la, enquanto que outros dispararam suas produções literárias, principalmente os livros, pois eram estes os substitutos dos documentos manuscritos, os jornais só surgiram no século XVII com destaque para Holanda. Sobre a impressão de livros, houve o aumento do número de exemplares, de títulos, de tipos, de tamanhos, de materiais que eram usados para sua feitura, tal situação foi transmitida como um momento atual, o excesso de informações que o fim da Idade Média passou, como classificá-las? As bibliotecas foram ampliadas, mas os bibliotecários enfrentavam o problema de tentar manter os catálogos atualizados. Mesmo que a impressão gráfica tenha causado um grande avanço no processo de comunicação, essa ainda era feita por meio de manuscritos, principalmente as cartas, como o uso do papel (comunicação física), eram entregues por correios (pessoas responsáveis pela entrega) que atravessavam as estradas a pé ou a cavalo, ou quando não, por meio de embarcações transatlânticas, como por exemplo a comunicação da descoberta do Brasil ao rei de Portugal. (BURKE e BRIGGS, 2004, p. 26-38)

Por que isso acontecia? Por ser menos dispendioso, ou seja, mais barato e mais rápido do que a impressão, entretanto não diminua o tempo da entrega, diferentemente de nossa atualidade, onde a maioria das correspondências são virtuais e por meio de mecanismos portáteis (smartphones, tablets, notebooks). Como a maioria das pessoas ainda eram analfabetas, a comunicação de maior destaque era a oral, pois se usava nas missas, nos confessionários, nas tabernas, na maioria das atividades comerciais, nos clubes, nos cafés e, até

mesmo, nas Universidades para testar as habilidades dos alunos. O processo de letramento (alfabetização consistente na leitura e escrita) teve seu início em decorrência das necessidades comerciais, mas um fator importante para ele foi o ensino religioso transmitido pelos protestantes na Europa. Como consequência deste processo ocorreu o aumento de pessoas empregadas em escritórios, contadoras, escrivãs, carteiros, e até ocupações administrativas da burocracia estatal. (BURKE e BRIGGS, 2004, p. 41-44)

A leitura se tornou uma prática de lazer, mas teve seus estilos alterados em cinco tipos, vista como crítica, perigosa, criativa, extensiva e privada. A primeira estabelece um comparativo entre opiniões diferentes expressas em livros de mesmo assunto; a segunda sobre o perigo de leituras individuais e/ou coletivas que poderiam influenciar os leitores sobre obras de ficção, romances e outros gêneros; a terceira era a partir das interpretações dadas sobre obras que não tratam do que foram interpretadas; a quarta é sobre a quantidade de obras que eram lidas; e última, como um individualismo da leitura. (BURKE e BRIGGS, 2004, p. 69-74)

A impressão gráfica foi responsável pela difusão, fixação, permanência e acumulação do conhecimento, ela provocou várias mudanças sociais, econômicas e políticas ao ampliar o aprendizado humano através da circulação de ideias. Os jornais passaram a ter destaque a partir do século XVIII, principalmente na Grã-Bretanha, Europa, com destaque para o *The Times*, citado como o maior jornal do mundo, era considerado o “quarto poder”. Na verdade, os jornais tinham grandes poderes sobre as pessoas, a princípio, um influenciador das ideias e das decisões individuais e coletivas sobre determinados assuntos. Outro jornal de destaque, agora na América, foi o *Sun*, era um jornal barato de Nova York, vendido nas esquinas. Mas por que esses dois jornais estão sendo mencionados neste trabalho? Para apresentar as diferenças existentes entre eles. (BURKE e BRIGGS, 2004, p. 193-197)

O jornal inglês era tido como de boa qualidade, bem informativo, mas caro, enquanto que o norte americano era barato e bastante vendido, pois não estava preso ao que foi chamado de amarras políticas. Vários jornais (empresas) foram criados, tanto na Europa quanto na América. A luta era definir o estilo jornalístico que cada um teria e qual público pretendia atingir. (BURKE e BRIGGS, 2004, p. 197-220)

## **2.2. A CHEGADA DA IMPRENSA AO BRASIL**

No caso do Brasil, com a chegada da corte portuguesa, foi criada em nosso país a Imprensa Régia (Real), pois traziam o primeiro tipógrafo (equipamento usado para confecção



de jornais). Os jornais produzidos eram destinados aos poucos letrados e à elite, pois eram, economicamente e culturalmente, os únicos capazes de adquirir um exemplar, provavelmente tratava-se de um artigo de luxo para o período. (ROMANCINI, 2007, p. 15-27)

Mas isso não quer dizer que não tenha havido tentativas de implantar a tipografia antes da chegada da família real. Vários fatores impediam que isso acontecesse, entre eles estavam as ordens portuguesas de que “...qualquer texto escrito no Brasil deveria ser impresso na Europa ou permanecer de forma manuscrita” (ROMANCINI, 2007, p. 17), além disto havia um atraso no processo civilizatório, de urbanização, o alto índice de analfabetismo, a censura, entre outras questões<sup>4</sup>.

Durante as mudanças políticas (Pré-Independência, Independência, Período Regencial, Segundo Reinado, República) e as lutas sociais (Abolição, Republicanismo) no Brasil, o jornalismo e a feitura dos jornais (que não era mais exclusividade da realeza) passou por transformações, se adequando aos movimentos sócio-políticos do país e aos seus leitores. (ROMANCINI, 2007, p. 29-66)

A partir do Segundo Reinado, a imprensa passou a ser ilustrada e usar fotografias em seus artigos, nela eram introduzidas imagens e charges que satirizavam aspectos do cotidiano. Mas a imprensa no Brasil só iria se consolidar de fato no final do século XIX e início do XX devido ao desenvolvimento jornalístico mundial, onde passou da produção artesanal para industrial. (ROMANCINI, 2007, p. 45-68)

Foi de acordo com esse contexto que a escrita jornalística também deixou de ser meramente elitista e literária, para enfatizar um perfil de reportagem (prática atuante nas revoltas regenciais e guerras em que o Brasil se envolveu) e o caráter informativo<sup>5</sup>.

A seguir veremos de que maneira a imprensa foi usada pelos representantes religiosos no cenário brasileiro dos séculos XIX e XX, pois esse período foi considerado o de maiores conflitos e disputas, não somente no campo religioso, mas também no campo político e social, como já foi mencionado em parágrafos anteriores.

### **2.3. A IMPRENSA RELIGIOSA DO BRASIL**

---

<sup>4</sup> ROMANCINI, Richard; LAGO, Claudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007, p. 19-21.

<sup>5</sup> ROMANCINI, Richard; LAGO, Claudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007, p. 67, 68.

Como foi demonstrado anteriormente, a imprensa chegou ao Brasil no início do século XIX e foi sendo adequada, ganhou forma e força de acordo com as necessidades sociais, políticas, econômicas e também religiosas.

A passagem do século XIX para o XX foi de grandes mudanças e transformações para nosso país, disputas políticas, sociais, econômicas e religiosas que marcaram esse período foram registradas pela imprensa da época.

O número de Jornais se multiplicava cada vez mais, pois haviam os grupos (partidários, ideológicos ou religiosos) que buscavam se consolidar no cenário brasileiro, por meio de suas representações, enfim, de alguma maneira tinham que se estabelecer, representar e/ou serem representados.

Um dos fatores que mais propiciou a disputa do campo religioso no Brasil foi o processo de laicização do Estado. Antes dele acontecer a Igreja Católica tinha grandes poderes sobre as atuações políticas e sobre os políticos, o que fazia com que demais credos fossem implicados de ascender no cenário nacional.

A divisão entre Igreja e Estado gerou uma abertura para que as demais religiões ou religiosidades brasileiras pudessem lutar por seu espaço, e um dos meios de ampliar suas conquistas se deu por meio dos jornais, periódicos, revistas, mecanismos caracterizados como a imprensa religiosa.

Essa situação pode ser percebida a partir do que Bourdieu (2009) define como **os progressos da divisão do trabalho religioso e o processo de moralização e de sistematização das práticas e crenças religiosas** onde

“A aparição e o desenvolvimento das grandes religiões universais estão associadas à aparição e ao desenvolvimento da cidade, sendo que a oposição entre a cidade e o campo marca uma ruptura fundamental na história da religião e, concomitantemente, traduz uma das divisões religiosas mais importantes em toda a sociedade afetada por esse tipo de oposição morfológica. [...]”. Bourdieu (2009, p. 34)

Observamos que a Igreja Católica buscava se manter no ápice do monopólio religioso do Brasil, mas tal situação se complicava para ela, pois havia chegado na virada do século ao país, juntamente com o positivismo, uma nova doutrina, também chamada de nova ciência, o Espiritismo.

O artigo de Marilane Maia<sup>6</sup> aborda características que tentam conceituar o Espiritismo, o papel da imprensa religiosa e as disputas entre católicos e espíritas. Ela apresenta dois

---

<sup>6</sup> MAIA, Marilane Machado de Azevedo. A imprensa religiosa como palco de disputas entre católicos e espíritas: um retrato do campo religioso brasileiro no final do século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA,

periódicos que circulavam em Curitiba (Santa Catarina) durante a passagem do século XIX para o XX, um produzido por católicos (A Estrella) e outro por espíritas (A Luz), o primeiro tinham por finalidade a defesa da fé e a busca de fiéis, já o segundo, divulgar e esclarecer a nova doutrina. (MAIA, 2013, p. 1 e 2)

Por ser uma instituição consolidada de longa data, a Igreja Católica definia sua imprensa como sendo a Boa Imprensa, pois era voltada ao combate de tudo aquilo que pudesse ser considerado mal para a moral, os bons costumes, à família e à própria Igreja.

Os espíritas, por sua vez, usavam a imprensa para, além de divulgar e esclarecer à população o que era o Espiritismo, tentar se legitimar no campo religioso brasileiro.

Os conflitos não eram apenas entre estas duas religiões, até mesmo dentro delas poderia haver discordâncias, é tanto que no final da Idade Média surgiu o protestantismo, e ele foi criado por um monge (Martinho Lutero) que não concordava com as ações e atitudes tomadas pela Igreja Católica.

Marilane Maia cita o pedido de demissão de um padre e vigário que havia se convencido de que a maioria dos dogmas ensinados pela instituição a qual fazia parte, nada mais eram que invenções humanas, e comparou os seminários como sendo casas de reclusões, de ignorância e fanatismo. (MAIA, 2013, p.9)

Situação semelhante dos conflitos religiosos nesse período de transição dos séculos XIX para o XX também acontecia no estado vizinho, no Rio Grande do Sul, onde a imprensa era usada para combater, divulgar, buscar fiéis e se legitimar.

Segundo o artigo de Marta Rosa Borin<sup>7</sup> a disputa pelo campo religioso na cidade de Santa Maria (Rio Grande do Sul) era bem diversificada, pois havia um bom número de protestantes (anglicanos e metodistas), além da presença do Espiritismo e dos embates entre representantes locais da Igreja Católica com membros da maçonaria. (BORIN, 2013, p. 3)

A Igreja Católica em Santa Maria tinha dois mecanismos midiáticos oficiais a seu favor, o Santamariense e o Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria, já os metodistas usavam O Testemunho, os maçons a revista Reacção e o jornal O Templário, e os espíritas? Eram

---

27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1386623726\\_ARQUIVO\\_ANPUH.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1386623726_ARQUIVO_ANPUH.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2017.

<sup>7</sup> BORIN, Marta Rosa. A “boa imprensa” e a “imprensa ímpia”: embates entre agentes sociais católicos e espíritas no Rio Grande do Sul. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364766826\\_ARQUIVO\\_TextoMarta-ANPUH-Natal2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364766826_ARQUIVO_TextoMarta-ANPUH-Natal2013.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2017.

defendidos e/ou tinham suas divulgações apresentadas pela imprensa maçônica ou por jornais independentes, tais como Diário do Interior e O Castilhistas. (BORIN, 2013, p. 3-11)

O Espiritismo em Santa Maria era combatido tanto pelos artigos publicados no Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria quanto pela exigência do bispo em haver uma maior intensificação no processo de catequização nas paróquias, que fossem criadas escolas primárias católicas, fossem os católicos proibidos de ler todo material que não fosse da Boa Imprensa e não deveriam assistir sessões espíritas, pois poderiam ser excomungados. (BORIN, 2013, p. 4-8)

O uso da imprensa, durante a passagem dos séculos XIX para o XX, foi marcante e significativa. A Igreja Católica, por meio dela, buscava combater tudo que fosse contrário aos seus interesses, mas não somente isso, ela queria se manter equilibrada em seu número de fiéis, além de lutar até contra a modernidade, decisões do governo, e sobre o que já mencionamos.

A atuação da imprensa religiosa não ficou caracterizada apenas na região Sul do país, ela também foi atuante no Sudeste, no Nordeste, ou seja, em todo o território nacional, pois antes da Igreja ser separada do Estado, ela era dominante política, social e religiosamente.

Com a proclamação da República brasileira, o Rio de Janeiro, que já era a capital federal do Brasil, passou a ser o centro das atenções sociais, políticas, econômicas e até mesmo religiosa. Nele não poderia faltar uma *arma católica* capaz de combater os infiéis, e essa foi o jornal O Apóstolo. (NEVES, 2013, p. 3-11)

Num artigo publicado por Flávio Rodrigues Neves<sup>8</sup>, ele aborda o comportamento midiático estabelecido pelas mudanças que ocorriam no cenário brasileiro da época, como por exemplo, o uso do espaço público para propagar as ideias, com destaque para rua do Ouvidor, local onde as pessoas se reuniam para debater sobre variados temas, mas principalmente sobre política e gerar a chamada opinião pública. (NEVES, 2013, p. 3)

E por que a rua do Ouvidor tinha esse poder de concentrar os populares? A resposta é que ela concentrava um bom número de estabelecimentos comerciais conhecidos por Cafés, onde os intelectuais se reuniam para os debates, além de usarem da própria oralidade, o que atraía multidões que queriam se informar sobre a política, a economia ou os aspectos sociais. (NEVES, 2013, p. 4)

---

<sup>8</sup> NEVES, Flávio Rodrigues. A voz e a pena a serviço da Igreja: A imprensa católica e a ampliação da esfera pública no Rio de Janeiro no final do século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ALCAR, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-voz-e-a-pena-a-servico-da-igreja-a-imprensa-catolica-e-a-ampliacao-da-esfera-publica-no-rio-de-janeiro-no-final-do-seculo-xix>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

A oralidade já era usada pelo clero. Aonde? Dentro das igrejas, nos púlpitos, mas não alcançavam a todos, apesar dos padres fazerem discursos fortes, bem marcantes e até mesmo, em alguns momentos, ameaçadores, como de excomungar aqueles que não atendessem as novas exigências do episcopado, do movimento ultramontano, ou do que havia sido decretado pela Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 1890, também citada por Marta Rosa Borin quanto a luta da Igreja Católica sobre as mudanças que ocorriam. (NEVES, 2013, p. 5-7)

A eficácia dos sermões pastorais estava voltada para, em sua maioria, as mulheres e as crianças, a oralidade já não era mais suficiente para combater a cientificidade, a modernidade e os infiéis. Então como ampliar o combate? Por meio da imprensa, pois ela chegaria a todos os lugares, e para marcar sua presença no foco dos debates ou da formação da opinião pública, o jornal teve sua sede fundada em uma rua no mesmo quarteirão da rua do Ouvidor, assim, no Rio de Janeiro a Igreja Católica usou o jornal O Apóstolo atrelado ao púlpito. (NEVES, 2013, -. 7-9)

O país vivia uma fase de modernidade e integração, pois todos queriam ficar bem informados do que acontecia na capital federal e saber sobre as novas ordens políticas, sociais, jurídicas, econômicas, ideológicas, enfim, as mudanças que dariam novos rumos para nação, isto acontecia por meio da comunicação entre os Jornais, ou seja, as instituições midiáticas, tanto dos seguimentos religiosos quanto dos leigos.

Na Paraíba, o jornal A Imprensa Catholica<sup>9</sup> foi o maior mecanismo de combate ao Espiritismo e a Maçonaria. Ambos eram vistos como seitas diabólicas e seus integrantes como hereges que deveriam ser levados ao fogo do inferno, pois lá seria o local mais adequado para eles.

O sentimento de revolta da Igreja Católica contra o Espiritismo e a Maçonaria era motivado por outros fatores além do religioso, tal como os ideais positivistas, a racionalidade praticada por eles e uma aceitação dos intelectuais da época, mas também havia uma aceitação do Espiritismo por parte dos populares devido as ações de caridade realizadas pelos grupos espíritas e até mesmo pelas instituições maçônicas que também pregavam a liberdade de pensamento dos indivíduos. (SOUSA JUNIOR, 2015, p. 2)

---

<sup>9</sup> SOUSA JUNIOR, José Pereira de. O JORNAL A IMPRENSA CATHOLICA E SEUS ESCRITOS DE COMBATE A MAÇONARIA E O ESPIRITISMO NA PRIMEIRA REPÚBLICA PARAIBANA (1890 – 1930). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: ANPUH, 2015. Disponível em: < [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434336815\\_ARQUIVO\\_ARTIGOCOMPLETOANPUH2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434336815_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETOANPUH2015.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2017.

De acordo com alguns parágrafos anteriores, podemos perceber que a Igreja Católica tentava se restaurar e se reestruturar, e com isso a Paraíba também passou por um processo de reorganização de acordo ao que foi exposto pela Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 1890. Vários cargos de bispos foram criados em todo o Brasil com o intuito de fortalecer o papel da Igreja no campo religioso brasileiro, além de tentar continuar com o monopólio e lutar contra tudo que ofendesse a fé cristã.

O jornal católico paraibano, *A Imprensa Catholica*, entrou em desentendimento com outro jornal, *O Commercio*, acusando-o de ser um órgão difusor da maçonaria por este ter um espaço reservado em suas páginas para uso desta instituição, entretanto negou ser e não apresentou justificativa para uso do espaço, em contrapartida o jornal católico incitava notícias que causavam descrédito ao que se dizia leigo. (SOUSA JUNIOR, 2015, p. 6 e 7)

O Bispo da Paraíba perseguia, até mesmo antes de ocupar tal função, desde a época em que ainda era seminarista, o Espiritismo e seus adeptos de maneira ostensiva, e para tal fazia uso das edições semanais do jornal católico, dizia para os fiéis se manterem distantes da seita espírita, que quem se aproximava era acometido de doenças mentais, entre outros pré-julgamentos. (SOUSA JUNIOR, 2015, p. 8 e 9)

José Pereira de Sousa Junior fez um artigo que envolveu os aspectos religiosos por meio do uso da imprensa com informações que nortearam o período de transição do Império para primeira fase da República brasileira pondo em análise o modo como a Igreja Católica buscou lutar contra as novas correntes filosóficas, ideológicas e religiosas. Também apresentou características que remetiam a interação entre as províncias, que passaram a ser estados, do nordeste com a capital do Brasil e o envolvimento dos usos dos jornais confessionais (católicos), não somente da Paraíba, mas também do Pará, do Rio Grande do Norte, do Ceará, de Pernambuco, de Minas Gerais, da Bahia e de São Paulo. (SOUSA JUNIOR, 2015, p. 3)

Até o momento só apresentamos, em uma grande parcela dos discursos, o uso da imprensa religiosa pela Igreja Católica, mas, e o Espiritismo? Não usou da imprensa para se defender? Sim, ele usou, não somente em sua defesa como também em um dos mecanismos de apresentação, de esclarecimento, de divulgação, pela busca de legitimação e, assim, uma forma de promover a aceitação no campo religioso brasileiro.

O Espiritismo também usou a imprensa, tanto com jornais quanto revistas, como uma forma de ensinar a doutrina. Estes meios serviriam apenas para as pessoas letradas. Durante o final do século XIX no Brasil, os que eram “doutores”, ou seja, os que tiveram uma educação instrutiva nos moldes acadêmicos, pertenciam, em sua maioria, as elites, provavelmente a única

classe capaz de enviar seus filhos para estudar na Europa, principalmente na França<sup>10</sup>, mas alguns também eram enviados para a Inglaterra, Portugal e Espanha. (ROCHA; TOLEDO, 2013, p. 7)

Como a França era considerada o foco de maior conhecimento, muitos brasileiros que de lá voltavam letrados, também vinham imbuídos das ideias de liberdade, do racionalismo, da república, do progresso (positivismo), e, geralmente, se concentravam nas principais capitais do país, principalmente no Rio de Janeiro, para poder difundir o que havia sido aprendido.

Com as ideias europeias incorporadas, cabia agora externa-las para fazer o Brasil progredir em seus aspectos modernizadores. O Espiritismo, até então, era visto apenas como uma doutrina filosófica e científica, sem perfil religioso, mas que tomou tal forma, e isso gerou conflitos internos, pois muitos intelectuais do período, como por exemplo Olavo Bilac e Machado de Assis, não viam como sendo uma doutrina científica e esse fator se conectava aos conflitos existentes no campo religioso. (ROCHA; TOLEDO, 2013, p. 5)

O jornal O Écho d'Além Túmulo, foi considerado o pioneiro do Brasil, criado em 1869 por um jornalista baiano de nome Luiz Olympio Telles de Menezes que buscava, através deste, combater as críticas feitas por representantes da Igreja Católica sobre os ensinamentos espíritas que ele divulgava. Este jornal obteve grandes proporções, pois seu criador recebeu uma correspondência proveniente da França em favor de promover uma situação harmoniosa entre espíritas e católicos, tal carta foi publicada na Revista Espírita em 1869. (ROCHA; TOLEDO, 2013, p. 7)

A longevidade do jornal O Écho d'Além Túmulo: monitor do Spiritismo no Brasil não foi duradoura, com menos de um ano de atividade suas publicações foram encerradas, mas deixaram fortes influências para outros que surgiram. A Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, publicada em 1881 e mantida pela Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, fundada no Rio de Janeiro, tinha como finalidade ser um órgão oficial da sociedade espírita no Brasil. (ROCHA; TOLEDO, 2013, p. 11) Entretanto, o periódico O Reformador foi o mecanismo espírita que teve fundamental importância no processo de divulgação e esclarecimentos sobre a doutrina, pois era usado pela Federação Espírita Brasileira - FEB. (MAIA, 2013, p.4)

---

<sup>10</sup> ROCHA, Alessandro Santos da; TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. IMPRENSA ESPÍRITA E ELITE LETRADA NO BRASIL OITOCENTISTA In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2013, Cuiabá. **Anais eletrônicos...** Cuiabá: SBHE, 2013. Disponível em: < <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/IMPRENSA%20ESPIRITA%20E%20LITE%20LETRADA%20NO%20BRASIL%20OITOCENTISTA.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

Teria algo que pudesse explicar a curta duração de alguns desses jornais? Não somente um fator, mas vários, entre eles o fato de o Espiritismo ser considerado um movimento científico e filosófico, além de religioso, pois era voltado para os letrados, para elite, principalmente para os que viviam nos meios urbanos. Vale ressaltar, como já mencionamos, que eram poucos os instruídos, no entanto, praticamente todos tinham contato com os impressos, tanto os que sabiam ler como os analfabetos, mas como? Por meio de leituras coletivas e em tom alto, assim quem não lia, ouvia e tomava conhecimento das notícias, dos ensinamentos da doutrina e de outras informações.

Outro fator, que provavelmente esteja atrelado ao citado no parágrafo, seria a vendagem das edições, muitos dos jornais eram mantidos por seus fundadores, com o apoio das amizades presentes nos grupos espíritas, através das assinaturas e também pelos espaços abertos para propagandas que ajudavam na manutenção deles.

Pedro Paulo Amorim destacou em seu artigo<sup>11</sup> dados estatísticos referentes a uma amostragem dos números de jornais/periódicos espíritas que surgiram no Brasil durante o século XIX (2017, p.12) e os pôs em uma sequência cronológica, sendo O Écho d'Além Túmulo o primeiro, criado em 1869, e a revista A Regeneração, de 1890, o último, conforme citado por Ramos (1978, p. 5-6).

A imprensa espírita no Brasil surgiu com o jornal O Eco d'Além-Túmulo, na cidade de Salvador, na Bahia, pelas mãos de Luiz Olímpio Teles de Menezes (RAMOS, 1978, 5), em junho de 1869, também responsável pela fundação da primeira sociedade espírita legalmente constituída no país (WANTUIL, 1969, 570)5. O segundo jornal foi O Espírita, de Natal, Rio Grande do Norte, fundado em 1874, por Manoel Gomes; o terceiro periódico foi a Revista Espírita, pertencente ao Grupo Confúcio, da cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1º de janeiro de 1875, dirigido por Antônio da Silva Neto; o quarto, também na cidade do Rio de Janeiro, foi a Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, fundada em 1881, por Antonio Pinheiro Guedes, Carlos Joaquim de Lima e Cirne, Francisco Siqueira Dias Sobrinho, José Antônio Val de Vaz e Salustiano José Monteiro de Barros, e gerenciada por Angeli Torterolli; o quinto foi o jornal União e Crença, de março de 1881, na cidade de Areias, no Estado de São Paulo, fundado como órgão do Grupo Espírita Fraternidade Areense; o sexto periódico foi A Cruz, de Recife, em Pernambuco, fundado em julho de 1881, pelo futuro presidente da FEB, Júlio Cesar Leal; o sétimo foi O Espiritismo, fundado na cidade do Rio de Janeiro, em outubro de 1881; o oitavo foi o jornal e, posteriormente, a revista Reformador, no Município Neutro, cidade do Rio de Janeiro, em 21 de janeiro de 1883, por Augusto Elias da Silva; o nono foi o jornal Século XX, na cidade de Campos, no interior do Estado do Rio de Janeiro, fundado em abril de 1885, por João Barreto, funcionando como órgão da Sociedade Espírita Concórdia; o décimo foi A Luz, de São Luiz do Maranhão, em julho de 1886, como órgão

---

<sup>11</sup> AMORIM, Pedro Paulo. Os periódicos Espíritas do final do século XIX à década de 1960 In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano X, n. 28, Maio/Setembro de 2017. Disponível em: < <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/36933/19114>>. Acesso em: 22 jun. 2017.



do Clube Espírita Redenção; o décimo primeiro foi A Nova Era, também na cidade do Rio de Janeiro, com início em 1º de janeiro de 1890, sob a direção de Antônio Francisco Pereira e Nelson Faria; o décimo segundo foi Verdade e Luz, fundado na capital do Estado de São Paulo, em maio de 1890, por Antônio Gonçalves Batuíra; e o décimo terceiro foi A Regeneração, fundado na cidade de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, em meados de 1890, órgão oficial do Grupo Espírita Allan Kardec (RAMOS, 1978, 5 – 6).

Para uma melhor observação da amostragem dos periódicos apresentamos o seguinte quadro que classifica, em ordem, os jornais citados.

<b>Quadro 1 – A Imprensa Espírita no Brasil – Primeiros Anos</b>	
<b>Nome</b>	<b>Duração</b>
O Eco d'Além-Túmulo (mensal)	Pouco mais de um ano
O Espírita (quinzenal)	Não informado
Revista Espírita (mensal)	Seis números
Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (mensal)	18 meses
União e Crença (mensal)	Não informado
A Cruz (semanário)	Não informado
O Espiritismo	Não informado
Reformador (quinzenal e depois mensal)	De 1883 até a presente data
Século XX (quinzenal)	Não informado
A Luz (semanal)	Não informado
A Nova Era	Não informado
Verdade e Luz (quinzenal)	Não informado (+ de 32 anos)
A Regeneração	Não informado

Como podemos ver, o Nordeste teria sido o pioneiro na confecção dos jornais espíritas, mas sua produção não se deteve apenas nessa região, o sudeste também apresentou um grande desenvolvimento jornalístico da doutrina espírita durante o século XIX. Convém lembrar que já mencionamos em parágrafos anteriores periódicos que também circularam na região Sul de nosso país.

Vários foram os jornais espíritas criados durante os séculos XIX e XX, e muitos deles tiveram curta duração, mas alguns permaneceram por um longo período de existência. Os dados apresentados por Amorim (2017, p. 21-22) sobre a quantidade destes é bastante enriquecedor para amostragem nacional e quantitativa, pois

No período que compreende o lançamento do primeiro jornal espírita Eco D'Além Túmulo, em 1869, até o fim do século XIX, foram lançados 38 periódicos ligados ao movimento espírita em todo o Brasil, na primeira década do século seguinte; 33 novos surgiram no cenário nacional; na década de 1911 a 1920, surgiram mais 23; enquanto entre os anos de 1921 a 1930, novos 38 periódicos vieram ao mundo; entre 1931 e 1940, surgiram mais 84 novos periódicos; na década seguinte até o 1950, mais 50 novos títulos passaram a

existir e, finalmente, entre 1951 e 1960, vieram à luz 62 novos periódicos espíritas.

Portanto, nesse período de oitenta anos, foram fundados 337 periódicos espíritas no Brasil, ou seja, uma média de 4,2 periódicos por ano. Como citamos anteriormente, quase nenhum deles teve uma vida longa; porém, o Reformador – 1883, O Clarim – 1905, a Revista Internacional de Espiritismo – 1925 e o Mundo Espírita – 1932 pertencem à classe das grandes exceções, pois continuam a ser impressos ainda hoje (2016).

O quadro a seguir apresenta apenas a quantidade de jornais criados durante as décadas em destaque, mas não contempla o número total citado por Amorim, pois alguns deles podem não ter sido elencados, já que a soma total não equaliza o que foi disposto.

<b>Quadro 2 – Quantitativo de Periódicos.</b>	
<b>Quantidade</b>	<b>Décadas</b>
38	1869-1900
33	1901-1910
23	1911-1920
38	1921-1930
84	1931-1940
50	1941-1950
62	1951-1960

Dentre os quatro últimos citados, podemos observar que dois deles são centenários e os outros dois aproximam-se desta classificação, mas como conseguiram se manter ou “sobreviver” até os dias hoje? Por meio de seus assinantes? Pelo apoio dos amigos que compõem os grupos espíritas? Através da FEB? Não nos adentramos em responder esses questionamentos mediante o rigor do tempo e para manter o foco quanto ao embate entre a imprensa católica e a imprensa espírita.

## **2.4. A INTOLERÂNCIA PARA ALÉM DA IMPRENSA**

O Brasil sofreu a colonização do europeu católico que tinha como um de seus objetivos a imposição de sua cultura aos demais povos colonizados por estes, além de usurpar das terras e suas riquezas. O conflito inicial se deu por meio da religião, o catolicismo, tido como oficial, e no intuito de expandir-se e lutar contra a reforma, o protestantismo, que ganhava campo religioso na Europa, principalmente com as doutrinas protestantes do luteranismo, calvinismo e anglicanismo, além das práticas de seus agentes religiosos que queriam mostrar e estabelecer ao nativo, o indígena, a crença em um único deus, o do homem “civilizado”.

Pode-se dizer que foi a partir deste momento da história do Brasil, o período de conquista e colonização, que se dá o marco inicial para a ocorrência das tensões religiosas, mas aqui serão expressas algumas demonstrações destas em algumas cidades de nossa Federação, tais como Porto Alegre - RS, Rio de Janeiro – RJ, Recife - PE, Maceió - AL, Aracaju - SE, onde as informações serão cruzadas para estabelecer uma relação demonstrativa de que as tensões não ocorriam de maneira isolada, elas aconteciam quase que simultaneamente e até ao mesmo tempo dentro do período pesquisado.

A religião no Brasil sofreu grande influência do sincretismo afro-católico, que surge a partir “de um processo sincrético proveniente de um confronto de valores luso e afro-brasileiros e não como uma fusão de elementos diferenciados” (CAMPOS, 2011, p. 2), o que é comprovado historicamente e sociologicamente, além de ter uma vasta mixagem de elementos simbólicos devido a diversidade internalizada e externalizada de suas instituições, sendo estas tanto evangélicas quanto católicas. A instituição católica, por meio de seus agentes, apresentou movimentos de contestação (Renovação Carismática) que convertiam suas práticas eclesiais em individuais e caracterizavam “a diferença religiosa (que) era entre nações, agora é entre (os) indivíduos” (PRANDI, 2008, p. 156-158)

Segundo Negrão (2008) a vida religiosa entraria em crise desde o início do século XX onde ela

[...] adviria do repúdio ao autoritarismo eclesial no moderno mundo cristão, tanto no católico como no protestante, devido sobretudo à preocupação com a realidade imanente trazida pela modernidade e ao individualismo e pluralismo de idéias que a caracterizam. O mundo moderno não mais seria compatível com absolutismos religiosos e monopólios. [...] (NEGRÃO, 2008, p. 115)

Como expressa Negrão (2008) a vida moderna faria com que as pessoas passassem a se ver, a se tornarem individuais e contestarem o controle ou dominação exercida pelas instituições religiosas, principalmente a católica, mas não deixariam de questionar também as de caráter protestante, popularmente chamadas de evangélicas. Pode-se dizer que isto ocorre devido a proliferação do conhecimento, da informação, já que num período anterior, o da Idade Média, as pessoas, majoritariamente, eram ignorantes, que não tinham instruções educacionais.

Além de Negrão (2008), Prandi (2008) mostra outros aspectos relevantes a situação religiosa no Brasil distinguindo o catolicismo, o protestantismo, onde denomina como evangelismo, e o candomblé e suas variantes. Ao analisarmos o estudo realizado por Prandi (2008) foi observado que o catolicismo vem perdendo espaço no campo religioso brasileiro, tendo como um dos motivos a falta de adaptação as mudanças épicas, bem como

“[...] A Igreja passa a ser vista por segmentos da sociedade atualizados e atuantes em termos culturais como inimiga, como agente contrário a aspectos por eles considerados decisivos da mudança sociocultural conquistada e a conquistar sem mediação religiosa.” (PRANDI, 2008, p. 163)

e o evangelismo, por meio dos pentecostais e neo-pentecostais, tem cada vez mais se expandido neste campo por meio do uso de técnicas de conquista ou de dominação individual, mas que “o candomblé e suas variantes”, com seu poder considerado ritualístico ou mágico ou aquele que é impressionante, adere os indivíduos através de certa afinidade e também por suas curiosidades, porém seu crescimento, do candomblé e variantes, não apresenta um grande percentual, entretanto não é mais visto como apenas uma religião de negros e sim “como uma espécie de reserva étnica e tratado como uma das fontes tradicionais ativas da cultura brasileira também no âmbito educacional.” (PRANDI, 2008, p. 166)

Para Negrão (2008) o estudo da modernidade realizado por Troeltsch caracteriza a crise da religião eclesiástica a partir das “modificações institucionais e estruturais introduzidas pela modernidade” em relação “ao mesmo tempo em que abriram espaço para a religião individualizada, não clerical” que fez com que houvesse a individualização, mas isso não levaria ao fim das religiões, pois possivelmente a religião eclesiástica ressurgiria “como forma de reação contra a crescente individualização religiosa.” (NEGRÃO, 2008, p. 116-117).

No Brasil o catolicismo passou a ser visto de três formas, sendo “um ritualístico e formal, outro patriarcal e, ainda, um catolicismo popular”, o catolicismo popular caracterizou o estudo de Troeltsch ao demonstrar um “distanciamento diante da Igreja e seus clérigos”, ou seja, da institucionalização tendo “seus próprios papéis religiosos: os rezadores especializados, os festeiros que organizavam as festas, os benzedores e curadores” observados principalmente nas cidades interioranas, mas não somente nelas como também nas urbanas, porém devido as perseguições religiosas, muitos destes especialistas preferiam se refugiar, por isso não é tão fácil encontrá-los hoje nas áreas urbanas. (NEGRÃO, 2008, p. 119-120)

Grande parte das pessoas tem seus primeiros contatos com os grupos espíritas e os das religiões afro-brasileiras “em virtude da tentativa de resolução de algum problema físico ou de alguma aflição psicológica ou moral” isso porque são doutrinas e rituais que apresentam mediunidades ou possessões que compõem “as práticas arraigadas” do catolicismo popular, e outras pessoas “por afinidade com o que seus defensores afirmam ser uma medicina alternativa”, a Homeopatia. (GIUMBELLI, 1997, p. 33).

As tensões religiosas ocorreram em várias partes do Brasil durante toda sua história. Aqui serão lançadas algumas destas tensões dentro do período das décadas de 1930 e 1940.

Para tal feito utilizamos como base artigos, dissertações e teses (Oro (2002), Rafael (2004), Lewgoy (2006), Oliveira (2007), Negrão (2008), Campos (2006, 2009, 2011)), apesar do marco temporal de alguns destes não corresponderem com exatidão ao que foi mencionado, não deixam de ser importantes para análise proposta, pois alguns antecederam este marco, dando-lhe uma base e sustentação, e outros o sucedem apresentando alguns resultados sobre os movimentos de luta contra as perseguições, disputas e de tensão religiosa.

Para demonstrar a situação vivida na sociedade brasileira deve-se ter a noção da existência do “preconceito, estigma e intolerância religiosa” onde estes conceitos são relacionados por Oliveira (2007) com o intuito de apresentar ao mundo contemporâneo uma redução destes e o aumento da tolerância, porém o preconceito e a estigmatização dentro das “sociedades plurais” e dos “Estados multiculturais”, sociedades onde uma variedade de elementos que podem estar ligados a cor, a origem, as tradições dos povos, e num Estado onde as relações sociais estabelecidas apresentam grande diversidade cultural, justamente, como é o caso do Brasil por se tratar de um país multirracial, ainda são bem presenciadas.

Por conta da pluralidade dos seres sociais, percebemos que a “perspectiva de tolerância, alicerçada nos ideais da ciência moderna, não levou em consideração a constituição da identidade a partir do Outro, do diferente”, (OLIVEIRA, 2007, p. 220) em contraponto a isto ela se baseou apenas por um lado, o lado dos que são vistos como seres “perfeitos”, aqueles que podem ser vistos como estigmatizantes, os que não sofrem algum tipo de estigmatização, isto é, se realmente pode acontecer este tipo de situação. O sentido de tolerância usado aqui está relacionado com o “projeto de dominação universal do colonizador europeu” que a muito era visto como o ser de dominação legítima. (OLIVEIRA, 2007, p. 225)

Ao distinguir “preconceito, estigma e intolerância religiosa” Oliveira (2007) aborda a questão da formação da identidade que gera uma grande influência nas relações sociais a partir do advento da “negação do Outro”, da “não-aceitação de suas diferenças” (OLIVEIRA, 2007, p. 225), e como fazer isto no Brasil com uma origem bastante diversificada? A mesma sugeriu duas maneiras de inviabilizar a situação da intolerância religiosa, vejamos:

[...] no que se refere à esfera da religião, estimula a promoção de vários tipos de reflexão. Dentre elas destacamos duas que consideramos relevantes: **a primeira**, mais geral, **visa discutir até que ponto dentro de um Estado multicultural**, que busque lidar com questões referentes a problemas entre culturas diferentes, **deve-se aceitar todo tipo de postura religiosa**, tendo em vista que, como salienta Silva (2004, p.1), historicamente a intolerância esteve e está muito presente no domínio “[...] das relações humanas fundadas em sentimentos e crenças religiosas”; **a outra**, de âmbito mais específico, **visa distinguir as atitudes de constituição de identidades, dos**

**desenvolvimentos de preconceitos estigmatizantes que podem conduzir a posturas intolerantes.** (OLIVEIRA, 2007, p. 227) Grifo Nosso

São duas medidas bem complicadas para nossa realidade histórico-social, pois o Estado laico brasileiro concede a liberdade de culto religioso, apesar disso ocorrer teoricamente, porquê na prática, como poderá ser observado posteriormente, não existe tal liberdade, justamente pela composição “de preconceitos estigmatizantes”, onde nós como seres sociais, podemos ser ou não aceitos da maneira que somos ou viver e/ou vivenciar situações de condenação “que anula(m) a inclusão do indivíduo em seu meio social. [...]”, é exatamente “o fato de que não existe identidade una, pura, homogênea, [...]”. (OLIVEIRA, 2007, p. 232-233)

Uma proposta de resolução para estas questões de intolerância, desrespeito, preconceitos estigmatizantes, seria a “existência de espaços públicos institucionalizados que possibilitem o debate” para que “se veja o diferente como um adversário legítimo e se estabeleça com ele “consensos conflituais”” a partir do estabelecimento deste tipo de relação provavelmente passaria a existir a tolerância religiosa de fato, mas enquanto isso não ocorre ainda se observa os conflitos ideológicos produzidos por esta ou aquela religião. (OLIVEIRA, 2007, p. 237)

Vale lembrar que a década de 1930 foi o período que ocorreu uma revolução político-administrativa no país, consequentemente gerou algumas consequências em outras esferas, a exemplo da social e religiosa. Foi o momento em que se instaurou o chamado Estado Novo, entre seus objetivos, teve a adoção de medidas que controlavam a sociedade

[...] instaurando, progressivamente, um sistema de vigilância ostensivo a toda e qualquer forma de manifestação contrária às idéias forjadas pelos idealizadores do processo. Daí a implantação dos serviços de censura e repressão, operacionalizados por uma polícia técnica especializada, cujas funções vão sendo transformadas, no decorrer do processo, através das diferentes idéias propagadas e implementadas pelos protagonistas dessa história. (CAMPOS, 2009, p. 304)

As “ordens” do novo governo eram transmitidas por meio de uma imprensa que não tinha liberdade, sofria o controle governamental através de órgãos como o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e principalmente pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), desta forma havia um grande poder estabelecido e exercido pelo executivo e também pelos militares.

Em Pernambuco, desde a década de 1930, os grupos afro-umbandistas que quisessem permanecer com suas atuações religiosas “eram obrigados a solicitar registro especial dos departamentos de polícia local que fixavam, inclusive, taxas”, esta circunstância fez com que

“os praticantes da Umbanda e das religiões afro-brasileiras” se sentissem mais controlados pela polícia, além da “possibilidade de intimidação e extorsão” (CAMPOS, 2009, p. 306-307).

Uma tentativa de fazer com que certas práticas caíssem no esquecimento da sociedade era assumir “o Catolicismo como religião oficial do Brasil”. Aonde estaria a laicidade? Outra estratégia foi a de tornarem visíveis as ações da polícia, bem como desconstruir, marginalizar e silenciar os afro-umbandistas, ou seja, torná-los cada vez mais estigmatizados. Além disto,

[...] Nas matérias de jornal, os afros-umbandistas eram tratados com expressões preconceituosas, como: *catimbozeiros, curandeiros, feiticeiros perigosos, exorcistas, embusteiros, exploradores, patifes, covardes sem escrúpulos, malandros, covardes de vida fácil*. (CAMPOS, 2009, p. 310)

As notas jornalísticas pouco usavam o termo “repressão” sobre as ações praticadas pela Polícia, pois “era necessário incutir na população muito mais um clima de guerra, de combate, que, propriamente, de repressão”, ela deveria perceber que ali era um conflito “contra bandidos”. Os relatos dos jornais, independente se fossem acusados “por prática ilegal da Medicina, falso Espiritismo ou Curandeirismo” era sempre com o mesmo objetivo, o de fazer a sociedade vê-las como práticas maléficas ou de mistificação (CAMPOS, 2009, p. 312)

Não somente os afro-umbandistas pernambucanos, mas também os espíritas encontravam diversas dificuldades para o funcionamento de suas casas por serem igualados “ao Catimbó”, então formaram uma comissão e entregaram ao Interventor (cargo de governador) um abaixo-assinado que demonstrava a insatisfação pela portaria de instrução sobre o funcionamento dos Centros Espíritas de Pernambuco. Como resultado, o Secretário de Segurança Pública concedeu o funcionamento deles a partir de alguns condicionamentos, entre eles o de serem afiliados a uma das seguintes federações: “Cruzada Espírita de Pernambuco, Federação Espírita Pernambucana e Liga Suburbana”, mas, além disto, ter a licença expedida pela Secretaria de Segurança Pública do Estado e que tivesse sido processada “pela Comissão de Censura das Casas de Diversões Públicas”, a partir de então, a polícia iria diferenciá-los como “alto” Espiritismo”, considerados aqueles que praticavam benefícios (CAMPOS, 2009, p. 313-314).

Segundo Campos (2009) os espíritas procuravam demonstrar de maneiras variadas suas diferenças com relação aos afro-umbandistas, que todos eles praticavam o bem e o espiritismo deveria ser chamado de “espiritismo científico”, pois assim seria caracterizado, como eles também passaram a usar, o “verdadeiro espiritismo” (CAMPOS, 2009, p.315).

Mesmo com toda represália policial, as invasões das casas, a destruição dos materiais considerados sagrados (os quebravam, os queimavam ou os apreendiam), as religiões afro-brasileiras mantiveram-se na luta por suas práticas doutrinárias conservando suas crenças.

Giumbelli (1997) cita um trabalho realizado por Bastide (1967) onde o mesmo procura estudar a “psicologia das classes sociais” a partir do espiritismo distinguindo-o de três formas:

[...] Primeiro, o "espiritismo-ciência" das classes altas; em seguida, o "espiritismo religioso, organizado em igrejas, repousando sobre a dogmática kardecista" das classes médias e brancas; esse espiritismo kardecista se oporia, por seu moralismo e seu intelectualismo, a uma terceira modalidade, o "espiritismo de Umbanda", uma religião ritualística e não organizada, surgida a partir das condições das classes pobres e negras. Na medida em que essas três formas de "espiritismo" expressariam todas as condições ou exigências de classes sociais, elas se oporiam, como "ideologias", ao candomblé, verdadeira "religião" a partir da qual uma solidariedade social havia se desenvolvido e perpetuado. (GIUMBELLI, 1997, p.61)

A primeira forma seria sua originalidade francesa ao chegar ao país, a segunda estaria envolvida não somente na “dogmática kardecista”, mas intimamente ligada aos aspectos católicos e a terceira como o próprio autor destaca mescla uma desorganização e estruturação com as camadas pobres, que ao mesmo tempo estigmatiza ao mencionar “pobres e negras” como se somente houvessem pobres negros.

No artigo “Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente”, Oro (2002) faz uma análise que corresponde desde o período escravocrata passando pelos idos de 1935 até o início do século XXI relacionando a presença de pessoas consideradas, como ele mesmo usa o termo, “não-negros” dentro das religiões afro-brasileiras, mas quem seriam estes “não-negros”?.

É um trabalho de caráter histórico, onde ele enfatiza três pontos sobre o campo religioso afro-brasileiro no Rio Grande do Sul, sendo eles “a presença de "brancos" nas religiões de matriz africana”, “a transnacionalização do batuque” “e a aproximação dessas religiões no campo político estadual e municipal” (ORO, 2002, p. 347). Mas além destes aspectos também foi relatada a questão da perseguição aos terreiros, sendo estas justificadas pela estigmatização, pois para justificá-la sempre era “precedida de um conjunto de estigmas lançados sobre essas religiões” (ORO, 2002, p. 350). Tais estigmas poderiam ser “tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (GOFFMAN, 2004, p. 7), ou seja, da cor, da origem, além da posição social, política e entre outros tipos de determinações estigmatizantes.



Ao tratar do surgimento da Umbanda no Rio Grande do Sul Oro (2002) enfatizou que o mesmo passou a existir “defendendo padrões e comportamentos aceitos socialmente” para que assim possa se firmar e não sofrer algum tipo de represália, mas isto é inútil, ela sofreu repressão policial, e, além disto, o “espiritismo e o batuque se opuseram à umbanda”, essa oposição ocorreu devido suas práticas mediúnicas e pela não aceitação da invocação dos orixás em “suas normas rituais” (ORO, 2002, p. 356).

Este tipo de oposição não ocorria somente no Rio Grande do Sul, ela também ocorreu em Alagoas e movimentou não somente o campo religioso, mas também outros. A tese de Rafael (2004), “Xangô rezado baixo: Um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912” fornece uma contextualização que envolve aspectos políticos, antropológicos, etnográficos, históricos e sociológicos a respeito de tensões e perseguições, principalmente políticas e religiosas ocorridas em Alagoas, dando um foco a sua capital, Maceió, e detendo-se ao representante político Euclides Malta e as religiões afro-brasileiras, ao candomblé e como se pode perceber em seu título ao Xangô. Para compor seu trabalho tomou como fontes jornais e relatos, além de estudar as questões que motivaram as tensões políticas e religiosas, sendo a segunda iniciada em um período de festividade nos “terreiros de Maceió, no caso, a festa de Oxum” e “nos principais templos católicos da capital”, o dia da Imaculada Conceição. (RAFAEL, 2004, p. 27)

Por se tratar de um trabalho que especifica a análise dos conflitos em Alagoas, Rafael (2004) utiliza o termo Xangô para classificar o estudo sobre os terreiros das religiões de matizes afro-brasileiras, ele também é usado em outras regiões e estados, como por exemplo, em Pernambuco onde os “integrantes religiosos afros recifenses, ligados principalmente a políticas afirmativas negam a denominação Xangô para a religião”, pois estes contestam que “o termo remeta à repressão sofrida pelos terreiros nos anos de 1930 e 1940” sendo por “decreto estadual, proibidas de funcionar” (CAMPOS, 2011, p. 8).

Logo de início, Rafael (2004) explana o que ficou conhecido como “Quebra-quebra” ou “Operação Xangô”, ato de invasão aos terreiros, que para o período foi visto como sendo de extrema violência, uma violência não somente simbólica, mas também material e física. Estes atos foram executados “pelos sócios da Liga dos Republicanos Combatentes” (RAFAEL, 2004, p. 11) que se voltaram contra o governador Euclides Malta devido seu suposto contato/relacionamento com tal religião, onde julgavam suas vitórias eleitorais (três mandatos) e sua longa duração no poder, “quase 12 anos” (RAFAEL, 2004, p. 04), como sendo algo que

só foi possível por intermédio de seu envolvimento com o Xangô. Além do dito envolvimento havia

“[...] a crença no poder da feitiçaria (que) em Alagoas nunca é posta em questão, pelo contrário, sua eficácia é totalmente confirmada quando se atribui aos pais de santo a responsabilidade pela permanência prolongada de Euclides Malta no poder” (RAFAEL, 2004, p. 16)

Existe toda uma contextualização a respeito dos aspectos políticos, religiosos e sociais trabalhados por Rafael (2004), mas também se percebe uma indignação voltada aos intelectuais alagoanos da época que não se fizeram “presentes” ao acontecimento, visto que “O silêncio que pairou sobre os xangôs de Alagoas”, principalmente em Maceió, “parece ter se alastrado sobre a intelectualidade local, que não dedicou ao assunto a atenção que ele merecia. [...]” Será que os intelectuais se encontravam encorajadas a discorrerem sobre o ocorrido com receio de sofrer algum tipo de punição? Bem provável que sim. (RAFAEL, 2004, p. 45)

Devido a “Operação Xangô” ocorreram alguns deslocamentos, vários pais de santos de Alagoas e seus terreiros, mudou-se de uma região para outra, dentro de Maceió e no Estado, bem como foram afugentados para estados vizinhos, tais como Pernambuco e Bahia. Algo semelhante também ocorreu em parte da cidade de Aracaju, Sergipe, e poderá ser visto no próximo capítulo.

Importante destacar como ocorreu o ato de perseguição e derrocada dos terreiros em Maceió. Observe a seguinte descrição elaborada por Rafael (2004):

“Quando ecoou o grito de guerra, “Quebra!”, os cabras da Liga que a essa altura não deviam obediência a nenhuma autoridade, nem terrestre, nem mágica, caíram com toda sua fúria sobre os terreiros. O primeiro a ser atingido, pela proximidade em que se encontrava, foi o terreiro de Chico Foguinho, cujos seguidores foram surpreendidos no auge da cerimônia religiosa, alguns deles ainda com o santo na cabeça. A multidão enfurecida entrou porta adentro quebrando tudo que encontrava pela frente, fazendo jus à determinação do líder, e batendo nos filhos de santo que se demoraram na fuga. Diversos objetos sagrados, utensílios e adornos, vestes litúrgicas, instrumentos utilizados nos cultos, foram retirados dos locais em que se encontravam e lançados no meio da rua, onde se preparava uma grande fogueira. Naquela via pública, entre rosários e colares de ofás, foi colocada ainda a imagem de um santo em forma de menino, que muitos afirmaram tratar-se de “Ali Baba”, a qual ficou exposta a zombaria dos que passavam. Alguns objetos foram conservados para serem exibidos depois na sede da Liga, outros, em tom de zombaria no cortejo que se armou em direção a outras casas de Xangô nas proximidades. (RAFAEL, 2004, p.29-30)

[...] Muitos dos objetos utilizados pelos filhos de santo nos cultos daquela casa perderam-se ou foram desviados em função do seu valor econômico, como pulseiras e braceletes de prata, e anéis de ouro cravejados de pedras semipreciosas, cujo paradeiro até hoje se desconhece. Outros objetos como

esculturas e fetiches foram conservados e conduzidos para a sede da Liga dos Republicanos Combatentes, para serem expostos à visitação pública. [...] (RAFAEL, 2004, p. 34)

A expressão “com o santo na cabeça” é usada para designar o momento em que os orixás se faziam “presentes” por intermédio dos pais de santo no ritual, sendo também chamado de “estado de possessão”, designado por Nina Rodrigues, pois para ele isto não passava de “fruto de farsa ou simulação” e que “possessão de santo” era um estágio de variação mental do indivíduo, podendo ser “desde o “delírio prolongado” até a “simples excitação””, ou até mesmo “estados de sonambulismo provocado” que causavam a “substituição de personalidade, além de alucinações e amnésia completa”. Todos estes aspectos eram, assim, tratados por ele, como técnicas de hipnotização moderna provocada pela “música, a dança, as palavras do pai-de-santo”, além de afirmar que isso só era possível por uma consequente patologia “das manifestações de possessão” estando ela, a doença, localizada “na psicologia humana”. (GIUMBELLI, 1997, p. 43)

Este ocorrido se deu no período do carnaval, que era realizado de maneira tradicional, ou seja, modinhas e cantorias, além de representações folclóricas pelas ruas da cidade. Todo material usado era retirado, alguns destruídos e outros guardados, os salvos serviriam como “troféu” à Liga dos Republicanos Combatentes, sendo expostos na sede, mas não permaneceria somente lá, boa parte deles foram resgatados e/ou enviados para o Museu da Polícia do Rio de Janeiro. Percebe-se que a intenção desta Liga não era exatamente atingir os terreiros, mas sim Euclides Malta.

Outro aspecto que Rafael (2004) demonstrou, foi a forma como as religiões se dispuseram no cenário estadual alagoana. Percebamos que, como na maior parte do território brasileiro, o catolicismo sempre se manteve em prestígio, inclusive em Alagoas, entretanto ele observa que

“[...] outras vertentes religiosas existentes, como o espiritismo, as religiões evangélicas e os cultos afro-brasileiros terem sido colocadas sob constante vigilância. É certo que a primeira dessas vertentes, o espiritismo, gozou de maior aceitação, haja vista ter congregado entre seus membros, figuras ilustres da sociedade alagoana, além do fato de estar associado ao advento da República no país que, como se sabe, buscou autonomia em relação à religião católica, dando vazão àquela vertente mais identificada com os seus ideais positivistas.

Com relação aos cultos evangélicos, não se pode dizer que os mesmos tenham gozado da mesma complacência de que se beneficiaram os centros espíritas em Alagoas, tendo em vista as represálias sofridas por esse segmento, em alguns casos, com a anuência da própria Igreja Católica, como foi caso da “queima de bíblias” em Penedo, fato noticiado com grande alarde até mesmo pelos jornais da capital. (RAFAEL, 2004, p. 114-115)

Nota-se que o espiritismo fica “ileso” de certas represálias advindas do catolicismo, diferente, como se percebe na citação, dos cultos evangélicos. Seria neste momento o que Negrão trata como “duplicidades tanto tradicionais (católicos/afro-brasileiros; católicos/espíritas) como inovadoras (católicos/protestantes; católicos/outras religiões; múltíplices).” (NEGRÃO, 2008, p. 126) fazendo com que ocorresse este tipo de ação?

Em nenhum momento Rafael (2004) faz algum tipo de relação sobre a ação do catolicismo para com as religiões afro-brasileiras, as referências para com as perseguições são dadas somente pela Liga dos Republicanos Combatentes, sendo “as casas” perseguidas pela frequência que Euclides Malta tinha e onde “obtinha força espiritual para se manter tanto tempo no poder, [...]” (RAFAEL, 2004, p. 137).

Por conta desta tensão muitas “casas” passaram a pedir permissão para poder prosseguir com seu funcionamento, mas não eram somente as casas de cultos religiosos, também eram os “[...] folguedos populares das mais diversas espécies como *fandangos*, *congós*, *reisados*, *presépios*, *marujada* e o próprio *maracatu* que dentre todos, era o que mais se aproximava do xangô [...]” (RAFAEL, 2004, p. 122).

Rafael (2004) também faz menção a outros trabalhos científicos que puderam lhe dar algum tipo de suporte, tais como de Nina Rodrigues, ao trabalhar aspectos religiosos ocorridos em Salvador - Bahia, João do Rio, sobre a feitiçaria na cidade do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro e Beatriz Góis Dantas, sobre a formação das religiões afro-brasileiras no município de Laranjeiras - Sergipe.

Apesar do espiritismo não ter sofrido algum tipo de perseguição ou desafiância pelo catolicismo no estado de Alagoas isto ocorreu em outras partes do Brasil, porém Lewgoy (2006) esclarece que as questões levantadas pelos espíritas, à respeito das perseguições dos católicos, devem ser analisadas de maneira cautelosa, já que sua história de interação com os aspectos culturais exercidos pela Igreja Católica a partir de “seus movimentos de oposição intelectual e aproximação sincrética” vão ser convertidas “em estratégia de afirmação das propostas” objetivas “da federação Espírita Brasileira (FEB) a partir dos anos 50” (LEWGOY, 2006, p. 209-210). Além do mais, o termo espiritismo não foi usado unicamente para determinar os adeptos da doutrina de Allan Kardec, o mesmo também foi empregado para identificar os praticantes das religiões afro-brasileiras e ao mesmo tempo sua aplicação era dada “a qualquer idéia ou prática que recorra à noção de “espíritos” e da sua intervenção no mundo cotidiano.” (GIUMBELLI, 1997, p. 32).

Este dado referente aos anos 1950 permite perceber que o tipo de atuação, por parte dos espíritas, tenha começado a partir daí, como visto a pouco referenciando Rafael (2004) sobre o espiritismo em Alagoas, isso já ocorria nos idos da década de 1910, também posto em “vigilância”, mas diferentemente dos cultos evangélicos e dos afro-brasileiros não sofria tantas represálias, elas não aconteciam porque muitos dos que se tornaram adeptos a ele pertenciam a posições sociais de destaque (elite).

Lewgoy (2006) ressaltou que a relação entre espiritismo e catolicismo não era das mais amistosas, isto desde o início da República, como já foi observado anteriormente sobre o tratamento das leis mediante os aspectos religiosos pertencentes ao Brasil. O Estado torna-se laico, pois “[...] a relação de disputa e sincretismo com o catolicismo romanizado consagra-se na divisa da federação espírita: “fora da caridade não há salvação””. [...] (LEWGOY, 2006, p. 212), essa divisa trata-se de um jogo estratégico, ou seja, a Federação Espírita Brasileira vai usar este *slogan* para que possa cativar mais adeptos, caso você seja caridoso, uma pessoa doada, terá salvação.

O espiritismo é visto como uma religião “de livre-pensadores, republicanos, maçons e laicos” tendo, a partir disto, vários momentos de embates com os agentes católicos, mas além de ser observado desta maneira, também será como uma religião voltada à caridade, assegurada em suas práticas de filantropia, a exemplo destas têm-se a distribuição de alimentos, vestimentas, consultas médicas com “receitas gratuitas, mediunicamente receitadas” (LEWGOY, 2006, p. 211). Esta última provoca outro tipo de conflito para com o espiritismo, a luta dos médicos por formação contra os médicos espirituais.

Se tratando da ascensão do espiritismo no campo religioso brasileiro ela se dá “a partir dos anos 1930”, com a “figura carismática do médium<sup>12</sup> Chico Xavier” e que “a evolução da relação entre o espiritismo e o catolicismo no século XX”, ou seja, a redução dos conflitos e perseguições, o clima de “amizade” está “contido na trajetória dessa personagem” (LEWGOY, 2006, p. 213), vista em todo cenário nacional por meio de seus trabalhos carismáticos e pela divulgação da doutrina através das psicografias<sup>13</sup>.

No ano de 1934 ocorreu o “1º Congresso Afro-Brasileiro” realizado em Recife – PE, ele foi organizado pelo médico psiquiatra Ulysses Pernambucano e composto por participantes esclarecidos, aqueles com conhecimentos científicos, e também por muitos que apenas tinham

---

<sup>12</sup> Toda e qualquer pessoa capaz de estabelecer relações de contato ente entre os vivos e os espíritos daqueles que já morreram.

<sup>13</sup> É o ato pelo qual um espírito por intermédio da mente e mão de um médium passa a escrever algo.

o conhecimento empírico sobre o tema. Entre os esclarecidos estava o Gilberto Freyre que fez uma reflexão sobre o Congresso e afirmou que o mesmo foi

organizado com técnica inteiramente nova. Sem pompa e sem burocracia. Sentar-se-iam à volta da mesa, na cabeceira da qual se sucederiam os presidentes, conforme o assunto do dia, não só doutores, com grande erudição de gabinete e de laboratório, como ialorixás gordas, cozinheiras velhas, pretas de fogareiro, que trouxeram do fundo das cozinhas de mocambos receitas de quitutes afro-brasileiros quase ignoradas, negros de engenho, babalorixás, rainhas do Maracatu, outros analfabetos e semi-analfabetos, com um conhecimento direto de assuntos afro-brasileiros, estudantes de direito, de engenharia, de medicina, velhos folcloristas, íntimos conhecedores de técnica de Macumba, psiquiatras, artistas, intelectuais, jornalistas, representantes de jornais do Rio, e muitos outros. (CAMPOS, 2006, p. 140)

Este Congresso possibilitou a reunião de pessoas das mais diversas áreas a partir de um assunto o qual seria tratado como acadêmico, propondo debates sem provocar tensões religiosas, na busca por uma respeitabilidade as crenças e a de seus devotos. Porém, antes deste Congresso algumas pesquisas das primeiras décadas do século XX já tinham sido feitas e é também quando o psiquiatra, Ulysses Pernambucano, que o presidiu, cria o Serviço de Higiene Mental, além do Serviço de ter outras atividades, ele objetivava “estudos dos praticantes das religiões afro-descendentes que eram submetidos à observação e a “exames mentais””, para haver um “controle científico sobre as praticas religiosas” em substituição da “ação da polícia” crendo “que o transe, e outras formas de manifestação da doença mental pelos negros” foram trazidas da África (CAMPOS, 2011, p. 14-15).

Recursos financeiros foram doados por “médicos, advogados, comerciantes, entre outros” para que o Congresso pudesse ser realizado, estas doações fizeram com que este fosse considerado independente, pois não teve “nenhuma ajuda do governo, não se associou a nenhum movimento político, a nenhuma doutrina religiosa, a nenhum partido” (CAMPOS, 2006, p. 143), tendo apenas o apoio dos profissionais citados e do voluntariado estudantil. Além disto, teve grande repercussão nacional,

Em 10 de novembro, o Diário de Pernambuco informa que o Congresso está provocando em todo o país grande interesse, já tendo sido recebidas numerosas adesões do Rio, São Paulo da Bahia e do Rio Grande do Sul. (CAMPOS, 2006, p. 146)

Gilberto Freyre apresentou cinco pontos que seriam os princípios objetivados pelo Congresso, com destaque para três, os de números

2- o Iº Congresso Afro-Brasileiro louva a ação da Assistência a Psicopatas de Pernambuco reconhecendo nas seitas africanas de organização definida cultos religiosos e resguardando-as das perseguições policiais; ao mesmo tempo

protesta contra essas coerções, onde quer que elas ainda exerçam em nosso país.

4- o Iº Congresso Afro-Brasileiro protesta contra toda espécie de discriminação contra negros ou mestiços, que ainda se verifique no Brasil.

5- o Iº Congresso Afro-Brasileiro, apelando para a colaboração dos africanistas do país, recomenda a fundação no Rio de Janeiro de um Instituto Afro-Brasileiro, [...]. (CAMPOS, 2006, p. 151- 152)

Por meio destas representações podemos considerar que o Congresso estava em busca de uma análise psicológica dos integrantes dos cultos afro-brasileiros e ao mesmo tempo procurava agir em defesa do negro e de sua cultura perante a sociedade brasileira ao se referir no ponto dois sobre as perseguições policiais, no quatro a discriminação racial e no apelo do cinco para criação de uma instituição que cuide das questões afro-brasileiras. Boa parte destas questões foi percebida em parágrafos anteriores a respeito das perseguições e discriminação, mas neste momento tem-se a defesa da cultura e religião dos negros, um aspecto muito importante. Entretanto, o Congresso não se limitou em atender a uma “defesa” por completa, pois

Propõe-se a participação conjunta e harmoniosa de intelectuais, pais e mães-de-santo, cozinheiras, analfabetos e trabalhadores rurais nas discussões e debates travados. No entanto, essa participação tem o seu espaço delimitado, organizado, hierarquizado, em que se procura instituir uma nova forma de relação entre o saber e as práticas intelectuais, entre o saber e as práticas populares. (CAMPOS, 2006, p. 153)

Esta imposição traz, de certa forma, um descontentamento, pois seria possível somente o intelectual tratar de defendê-los, ou eles mesmos, negros e mestiços, seriam incapazes de realizar esta ação? Segundo Campos (2006) a Assistência a Psicopatas de Pernambuco desempenhava este papel e o mesmo “deverá fazê-lo o Instituto Afro-Brasileiro a ser criado na capital do país.” (CAMPOS, 2006, p. 153)

O 1º Congresso Afro-Brasileiro teve como resultado “dois volumes de trabalhos” sobre os negros, esses trabalhos foram realizados por estudiosos preocupados “em provar a aptidão do mestiço, a inferioridade ou a incapacidade do negro e as potencialidades” (CAMPOS, 2006, p. 155). Além destes volumes, um boletim, mais precisamente “o Boletim de Higiene Mental”, redigido pela “Diretoria de Higiene mental da Assistência a Psicopatas”, onde o responsável era o Ulysses Pernambucano, organizador e presidente do Congresso, ele esclareceu que

O Serviço de Higiene Mental mantém sob controle constante, sob observação, essas chamadas religiões inferiores. Ninguém pode ignorar o que de interesse para a Higiene Mental representa essa vigilância. Esse Congresso que se vai realizar trará aos nossos técnicos momentos de observação mais acurada,

material que só uma reunião dessas, ventiladas questões íntimas às seitas, poderá vir à tona. Não tem outro fim. (CAMPOS, 2006, p. 160)

Então o Candomblé, a Umbanda e outras religiões afro-brasileiras, tidas como seitas, seriam vistas, avaliadas e ou analisadas, bem como seus integrantes, com certo aprofundamento durante a realização do Congresso. Na década de 1930 o termo Higiene Mental designava os tratamentos médicos-psicológicos, e para psicologia os praticantes de religiões como estas e o espiritismo, sofriam de doenças mentais. “O “espiritismo” é perigoso exatamente porque pode ser o “fator desencadeador” da alienação mental.” (GIUMBELLI, 1997, p. 50)

Uma pesquisa realizada pelos psiquiatras Henrique Roxo e Xavier de Oliveira, ligados ao Hospital Nacional de Alienados, demonstrou que neste período o “espiritismo” era tido como o “terceiro fator entre as causas de alienação mental”, mas aqui o que eles denominavam de espiritismo, provavelmente eram todas as religiões que envolvessem relações espirituais ou com espíritos, o primeiro seria a sífilis e o segundo o alcoolismo, simultaneamente havia discussões entre eles “sobre as formas mais adequadas de se conceituar e tratar o que consideravam ser uma doença mental.” (GIUMBELLI, 1997, p. 47-48)

Conforme relatado em parágrafos anteriores, o espiritismo também foi “perseguido como um crime”, além de doença e teve que buscar por sua legitimação a partir do momento em “que suas práticas e suas doutrinas tivessem se tornado equivalentes” com de outras religiões, bem como “os cientistas sociais fossem reconhecidos como os intelectuais mais capacitados para a sua observação.” (GIUMBELLI, 1997, p. 34-35)

As tensões religiosas foram intensas em todo o Brasil, não somente nas décadas de 1930 e 1940, mas também anteriormente, com um maior rigor e punições ilegítimas, e posteriormente, tendo uma regulamentação jurídica, falha, para organizar os problemas e conflitos que eram gerados pelas religiões, por seus adeptos e por questões sociopolíticas.

No próximo capítulo veremos as situações de agitações e tensões que ocorreram em Aracaju, Sergipe, decorrente não somente das questões religiosas, mas de outras que envolviam principalmente a política, a administração e as relações de classes sociais.

Apresentaremos os conflitos religiosos existentes entre a Igreja Católica e o Espiritismo presentes numa área que na época (1920-1930) era considerada de expansão para os habitantes de Aracaju. Tal região passou por algumas denominações, como Aribé, Oficinas e, depois, Siqueira Campos, como é até hoje.



### **3. A FORMAÇÃO DO SIQUEIRA CAMPOS E A ORIGEM DOS CONFLITOS**

#### **3.1. DO ARIBÉ AO SIQUEIRA CAMPOS**

O processo de urbanização brasileiro foi decorrente de uma série de medidas e fatores, bem como das influências de processos econômicos, sociais, políticos e até mesmo religiosos que ocorreram na Europa durante o século XIX, entre alguns destes, pode-se citar o avanço tecnológico da Inglaterra e as práticas de embelezamento e urbanização das cidades francesas. Já no Brasil, especificamente em Sergipe, para atender os requisitos políticos, administrativos e econômicos, ocorreu a criação da nova capital em 1855, Aracaju, que antes era no município de São Cristóvão.

Em várias partes do mundo este processo de urbanização, de povoamento, de ocupação, foi realizado por intermédio da atuação da Igreja Católica na busca de fiéis e na salvação destes. Não poderia ser diferente em Aracaju, pois ao se instalara na área central da capital a Igreja, juntamente com as políticas públicas, por intermédio do Código de Posturas municipal, gerou este processo de surgimento de novos conglomerados periféricos devido às diretrizes estabelecidas, e nas áreas afastadas do centro proliferavam-se cultos do Candomblé, do Espiritismo e do Protestantismo.

Podemos perceber que desde a chegada da Coroa Portuguesa, em terras brasileiras, deu-se a cristianização do Novo Mundo. Índios (nativos) que em outros tempos andavam despidos e cultuavam divindades que para o olhar dos europeus eram exóticas, a partir de cerimônias ritualísticas representadas com passos sincrônicos de danças para adoração aos deuses que regiam as forças da natureza e os protegiam. Nesse sentido, crer em um deus que não fosse branco, com traços finos e os olhos claros era motivo de punição, e até morte. Conflitos religiosos como estes não marcaram apenas a história das religiões no Brasil, mas a história mundial.

O Brasil, como um país laico, em sua perspectiva jurídica, desde a promulgação da Constituição da República em 1891, concedeu legalmente o direito de culto religioso a toda e qualquer religião sem distinção, mas sabe-se que esse direito estava somente na teoria, pois era possível notar uma série de movimentos contra as religiões, não somente relacionados à religião que era considerada oficial, ou seja, a Católica, mas também algumas, como o Candomblé, a

Umbanda, o Espiritismo, o Protestantismo e outras, onde existiu e ainda existe um jogo de interesses sobre a atuação religiosa de cada uma destas.

Este processo de legalidade dos cultos também veio acompanhado por uma cadeia de mudanças organizacionais em seus caracteres políticos, econômicos, sociais e culturais, pois foi por meio destes que ocorreram várias tentativas de (re)estruturação como é o caso de planejamentos urbanos para as cidades nos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Um exemplo deste processo de urbanização foi o ocorrido no Rio de Janeiro, que sob a presidência de Rodrigues Alves, manteve uma luta contra epidemias e o descontentamento da sociedade carioca devido à obrigatoriedade da vacinação para o combate da varíola. Foi seguido o estilo arquitetônico francês, que também influenciou nas obras de outras cidades do país, a exemplo de Aracaju, que nasce planejada, no momento em que passa a ser a capital do Estado de Sergipe.

O escritor Mário Cabral enfatiza, na seguinte descrição, o interesse econômico dos comerciantes, ou seja, da elite, voltado ao espaço geográfico que facilitava a navegação para o transporte das sacas de açúcar, e este mesmo espaço passará a ser destinado para a transferência da capital, neste caso para a construção da cidade de Aracaju.

A princípio era uma praia deserta, uma vasta planície dominada pelas enchentes do oceano. Mas, desde o ano de 1590, esse local, por sua proximidade do mar, pela facilidade de se comunicar com Maruim e Laranjeiras, vinha sendo olhado com desusado interesse. (...) o porto começou a ser visitado pelas primeiras embarcações. O tempo corria. Em torno da igreja de Santo Antônio, no alto do Arraial da Colina, crescia o número de casebres. A vida política na província fervilhava. (...) Com a maioridade de D. Pedro II, todavia a vida política da província entrara em uma fase de completa serenidade. Os problemas administrativos voltaram novamente a interessar o governo. E o problema máximo era, inevitavelmente, o da capital sergipana, localizada, então, na velha e heróica Cidade de São Cristóvão, (...) na sua colina deixara de ser uma fortaleza, era um símbolo do passado. Pela Barra do rio Sergipe saíam 25000 sacas de açúcar, riqueza oriunda do famoso massapé do Vale do Cotinguiba. Em 1832, pensou-se em mudar a capital para a cidade de Laranjeiras ...mas ficava longe do mar. (CABRAL, 2001, p. 38-39)

O poder que a Igreja tem em formar povoações facilitou o crescimento da área escolhida para nova capital, juntamente com as ações econômicas como descrito por Cabral.

Este capítulo, parte do princípio de que a ocupação da zona Oeste de Aracaju foi decorrente, não somente do processo economicamente excludente do “Quadrado de Pirro”, mas também das influências religiosas, já que não era permitido, informalmente, qualquer tipo de prática que não fosse de caráter católica nela, e que a partir deste sentido pode-se perceber

através de Goffman o sentido que dá ao que chama de estigmatização<sup>14</sup>, onde a partir da marginalização da população e do favorecimento de cultos dos mais variados nas áreas distantes, surge o Aribé.

Local onde os cultos do candomblé, da umbanda, do espiritismo, do protestantismo eram livres e ganhavam cada vez mais adeptos, por este motivo houve a geração dos conflitos através da disputa pelo espaço entre a Igreja Católica e os demais credos que atuavam na região, além do fator da migração de pequenos comerciantes e feirantes, para ficarem mais próximos do abastecimento e escoamento das mercadorias.

“Na sociedade brasileira a configuração urbana seria marcada a partir da diferenciação religiosa dos grupos e das suas tomadas de posição” (ANDRADE, 2010, p. 95). Ao analisar esta citação de Andrade pode-se perceber certa semelhança com o que Goffman trata sobre a composição dos grupos, pois para ele

os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização que os engloba em maior ou menor medida.[...] Uma categoria, então, pode funcionar no sentido de favorecer entre seus membros as relações e formação de grupo mas sem que seu conjunto total de membros constitua um grupo. (GOFFMAN, 1988, p. 23)

Desta maneira procuramos demonstrar o surgimento do Aribé a partir do processo de construção e desenvolvimento do planejamento urbano da capital, popularmente conhecido como o “Quadrado ou Plano de Pirro” elaborado pelo engenheiro Sebastião Pirro e de como passaram a ocorrer alguns conflitos religiosos nele, decorrentes do processo de urbanização e ampliação da cidade, que fez com que houvesse uma segregação social, ou como aborda Goffman, uma estigmatização.

Como estava em processo de criação de uma cidade, pode-se questionar o que é ou o que seria uma cidade? Para Carlos Fortuna (2008, p. 14-16) a cidade deve ser pensada em três momentos. Num primeiro momento a “questão da relação cidade-comunidade”, a qual se faz referência à situação da Inglaterra com o desenvolvimento industrial e a articulação com o espaço rural, num segundo momento “o período entre guerras” que preservava o sentido de comunidade sem expandir a racionalização urbana e o ordenamento da cidade modernista, e por fim a viragem no equacionamento da relação cidade-comunidade, ou seja, o rompimento

---

<sup>14</sup> Processo pelo qual as pessoas sofrem um tipo de identificação que pode ser determinada por uma ou mais categorias a qual ou as quais pode se definir por uma ocupação funcional, por exemplo, ou até mesmo “os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (GOFFMAN, 1988 p. 07).

desta relação. Mas também ele diz que “a noção de cidade se restringiu à espacialidade física do edificado”, ou seja, daquilo que foi construído materialmente. (FORTUNA, 2009, p. 86). Já Louis Wirth (1997, p. 50) menciona que “para efeitos sociológicos, uma cidade pode ser definida como um agregado relativamente extenso, denso e estável de indivíduos socialmente heterogêneos”.

Para Michel de Certeau, a cidade pode estar definida por uma tríplice operação, sendo a primeira, “a produção de um espaço próprio”, a segunda, o estabelecimento de “um não-tempo ou um sistema sincrônico e a terceira, a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade” (CERTEAU, 1994, p. 173), a partir destas operações pode-se destacar a terceira, pois ela é composta por uma multiplicidade de elementos que compõem as características atuais das cidades modernas, como um modelo político, o avanço da tecnologia, associações e entre outras características.

### **3.2. A URBANIZAÇÃO DE ARACAJU**

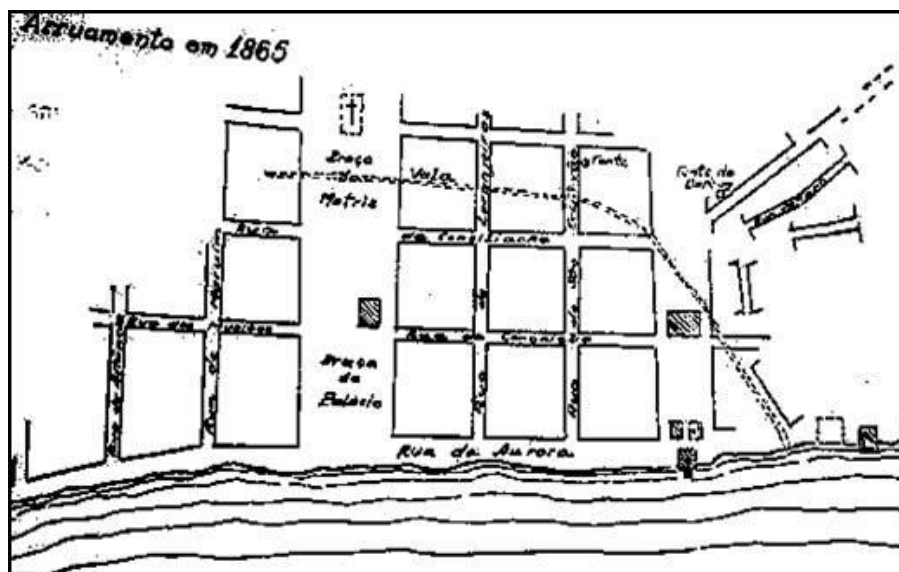
Por meio do conceito de cidade dado por Certeau (1994) percebemos alguns aspectos no planejamento urbano feito para a cidade de Aracaju, que se deu sobre as ordens do presidente da província, Inácio Joaquim Barbosa, sendo realizado um mapeamento da área mais propícia para sua construção, e esta tarefa foi passada para uma comissão de engenheiros, onde o então Sebastião José Basílio Pirro liderou o projeto e selecionou uma área favorável para a entrada e a saída de mercadorias.

O projeto de planejamento urbano ficou até hoje conhecido como o “Plano” ou “Quadrado de Pirro”, já que a planta desenvolvida por ele tinha uma formatação semelhante a de um tabuleiro de xadrez, e que entre os maiores interesses estavam o político e o econômico, para projeção e execução da construção da capital.

A capital ficou dividida em quadras bem delimitadas e cumpriam as exigências municipais com relação aos espaçamentos, como por exemplo a largura das ruas. Podemos observar uma representação disto logo em seguida no esboço representado na imagem de número 01, além dela colocamos em anexo<sup>15</sup> uma imagem aérea da região fotografada na década de 1920.

---

<sup>15</sup> Anexo I.



Fonte: (PORTO, 1991.)

Na parte inferior da imagem a Rua da Aurora, atualmente Avenida Ivo do Prado, as perpendiculares São Cristóvão, Laranjeiras, Maruim e Estância, caracterizada pelas quadras com suas delimitações por meio dos nomes das ruas, as praças identificadas por meio de um simbolismo de poderes, ou seja, Praça da Cadeia (poder militar), atual General Valadão, Praça da Matriz (poder religioso), atual Olímpio Campos, onde é visualizada uma cruz, e logo abaixo a Praça do Palácio (poder político-administrativo), atual Almirante Barroso, e na parte direita do mapa, um arruamento fora dos padrões que seria uma antiga estrada que ligava o povoado de Santo Antônio do Aracaju às margens do Rio Sergipe. Segundo Waldefrankly R. de A. Santos (2007, p. 64),

No projeto de Basílio Pirro, a cidade foi traçada em estrutura urbana ortogonal bem simplificada: 32 quadras simétricas de 110m x 110m (55 braças de lado), separados por vias de medidas iguais de 13,20 metros (60 palmos), prevendo uma extensão do projeto para 1.188 metros (540 braças) iguais nas direções norte, oeste e sul a partir da atual Praça Fausto Cardoso.

Por conta desta projeção urbana da capital, a área escolhida pelo engenheiro sofreu um processo de enobrecimento, assemelha-se, em parte, ao que aconteceu recentemente na cidade de Recife, particularmente no Bairro do Recife Antigo. O sociólogo Rogério Proença Leite demonstra que apesar de não ter ocorrido em todo perímetro do bairro, é demonstrada uma preocupação com o patrimônio cultural, e a “exclusão”/afastamento social das pessoas que frequentavam o lugar como um espaço público, pois este faz parte dos processos identitários e dos bens culturais acumulados pelos ocupantes ou passageiros. O autor analisa a situação das formas de uso e contra-usos do espaço, por meio dos ambulantes, engraxates, bares,

restaurantes, boates, casas de *shows*, pela própria prefeitura com a realização de espetáculos culturais, além de descrever suas delimitações geográficas e realizar uma metáfora no que o autor chama de “calçada-luz” (caracterizada pelo uso de pessoas com condições econômicas consideradas favoráveis) e “calçada-sombra” (usada por pessoas menos favorecidas). (LEITE, 2007, p. 227)

Sendo assim, por meio da consideração do uso dos espaços públicos, é perceptível que a cidade planejada de Aracaju não era para todas as pessoas, da mesma forma que a “calçada-luz” do Bairro do Recife durante o horário da noite. Morar em Aracaju era somente para os que tinham condições econômicas para aquisição de um lote na área da nova capital, e até mesmo quem morava na área antes do processo de urbanização não teve condições de permanecer por lá devido às exigências estabelecidas pelo Código de Posturas<sup>16</sup> do Município aprovado em 1912, entre algumas exigências, conforme o Capítulo II Artigo 4º, estava à manutenção da mesma estrutura da planta da cidade no 2º e 4º distritos municipais, sendo o 2º correspondente à atual localização do Siqueira Campos<sup>17</sup>, o afastamento, assim, da região central e deslocamento para as demais, como é o caso do então chamado Aribé.

### 3.3. O ARIBÉ

A região do Aribé, de acordo com o mapeamento/planta da capital ficaria por trás da cidade urbana, ou seja, no sentido oeste, conforme o “Plano de Pirro”, um local afastado do centro onde viviam pessoas marginalizadas devido suas poucas condições econômicas (FREITAS, 1999). Esta descrição se faz a partir da observação da planta traçada pelo engenheiro e do estudo de alguns pesquisadores, sendo ocupada pelos antigos moradores da área, mas não somente por eles como também por pessoas provenientes de outras regiões, pessoas estas que vinham do interior do Estado, como de Laranjeiras, Nossa Senhora do Socorro, Simão Dias, Itabaiana, Lagarto, Estância, e de fora dele, como baianos, alagoanos e pernambucanos, pois este processo de construção/urbanização gera uma oferta de trabalho/emprego e muitos são os que saem de uma cidade para outra pela necessidade de algum tipo de oportunidade profissional que lhe seja conveniente. Ao analisar alguns processos-crime se faz a comprovação destes migrantes, observe:

---

<sup>16</sup> O Código de Postura é composto por um conjunto de leis e diretrizes normativas instituídas na tentativa de organizar a cidade e criar condições para que seu desenvolvimento acontecesse. Através dele se propõe um controle de todos os aspectos da vida em sociedade seja de âmbito público ou privado em benefício de uma modernização contínua.

<sup>17</sup> Anexo II.

Manoel Coryntho de Oliveira, filho de João de Oliveira, 17 anos, nascido em Divina Pastora, trabalhador, morador da rua do Aribé. José Cyrino de Carvalho, filho de Marcolino José de Carvalho, 30 anos, nascido no Rio Grande do Norte, negociante, morador da rua do Aribé. Manoel Mires Fernandes Cutia, filho de Evaristo Epiphany, 26 anos, nascido em Pão de Assucar – Alagoas, lenhador, morador no Aribé. Modesto Rodrigues dos Santos, casado, filho de Manoel Rodrigues dos Santos, 28 anos, nascido na Bahia, caldeireiro das oficinas da Estrada de Ferro, morador no bairro Aribé. Samuel Cardoso de Aguiar, filho de Manuel Cardoso de Aguiar, 35 anos, nascido em Estância, segundo Sargento do Batalhão Policial do Estado. (FREITAS, 1999, p. 33)

Dentre os cinco migrantes, apenas dois são do estado de Sergipe e três de fora dele, além de terem ocupações diferenciadas, porém habitantes do Aribé. Mas não chegava somente à mão de obra, como também a instalação de novas empresas, a exemplo da Companhia Ferroviária Leste Brasileiro que se estabelece em 1914, vindo com ela alguns de seus funcionários como o Modesto Rodrigues dos Santos. Com estabelecimento da Leste o bairro também passou a ser chamado de Oficinas, mas preponderava mesmo era o nome de Aribé.

A seguir pode ser observada a imagem de número 02 que representa a Companhia Ferroviária Leste Brasileiro com suas instalações e enquanto estava em seu pleno funcionamento.



Fonte: Jornal da Cidade – 31/03/98

Ao certo não se sabe a origem do nome para o bairro, especula-se que tenha existido uma tribo indígena chamada Aribé na região. Porém, não se tem vestígios de nenhum tipo ou

registro sobre esses indígenas. Mas, segundo o Dicionário de Verbetes Aracajuano<sup>18</sup> “O nome Aribé foi dado durante a Intendência de Teófilo Dantas depois do levantamento das construções daquela área da zona oeste da cidade onde morava a ceramista e oleira Maria Aribé”. Acredita-se que “Aribé”, provavelmente, deva-se chamar dessa maneira em decorrência das vendas de vasos de cerâmica (os aribés) e assim ficou conhecida na cidade por conta dos utensílios produzidos pela Maria Aribé. Ainda hoje, os mais antigos moradores do bairro e os memorialistas do estado costumam chamá-lo de “Aribé”.

Em parte de um artigo da Revista Alvorada houve uma evidência com relação ao Aribé, informando que ficava “para lá do curral” onde se praticava o candomblé, embora se correndo o risco de ser picado pelas muitas cobras da redondezas” (FREITAS, 1999, p. 35), ou seja, o espaço de estabelecimento deste bairro era praticamente inóspito, pois não havia um processo de urbanização, já que se corria o risco de ser picado por cobras, significa dizer que seria uma área de matas, sítios, chácaras, provavelmente semelhante a uma zona rural, e como pode ser percebido havia a prática de cultos religiosos não católicos. Estes aconteciam nesta área, por conta de seu distanciamento do centro comercial e administrativo, bem como, pelo distanciamento que tinha da Igreja Católica, da Matriz, como pode ser observada sua localização no mapa do arruamento da cidade. Segundo Maia (1998) o afastamento da zona urbana constituía um “espaço livre” propício para instalação das casas de santo e um de seus entrevistados confirma esta informação, além de situar os terreiros:

[...] a maioria [dos terreiros] era ali no Siqueira. Porque lá era um pouco distante do centro. Porque naquele tempo o Siqueira...ninguém queria uma casa por ali...Maria de Pelage era na rua de Rio Grande do Sul, um lá com paraíba, outro cá com Bahia (Tonho de Omulu”- Sacerdote). (MAIA, 1998, p. 25)

Referente à localização das práticas do candomblé também se tem o uso da expressão “para lá do curral” que pode ser vista, erroneamente, como uma orientação de percurso ou de lugar, que para Michel de Certeau (1994, p. 201-202) um lugar como distinção de um campo a ser delimitado “é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” e que o espaço é o “cruzamento de móveis” (movimentos) sendo que este “estaria para o lugar como a palavra quando falada”, ou seja, para ele “o espaço é um lugar praticado”, já para Manuel Castells (1999, p. 467) “o espaço e o tempo são as principais dimensões materiais da vida humana” referindo-se a interação entre a natureza, o meio, e a sociedade como por efeito das transformações históricas atuais, e que “um lugar é um local cuja

---

<sup>18</sup> **Gazeta de Sergipe**. 1983. s/d



forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contigüidade (proximidade) física” (CASTELLS, 1999, p. 512), enquanto que os “lugares não são necessariamente comunidades, embora possam contribuir para sua formação” (CASTELLS, 1999, p. 515).

Um *lugar* é sempre um espaço de representação (...) mediante práticas sociais e usos semelhantes. (sendo que) Os lugares urbanos têm fronteiras, mas elas não são necessariamente fixas e muito menos dadas: são construídas socialmente e negociadas cotidianamente com outros lugares no complexo processo de interação pública, através da qual afirmam suas singularidades, emergem conflitos, dissensões e, eventualmente, consensos. (LEITE, 2007, p. 284-286).

Esses conceitos tratam somente de uma questão que é a tentativa de esclarecer o que é lugar, e pelas definições propostas, a apropriação mais adequada para este trabalho seriam as de Manuel Castells onde “um lugar é um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contigüidade física”, e a de Rogério Proença Leite onde “um lugar é sempre um espaço de representação (...) mediante práticas sociais e usos semelhantes”, pois “para lá do curral”, “Curral do Bomfim” estabelece “um crime e uma vergonha para a Cidade de Aracaju” uma vez que este representa “o mais baixo núcleo de prostituição”, considerado “o último degráu, em escala descendente, no caminho do vício, da miséria e do sofrimento” (CABRAL, 1948, p. 75).

Deste modo, é perceptível que a formação do Aribé ocorreu através do excludente “Quadrado de Pirro”, pois nele “as terras tinham preços elevados e o código de posturas impedia a moradia de pessoas menos abastadas, as quais se estabeleciam fora dos limites dos planos” (FREITAS, 1999, p. 18) e construíam casas “ligeiras e com cobertura de palha”<sup>19</sup> num local considerado medonho que foi ocupado por pessoas de várias regiões como já mencionado.

A população do então “Aribé” foi crescendo e sendo formada por pessoas de vários municípios do interior de Sergipe, que tinham como principal finalidade vender nas feiras livres e devido às dificuldades para a locomoção nas primeiras décadas da República, a falta de transporte público e de boas estradas para o tráfego, estes homens e mulheres acabavam edificando barracos, casas de palha, até vender seus bens ou utensílios artesanais. Dessa forma, esses migrantes expandiram o processo de moradia no “Aribé”, como atesta dona Zunária, antiga moradora do Siqueira Campos,

Eu nasci em 1924, em Aracaju. (...) Eu vim para o Siqueira com minha mãe. Ela era das Várzeas de Laranjeiras e meu pai de Riachão. Ela me trouxe novinha, com um ano mais ou menos. (...) Tem uns oitenta e cinco anos que

---

<sup>19</sup> Código de Posturas do Município de Aracaju – Capítulo II Artigo 6º.

eu moro aqui no Siqueira, mas eu digo oitenta e seis porque eu vim bem novinha. Aqui era tudo areia, aquela areia preta e mato. Tinha essa rua aqui, a Rua Bahia, que sempre foi à rua principal. Tinha outras ruas como a Rua Pernambuco, mas tudo era areal. A Igreja Católica, antes ficava nela. Era uma casinha de madeira (...). O bonde passava por aqui, na Rua Bahia, o ponto era aqui na frente de minha casa. Por aqui também era cheio de água, a gente ia aos terrenos pegar água. O bairro se chamava Aribé. (...) Depois tudo mudou, as coisas foram aumentando e eu moro aqui de atrevida que eu sou. Hoje só tem comércio.

As informações do relato da senhora Zunária são bem descritivas. Observa-se inicialmente o ano de seu nascimento, conforme relata Fernando Porto:

O Aribé começou francamente em 1923. Lá era considerada zona rural. Em 1924, estudando no “Tobias Barreto”, fizemos um passeio a essa região e nos perdemos... por que era mato puro, com aquela porção de estradinhas por um lado e para o outro. (...) o bonde elétrico facilitou a moradia no “Siqueira Campos”. Era um lugar para onde se encaminhavam aquelas levas que começavam a deixar a cidade (apud. FREITAS, 1999, p. 29).

Outro destaque é a naturalidade dos pais da informante. Verifica-se como realmente era a multiplicidade de migrantes dos mais distintos municípios sergipanos, além disto, o relato feito sobre o relevo geográfico do Aribé, não somente pela senhora Zunária, mas também pelo professor Fernando Porto ao afirmar que a região “era considerada zona rural”.

Para Louis Wirth (1997, p. 49) a vida rural apresentará marcas de urbanismo, à medida que for sofrendo influências da cidade, e isso se faz presente no relato acima a respeito do bonde. A senhora Zunária indica quais eram as principais vias da região, destacando que a Rua Bahia como a principal e que tinha algumas outras também importantes, por onde passava o desenvolvimento tecnológico, ou seja, o bonde. Mas o que chama a atenção é a informação de haver uma Igreja Católica, como ela faz referência, “em uma casinha de madeira”, pois oficialmente a Igreja no Siqueira Campos só começa a ser erguida em 1945. Foi a então Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, porém se vê que modestamente a Igreja estava buscando por seu “espaço” dentro dos limites do Aribé.

Antes da Igreja Católica se estabelecer na região as práticas religiosas eram feitas pelo espiritismo, pelo protestantismo e por cultos afros que segundo a Ata Eclesiástica de 1944 era “para o Aribé onde florescem o Espiritismo, o Candomblé, o Protestantismo e o Comunismo”<sup>20</sup>, ou seja, havia um aumento significativo dos mais variados credos, inclusive movimentos ideológicos, neste bairro periférico. Mas não era somente no Aribé, que havia estas religiões

---

<sup>20</sup> Ata eclesiástica de 1944. **Livro de Tombo da Igreja Nossa Senhora de Lourdes**. Praça Dom José Thomaz. Bairro Siqueira Campos. Aracaju/SE.

com suas instituições ou “casas”, elas também estavam presentes no centro da cidade, na capital, de certa forma nos primeiros anos de seu desenvolvimento, onde poderia pensar que somente estava edificada a Igreja Matriz, entretanto, segundo Monteiro de Jesus (2006, p. 29)

[...] Martins Peralva informa que o primeiro centro de estudos espíritas de que se tem notícia em Sergipe,..., foi constituído no começo do século XX nos idos de 1903, na residência de Seroa da Mota, na antiga praça da Matriz, hoje praça Olímpio Campos[...]

Com a existência desse centro de estudos tão próximo a Igreja Matriz como seria a relação entre o mesmo e os membros dele com os católicos e até mesmo com os padres? O processo de ocupação e urbanização, do Brasil e de muitas regiões do mundo só se deu a partir da investida católica pela busca de um aumento no número de fiéis, o que também gerou vários conflitos com outras religiões. Não poderia ser diferente em Aracaju, já que no mapa do arruamento da nova capital consta simbolicamente o local da construção da Igreja Matriz, e através dessa representação nota-se que havia uma exclusão das demais religiões, que foram se consolidar em áreas mais afastadas que as do “Plano de Pirro”, como no Aribé, no Bairro América, no 18 do Forte e nas regiões circunvizinhas. Para Porto (1943, p. 114),

A ação do urbanismo abrange todos os ramos da atividade municipal, desde os problemas de ordem técnica, como o sistema de vias públicas, a edificação, os transportes, o saneamento, o paisagismo, aos problemas sociológicos, econômicos e financeiros, não deixando de lado nenhuma atividade urbana.

Como é visto no artigo “De ‘Curral’ a portão da cidade” do Jornal da Cidade – 31/02/98 onde é observado que “... somente a partir de 1928 veio se ter notícias do surgimento de alguns casebres.” Porém no mesmo artigo há a informação de que “uma preta velha conhecida como Maria das Vacas já andava por aquelas bandas desde o tempo do imperador” e que os ocupantes “Muitos deles foram índios, pessoas ligadas ao candomblé ou os operários da fábrica de pratos rasos;” No jornal Gazeta de Sergipe (22/08/1971) há a descrição de que as habitações iam “do simples mocambo à vivenda mais moderna” eram “completamente variadas e muitas seguem a formas de construções bem idealizadas da alvenaria. Outras são apenas feita de <<taipa>> e algumas são barracos de madeira ou zinco...”.

Havia a necessidade de uma estruturação urbana e esta seria imposta pelo “Código Nacional de Urbanismo, discutido e aprovado (...) no Rio de Janeiro em Janeiro de 1941,” onde obrigava ser estabelecido “um plano e um programa regulador de localização e expansão” a “todas as cidades de mais de 10000 habitantes” (PORTO, 1943, p. 119). Nesta década da aprovação do “Código Nacional de Urbanismo” o então Siqueira Campos já contava com um número maior de habitantes, pode-se dizer que era uma cidade dentro de outra.

### 3.4. OS CONFLITOS NO ARIBÉ

Diferentemente do início de sua formação, quando ainda era chamado de Aribé, depois de bairro das Oficinas devido às atividades da Estação Ferroviária, onde se encontravam poucos grupos religiosos, o Siqueira Campos hoje tem certa variedade de instituições, porém não é mais perceptível a existência de terreiros de Candomblé, Umbanda, Nagô e/ou Toré na região. Mas ainda há a permanência de alguns dos estabelecimentos que se faziam presentes durante o processo de surgimento e desenvolvimento do bairro, tais como a Assembléia de Deus, a Igreja Nossa Senhora de Lourdes e o Grupo Espírita Irmão Fêgo.

Atualmente, pentecostais, neopentecostais, espíritas e católicos compõe o quadro de fiéis do Siqueira Campos, não sendo apenas moradores deste, mas também de outros bairros e conjuntos próximos que vão até as instituições religiosas contidas nele. A seguir pode ser observada uma tabela demonstrativa com as que permaneceram e se legitimaram no espaço, e com algumas que surgiram, bem como seus nomes, endereços e sua classificação que será a guia de apresentação da organização da tabela.

<b>Classificação</b>	<b>Nome</b>	<b>Endereço</b>
Católica	Paróquia Nossa Senhora de Lourdes	Rua Distrito Federal (Praça Dom José Thomaz)
Católica	Igreja Santa Rita de Cássia	Rua Acre, em frente à EMSURB.
Espírita	Grupo Espírita Irmão Fêgo (GEIF)	Rua Vereador João Claro, n.º 261.
Evangélica Histórica	Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons)	Rua Porto Alegre, n.º 147.
Neopentecostal	Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)	Rua Santa Catarina, n.º 136.
Pentecostal	Igreja Evangélica Assembléia de Deus	Rua Bahia, n.º 836.
Pentecostal	Igreja Evangélica Independente	Rua Espírito Santo, n.º 498.

Pentecostal	Congregação Cristã do Brasil	Rua Amazonas, n.º 115.
-------------	---------------------------------	------------------------

Além desta tabela demonstrativa também foi realizado um mapeamento cartográfico do bairro Siqueira Campos. Este se deu por meio da pesquisa de campo e pela utilização de uma planta urbanística concedida pela Prefeitura Municipal de Aracaju e elaborada no mês de julho do ano de 2010, recentemente, contendo as quadras que compõem o bairro<sup>21</sup>, característica marcante da cidade de Aracaju, um segmento do projeto de urbanização (“Quadrado de Pirro”), suas ruas e avenidas, ou seja, suas demarcações, e nesta planta foi colocada a localização das instituições, sendo representadas, em sua maioria, por círculos e quadrados, cada uma distinguida por uma cor como pode ser visto na legenda e tendo os nomes das instituições abreviadas, mas sendo facilmente reconhecidas por meio da tabela.

Ao se tratar de sua área, seus limites geográficos, como se percebe na planta (página 53), sua demarcação corresponde a seguinte descrição:

- Trecho da Av. São João Batista iniciando na Rua Frei Luiz até a Av. Augusto Franco (antiga Rio de Janeiro);
- Trecho da Av. Augusto Franco (antiga Rio de Janeiro) iniciando na Rua São João Batista até o seu prolongamento;
- Prolongamento da Av. Augusto Franco (antiga Rio de Janeiro) até a Av. São Paulo;
- Trecho da Av. São Paulo iniciando no prolongamento da Av. Augusto Franco (antiga Rio de Janeiro) até a Rua Paraíba;
- Trecho da Rua Paraíba iniciando na Av. São Paulo até a Rua Porto Alegre;
- Trecho da Rua Porto Alegre iniciando na Rua Paraíba até a Rua Paraíba até a Rua Acre;
- Trecho da Rua Acre iniciando na Rua Porto Alegre até a Rua Frei Luiz;
- Toda a Rua Frei Luiz.

A atual descrição da localização das instituições não interfere no processo de disputa e/ou concorrência dos bens de salvação, elas ainda permanecem. Mas de uma maneira diferenciada.

Por uma questão de estética e organização textual, o mapa que elaboramos indicando as localizações estará na página seguinte, onde se pode ter uma melhor visualização.

---

<sup>21</sup> Projetada numa escala de 1/5.000, o que significa dizer que ele foi reduzido em 5.000 vezes do seu tamanho original, onde um (1) centímetro corresponde a 50 metros da realidade.



Em Aracaju, não eram poucos os casos de embates entre as mais diversas religiões, outros estudos feitos sobre estas práticas, como o de Andrade (2010, p. 190) que analisa a situação da Igreja Católica para resguardar o domínio que detinha sobre o *mercado* dos “bens de salvação” através de “ataques aos praticantes do protestantismo, espiritismo e maçonaria” faz com que se percebesse que não era somente o espiritismo e o protestantismo que sofriam perseguições em nossa capital, e que não era somente a Igreja Católica que praticava algum tipo de perseguição para com o espiritismo, o candomblé e entre outros, mas também os protestantes. Segundo Andrade (2010, p. 194),

O Espiritismo era combatido porque tinha sobre o homem uma grande “força de sedução”. (E que) Nas primeiras décadas do século XX a presença do espiritismo em Sergipe, principalmente em Aracaju, era notória. As primeiras reuniões para leituras e práticas mediúnicas começaram a partir de 1903 numa residência na praça da Matriz.

Praticamente toda a população sabia de sua existência sendo por intermédio daqueles que praticavam o espiritismo, mas não afirmavam ser espíritas, o que raro acontecia e quando ocorria mantinha-se em sigilo, ou pelas práticas de perseguição que eram realizadas, assim a sociedade aracajuana o via. O catolicismo formal era visto no sentido de proteger a Igreja Católica, pois, para o fiel católico, somente o padre está autorizado a falar de Deus, e este deve combater todas as religiões ou manifestações religiosas consideradas ilegítimas, porém este tipo de catolicismo pode ser caracterizado a partir de uma autoidentificação de pessoas de outros credos como sendo católicas. A entrevistada Maria dos Santos diz que:

[...] aqui (no Aribé) não tinha nada, aqui não tinha escola, aqui não tinha igreja. A igreja que tinha aqui, era a Assembléia de Deus, não aquela que tá sofisticada... aqui tinha a Igreja Protestante e o Centro Espírita. (FREITAS, 1999, p. 41)

Estas foram algumas das primeiras instituições religiosas da localidade, pois se verificou que além do Centro Espírita, neste caso denominado de “Irmão Fêgo”, havia uma Igreja de caráter protestante, chamada “Assembléia de Deus”. Mas não somente estas instituições como também grupos de outras religiões, especificamente nagô, toré, genericamente alcunhados por aqueles que não eram seus seguidores de “Xangô”, porém a imprensa publicava como sendo “candomblé”, mantendo assim certo respeito.

Dentre o número de Centros Espíritas existentes em Aracaju se destaca o segundo, atualmente Grupo Espírita “Irmão Fêgo” que foi reconhecido como tal em 14 de outubro de 1937 (JESUS, 1997, p. 74) antes com a alcunha de Grupo “Humildade” fundado pelo senhor

Basílio Martins Peralva<sup>22</sup>, estabelecido em seu domicílio, local onde eram realizadas as doutrinárias na antiga comunidade do “Aribé”, desenvolveu no período de sua fundação, e até hoje, não mais no mesmo endereço, a doutrina kardecista ou o espiritismo. O Centro Espírito Humildade passa a ser dirigido pelo senhor Elphego Nazário Gomes (JESUS, 1997, p. 80) que após o falecimento do “Irmão Fêgo” o presidente da União Espírita Sergipana, o Senhor Lívio Pereira da Silva, assume as responsabilidades do Grupo “Humildade”, e em homenagem ao “Irmão Fêgo”, pelos trabalhos por ele prestados ao movimento espírita, muda o nome do Grupo “Humildade” para o então Grupo Espírita “Irmão Fêgo”.

Mesmo com a nova direção as doutrinas ou doutrinárias eram realizadas frente à casa do Senhor Basílio Martins Peralva, mas por intermédio do “(...) sr. Braz Laport (que) possuía faixa de terreno na esquina da rua Basílio Rocha com Goiás, (...), (era um) local ideal para que se construísse a Sede do Grupo” (JESUS, 1997, p. 81). A primeira Sede do Grupo passa a existir e teve sua aprovação por meio de Assembléia Geral em 14 de outubro de 1937. (JESUS, 1997, p. 73-74).

Construída a Sede do Grupo entre os anos de 1937 a 1940 (JESUS, 1997, p. 81) passaram a ser realizados nela os mesmos trabalhos, com as mesmas finalidades e objetivos que o “Irmão Fêgo” fazia<sup>23</sup>. Além destes afazeres o Senhor Lívio Pereira organizou métodos para que fossem possíveis os estudos evangélico-doutrinários pela utilização das obras básicas<sup>24</sup>. Com a fundação da Sede e com a nova direção, eram realizadas as ações filantrópicas, pois um simples funcionário da Ferrovia Leste Brasileiro, apenas um funileiro<sup>25</sup>, o “Irmão Fêgo”, não teria condições de auxiliar outras pessoas que necessitassem de uma ajuda financeira. O relato da senhora Helena, que já foi moradora e integrante do Grupo Espírita em questão, informa que:

[...] quando o Senhor Lívio assumiu nunca pediu nada a ninguém, (...), ele quando precisava, assim, da ajuda de alguém, ele arranjava os recursos lá fora, com os amigos dele, não incomodava o pessoal da Instituição (...). Quando o seu Lívio desencarnou que Jamil assumiu, é a mesma coisa, e o Jamil tinha uma vantagem né, ele tinha recursos próprios, então o Jamil nunca pedia, às vezes ele sentia a falta de alguém na Instituição, aí dizia: Helena, fulano nem dona fulana não têm vindo a reunião, (...), procure vê o endereço, procure lá saber e tal, (...) e se fosse um caso de ajuda financeira (...) assumia tudo.

---

<sup>22</sup> Inventário de Testamento: Arrolamento Judicial. 20/03/1935. Caixa n.º 101 (\*?/ ? /1879 - +20/05/1931).

<sup>23</sup> A leitura de passagens do “Evangelho Segundo O Espiritismo”, as orações e os passes que eram realizados nas pessoas presentes as reuniões.

<sup>24</sup> O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo.

<sup>25</sup> O profissional que trabalha com folha de flandres, (ou outra metálica), que a molda, dá corpo e vida.



A primeira Sede teve curta duração, pois com a transferência da Ferrovia Leste Brasileiro da Avenida Coelho e Campos para a Praça Expedicionária, muitas casas foram desapropriadas, dentre elas a recém-construída Sede do “Irmão Fêgo” (JESUS, 1997, p. 93). Senhora Helena afirma que “foi mais de mil casas que a Leste indenizou”. A partir disto pode-se perceber uma grande quantidade de habitações em apenas uma faixa do bairro para um local considerado periférico. Com o valor recebido pela indenização, a Sede teve que ir para outro local sendo:

Deslocada a Instituição que foi para a Rua Vereador João Claro (antiga Rua Sergipe), no ano 1945, a Diretoria, assessorada pelo benfeitor e amigo Jamil Chadud e dirigido pelo companheiro Daniel Monteiro de Jesus (...) adquire terreno com área que possibilitasse a construção da nova Sede, com estrutura física que comportasse, entre outros serviços sociais, gabinete médico, dentário, albergue, escolas, etc., o que felizmente aconteceu!. (JESUS, 1997, p. 99)

A construção desta nova Sede se deu com muita dificuldade, a Senhora Helena contou que juntamente com outros membros começaram

[...] a pegar o material que foi demolido do prédio que nós tínhamos porque a Leste, ela demolia, agora deixava o material pras pessoas, (...), então nós carregamos esse material, o que se pode aproveitar, telha, (...), madeira, tijolos, nós carregamos da Rua de Basílio Rocha, da esquina, até a Rua de Sergipe, era os homens com os carrinhos de mão, as moças também, (...), no domingo de manhã fazíamos esse trabalho, (...), levamos o material todo assim. Primeiro nós construímos um barracão de palha muito bem feito, botamos os bancos, a mesa, puxamos a eletricidade e fazíamos nossa reunião ali, (...), o alicerce sendo construído e nós ali no meio no salão de palha [...].

Mesmo com tantos esforços algumas formas de representativas das disputas foram registradas em jornais da época, como por exemplo, “A Cruzada”, onde no artigo “Lançada a Primeira Pedra da Matriz de N. S. de Lourdes”<sup>26</sup> é possível observar a confirmação do estudo de Freitas que no Aribé:

Não havia e não ha ali uma só igreja, onde o povo pudesse desobrigar-se de seus deveres religiosos, em compensação porém proliferam abundantemente os centros espíritas, os candomblés, a feitiçaria e toda sorte de antros dessa natureza, valendo-se da ignorancia religiosa do povo para arrasta-lo à pratica nociva e perniciososa dos mais abjetos usos e supertições.

A construção da Igreja caracterizaria “peças importantes na encenação promovida pelo catolicismo, pois reafirmavam diariamente o contato entre o sagrado e os homens”, visto que

---

<sup>26</sup> Lançada a Primeira Pedra da Matriz de N. S. de Lourdes. **A Cruzada**, Aracaju, Ano XI / Segunda Fase, n.º 438, 25 de mar. de 1945, p. 1.

“O esplendor de uma igreja significava para uma região o cumprimento da fé, a exaltação do poder católico e da sua gente” (ANDRADE, 2010, p. 92-93). Além do uso do discurso realizado em missas e nos artigos, a senhora Helena relatou que:

[...] os padres faziam procissão, entrava no meio do povo, levando o povo, o povo da procissão jogando coisa no povo, laranja, (...), mais o povo ali firme, ninguém saía, oí era uma confusão doida.

Este tipo de ação acontecia durante as chamadas doutrinárias que eram realizadas frente ao Grupo “Humildade”, antes da criação da Sede, que segundo Monteiro de Jesus (1997, p. 80), foi passado ao “Irmão Fêgo” pelos “protetores espirituais que todos permanecessem em meditação” para que os católicos não conseguissem algum tipo de reação. De acordo com Freitas (1999, p. 42) não foi somente este grupo que sofreu algum tipo de repressão, os que participavam do “candomblé” também:

O Esporte daqui era o candomblé, era cruzado. De Sábado pra Domingo nos tempos de setembro, caruru, aquela coisa toda batia que zuava o mundo todo. Quem botou eles pra correr foi saudoso Monsenhor João Lima, quem fez essa igreja, foi quem botou eles pra fora. Nos dias que estava danado batendo, não deixava ninguém dormir né. Ai ele mandava vá pras areias. O Esporte era esse, era cruzado Bahia, Rio Grande, Pernambuco. Já morreram tudo, foram embora. Não tem mais nada, se acabou.

O Candomblé se fazia presente com alguns terreiros, como os de Manezinho Sandaió situado à Rua Bahia, o de Zeca ou Zequinha do Pará no Alto da João de Croa e o de Mãe Nanã, “Abaça São Jorge”, que tentou se estabelecer no Aribé, mas sem obter êxito, deslocou-se para o Bairro América, na Rua Equador, onde permanece até os dias atuais (SOUZA FILHO, 2010, p. 15-87). O “cruzado” referido por Freitas está relacionado a uma mistura dos cultos, uma “troca” de experiências religiosas, onde pode ser observado em entrevista a José Obacassô (MAIA, 1998, p. 29) que:

[...] Quem era nagô também era toré, como eu; a falecida Maria de Pelage, a falecida Izabel Gorda, só quem tocava toré era Diolinda do 18 do Forte, o resto tudo era nagô e toré. Pedro Tamanquinho era toré, nagô ele tocava muito pouco, João Cabecinha era nagô, mais tocava toré, todo brasileiro tem caboclo, ai tocava naquela época tore[...]

Os praticantes destes cultos, em geral se reuniam “aos domingos, no bairro do Aribé, sob o patrocínio do Cafuzo Daniel” (MAIA, 1998, p. 20), sendo este considerado um importante representante das práticas dos ritos africanos na região. Além dele tinham-se outros que ocuparam partes do Aribé e são mencionados por Maia através das entrevistas que realizou, como:

[...] Tinha Antonieta, na Suissa, **tinha no Siqueira Maria de Pelage**, tinha Daniel(...) Esse pessoal brincava nagô. Finado Miúdo, finado Zenão, finada Dores, finada Izabel Gorda, seu Manuca, brincava nagô (Santa de Caçador – Sacerdotisa). (**Grifo Nosso**)

Era a falecida Izabel Gorda, a falecida Izabel de Pelage, era a falecida Maria José das Areias, era Manoel Esperança, era João Cabecinha, **tinha na rua de Pernambuco com maranhão** e Maria Paulina, o finado Miúdo, Dores, o finado Daniel. (Jacira – sacerdotisa) (**Grifo Nosso**)

Tinha Antonieta, **tinha Zé do Obacossô que era ali na Rua de Rio de Janeiro**, tinha Maria de Pelage, João Cabecinha [...] (Marizete- sacerdotisa). (**Grifo Nosso**) (MAIA, 1998, p. 28)

A Igreja Católica era uma das instituições que mais condenava e criticava outras formas de religiosidade. Durante os primeiros cinquenta anos do século vinte a Igreja Católica se mantinha firme no combate a outros credos a partir do discurso de que as pessoas estavam sendo enganadas e que as instituições não católicas se aproveitavam da falta de conhecimento (ignorância) dos moradores e frequentadores do Aribé. Porém, manteve um retardamento em relação ao estabelecimento de uma instituição de sua ordem no local e quando dá início a sua representação por meio da construção de uma igreja busca exaltá-la, informando que:

Aí está uma obra que se inicia sob os melhores auspícios e que de certo vem ao encontro de uma grande e imperiosa necessidade espiritual e social de nossa florescente capital(...), temos certeza de que embora com grande dificuldade num prazo relativamente curto a população do velho Aribé terá sua Igreja, a sua matriz, onde todos possam ouvir a palavra de Deus e se aproximar das fontes inesgotáveis de sua graça. (A Cruzada – 25 de março de 1945)

A Igreja Nossa Senhora de Lourdes é construída na Praça Dom José Tomaz, nome do primeiro arcebispo de Sergipe que ficou a frente da Igreja Católica de 1911 a 1948, ano de sua morte<sup>27</sup>, sendo esta praça um espaço de sociabilidade<sup>28</sup> do bairro, que por meio da iniciativa do Monsenhor João Moreira de Lima dar-se início nos anos trinta do século vinte a obra da futura praça em um terreno bastante pantanoso e alagadiço. Juntamente com a praça, funda-se a primeira escola pública de ensino infantil de Aracaju, o Jardim de Infância José Garcez Vieira, em 1944, pelo o então prefeito de Aracaju, José Garcez Vieira<sup>29</sup>.

A chegada da Igreja no Siqueira Campos foi dada de maneira progressiva para estabelecer-se na área como uma religião legítimo-dominadora por meio de seus “especialistas”, ou seja, dos padres, a partir das “funções sociais”, como por exemplo, a

<sup>27</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquidiocese\\_de\\_Aracaju](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquidiocese_de_Aracaju). Acesso em 4/07/2010.

<sup>28</sup> Entendendo-se de acordo com Georg Simmel (2006, p. 60-61) como “a forma na qual (...) os indivíduos, em razão de seus interesses (...), se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam”.

<sup>29</sup> <http://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=20783>. Acesso em 4/07/2010.

fundação e manutenção de uma creche para favorecimento das mães trabalhadoras que habitavam o bairro deixarem seus filhos enquanto cumpriam suas atividades profissionais, caracterizando uma “manipulação simbólica das aspirações” de consagração vinculadas “a estrutura de relações econômicas e sociais vigentes” (BOURDIEU, 1999, p. 46), ao instalar-se na atual Praça Dom José Thomaz.

As disputas no campo religioso entre católicos e espíritas em Sergipe são perceptíveis na imprensa local. No artigo do jornal “A Cruzada”, denominado “Espiritismo e Bom Senso XVI Condição Indispensável para obter os Fenômenos Espiriticos”<sup>30</sup>, a Igreja Católica passa a questionar cada vez mais o espiritismo descrevendo que os fenômenos espíritas são concedidos por meio de “uma condição sem a qual certamente não pode passar. Esta condição é o pacto com o diabo”. Mas os espíritas buscam se defender ao pronunciar que não existe tal pacto, porém o mesmo artigo contesta a partir da articulação de que:

Embora neguem os spiritistas a necessidade desta condição, embora atestem por sua vez terem exercido as práticas spiritísticas, terem obtido os fenomenos e fatos mais estupendos sem necessidade de fazerem trato com o diabo; nós tomando nota de seus protestos, de suas atestações, lisonjeamos nos igualmente de convencer ao povo que sem esse pacto não é possível obter os ditos fatos e fenomenos. (A cruzada – 25 de fevereiro de 1945)

Em “A má Fé Espírita”<sup>31</sup>, artigo do mesmo jornal, denota as questões sobre as práticas do espiritismo como sendo:

[...] a mentiralhada que ainda toda essa história de psicografar obras de quem já morreu (...) a pés juntos que todo é verdade; (...), vem o médium, agora que a curiosidade é grande em torno de uma demonstração que o salvaria das garras da justiça e colocaria o espiritismo num plano de seriedade e respeito [...]

Apesar do uso do espaço público não havia uma situação de democracia ou o que Carlos Fortuna (2008, p. 27) poderia chamar de “democracidade” que seria uma interação do espaço público no sentido de manter uma real democracia perante as relações sociais. Estas relações eram, na maioria das vezes, como pode ser perceptível, conflituosa. Provavelmente estas possam ser esclarecidas por meio da relação do *habitus* religioso presente no *campo* em disputa, já que este é um “princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural” o que faz com que haja a geração “da estrutura das relações objetivas entre a *demandas religiosa...* e a

---

<sup>30</sup> Espiritismo e Bom Senso XVI Condição Indispensável para obter os Fenômenos Espiriticos. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, Nº 434, 25 de fevereiro de 1945, p. 1 e 2.

<sup>31</sup> A má Fé Espírita. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 414, 27 de agosto de 1944, p. 1.

*oferta religiosa*” (BOURDIEU, 2009, p. 57), onde a disputa pelo *campo* se caracteriza por uma relação entre dominantes e dominados, pelos fiéis a partir das ofertas de bens e serviços que possam ser oferecidos através dos agentes presentes no espaço, já que a realidade observada demonstra grande difusão e aceitação espírita, mesmo estes, os espíritas, sendo estigmatizados pelos católicos como os que se valiam “da ignorância religiosa do povo”<sup>32</sup>, situação incômoda aos agentes católicos.

A identificação dos espíritas, mas não somente destes, como dos praticantes de outros credos, pode ser apresentada por meio de um convívio social que segundo Goffman (1988, p. 43) é “a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado (que) pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são”, um dito popular pode melhor esclarecer o que ele quer dizer, seria “diga-me com quem andas e eu te direi quem és” demonstrando que a partir de determinadas atitudes, comportamentos, uso de certas vestimentas, de símbolos pode haver a identificação do indivíduo ou dos indivíduos dentro de um grupo ou grupos que integrem posições sociais e até mesmo estilos de vida. Observa-se que “essa divisão do mundo do indivíduo em lugares públicos, proibidos, e lugares retirados, estabelece o preço que se paga pela revelação ou pelo ocultamento e o significado que tem o fato de o estigma ser conhecido ou não” (GOFFMAN, 1988, p. 43).

No estudo realizado por Maia, observa-se que de acordo com os relatos de seus entrevistados, a Igreja não se envolvia tanto nas práticas dos cultos afros, mas que a repressão a estes era realizada por meio do “Esquadrão da Cavalaria”, o que seria hoje o Esquadrão de Polícia Montada - EPMon, pois como afirma José Augusto (Sacerdote):

Um dia entrou na minha casa, lá na Avenida Rio de Janeiro, cavalo do esquadrão, com os cavaleiros e tudo, só não puxavam a espada e não batiam em ninguém, só queriam furar os atabaques e acabar com a festa, havia sempre alguém que dizia alguma coisa [...]. (MAIA, 1998, p. 66-67)

Como visto anteriormente, na entrevista a Maria dos Santos, as festas que “zuavam” eram também combatidas desta maneira, isto ocorria, provavelmente por conta de denúncias de católicos, moradores descontentes ou até mesmo de seus participantes por conta de algum desentendimento.

Mas o Aribé era considerado por muitos um lugar bom de morar, visto como o maior e o mais populoso era constituído principalmente por operários e pequenos proprietários e

---

<sup>32</sup> Lançada a Primeira Pedra da Matriz de N. S. de Lourdes. **A Cruzada**, Aracaju, Ano XI / Segunda Fase, n.º 438, 25 de março de 1945, p. 1.

comerciantes. O cronista Mário Cabral expressa que se quiser “... matar o tempo, dê um passeio ao Bairro Aribé, (e) veja a grande feira do sábado”, além da feira tinha-se o “Mercado do Aribé” comparado ao “Mercado Modelo” (CABRAL, 1948, p. 168/226) devido sua grandiosidade e frequência populacional.

### 3.5. O SIQUEIRA CAMPOS

O crescimento do bairro do Aribé pode ser relacionado com as fases do capitalismo, conforme demonstra Bárbara Freitas:

[...] Na primeira fase do loteamento dos sítios o capitalismo iniciava a sua penetração na área, ainda de forma tímida e, em consequência da necessidade de outra área, isto é, do centro da cidade. Já na Segunda fase, quando da implantação da rede ferroviária, era o capitalismo comercial que lá se instalava e se fixava de forma veemente. Na terceira fase, quando se processa a implantação da rodovia e surgem as vias de acesso ao centro da cidade bem como as BR-101 e 235 [...] (FREITAS, 1999, p. 43)

A primeira fase é caracterizada com as práticas de “Mariano Salmeron Navarro, um espanhol que deu início ao loteamento e posse de terras no Aribé” (Jornal da Cidade – 31/03/98) ao realizar aforamentos com preços bem oportunos. Na segunda fase além da implantação da ferrovia, como já mencionado, se instalavam pessoas de várias regiões do Estado e de fora dele. Na terceira fase têm-se o que poderia ser chamado de “portão da cidade” (Jornal da Cidade – 31/02/98), pois a abertura da rodovia percorre a área que constituiu o Aribé.

O Aribé muda de nome. Esta mudança aconteceu em decorrência de um fator histórico ocorrido no Brasil que foi o levante dos “18 do Forte” em 05 de Julho de 1930. Em homenagem ao vulto heróico do levante, o Intendente Municipal Camilo de Calasans, a partir do Ato n.º 1 de 03 de janeiro de 1931, determina a passagem do nome Aribé para Siqueira Campos<sup>33</sup>, momento em que o bairro vivia uma crescente ocupação e desenvolvimento. Foi neste momento de transição e desenvolvimento que surgiu o candomblé em Sergipe, oriundo da Bahia. As sessões assumem a função de atrair adeptos (MAIA, 1998), em meados da década de 1930 a 1960. Na década de 1970 o bairro era ocupado por pessoas caracterizadas como “do simples trabalhador braçal, (...) ao abastado comerciante”. Em sua demarcação possuía “cerca de 45 quarteirões”. “Ao todo o Siqueira tem 34 ruas (...) piçarradas (com muitos buracos) e outras pavimentadas a paralepipedos.” Além de ter “três templos evangélicos que são: Assembléia de Deus, Igreja Congregacional e Congregação do Brasil”, porém nele ainda se percebe a “Igreja

---

<sup>33</sup> Decreto Lei. Nº. 1. TJ/ST. Documentos Diversificados. 06/10/1948. CX.2008.

Independente” e a “Igreja Nossa Senhora de Lourdes”. Em 1971 tinha cerca de “22.500 habitantes” (Gazeta de Sergipe, 15/08/1971; 22/08/1971).

E o bairro, apesar de territorialmente ser o mesmo, não parou de crescer, tanto demograficamente quanto economicamente, apresentando significativas alterações paisagísticas, ou seja, casas que eram residenciais passaram a ser comerciais, mas isso não ocorreu com todas e em todas as ruas.

O Siqueira tem hoje, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 36.474 habitantes morando em 3.754 casas. O bairro é o único de Aracaju que tem comércio próprio. (Jornal da Cidade – 31/03/98).

Hoje ele fica bem mais próximo a área do Centro em razão das ruas Laranjeiras e São Cristóvão, consideradas as principais vias de acesso e saída para a área central de Aracaju. A imagem de um lugar distante do “Quadrado de Pirro”, de uma região quase rural foi mudada. Uma pesquisa realizada por Lebrad (2006) em parceria com a SEPLAN (Secretária do Planejamento do Município de Aracaju) apresenta vários aspectos referentes ao processo de urbanização e desenvolvimento econômico e social da cidade de Aracaju, bem como dos bairros mais próximos ao centro comercial, entre eles, obviamente, o Siqueira Campos.

Atualmente apresenta uma variada rede de comércios e serviços onde se observa certa concorrência entre o bairro e o Centro. Apesar da caracterização de uma área comercial, ele tem a Praça Dom José Tomaz que pode ser vista como área de lazer para os moradores do mesmo. Entretanto há uma falta de manutenção da mesma, o que desfavorece seu uso. Além da praça, poucas são as opções de lazer, pois os cinemas que tinham foram fechados ou tornaram-se “templos evangélicos” (Jornal da Cidade – 31/03/98) como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, localizada na Rua Santa Catarina no lugar do Cinema Plaza. Lebrand (2006, p. 46-47) informa a partir dos dados coletados, das observações e entrevistas que “a biblioteca pública Clodomir Silva”, além da praça, é “mais um ponto de atração do Siqueira Campos” que “organiza encontros, exposições, parcerias com escolas públicas” e consequentemente atraia moradores de outros bairros.

O bairro em questão, até mesmo enquanto Aribé foi e é considerado o mais populoso da capital, reconhecido como o segundo centro comercial da capital devido seu desenvolvimento econômico. Este apresenta uma variedade de estabelecimentos comerciais e de serviços, como por exemplo, autopeças, supermercados, clínicas, bancos e entre outros.

Foi percebido que o Siqueira Campos passou a ser ocupada no início do século vinte por pessoas das classes populares, pretos e pardos pobres que acabavam de conhecer uma nova realidade política e social do Brasil, o período republicano. Essa região, inicialmente, pelo vazio

demográfico traçado pelo “Quadrado de Pirro”, fez com que todos os tipos de pessoas vivessem incluídos nela. Eram pessoas que tinham “procedência duvidosa”, pobres, criminosos e “mal afamados” perante a administração pública e a população da cidade.

Ao passar dos anos com a chegada da Companhia Leste Ferroviária na região, como já foi dito, e a incorporação dessa área ao “Quadrado de Pirro” com novas políticas públicas para o aterramento dos pântanos, das lagoas e abertura de ruas, a área correspondente foi ficando cada vez mais valorizada e serviu de foco para as especulações imobiliárias em seu caráter residencial e comercial.

Recentemente, o Bairro Siqueira Campos é um grande centro comercial, considerado o segundo da capital, pois o primeiro ainda é o centro da cidade, espaço projetado para a mudança da capital. Mesmo sendo comercialmente ativa, não deixa de manter algumas das práticas religiosas do período de sua formação, como as missas da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, as doutrinárias do Grupo Espírita “Irmão Fego” e os cultos da Assembléia de Deus, da Igreja Universal do Reino de Deus e sustenta, assim, um “simbolismo da vida religiosa e clerical”.

Trataremos no próximo e último capítulo sobre a atuação dos embates religiosos presentes na mídia impressa sergipana, mais especificamente de Aracaju, principalmente sobre as representações católicas e espíritas em suas disputas pelo campo religioso desta localidade dentre os anos de 1944-1945 e 1947-1951.



## 4. TENSÕES NA IMPRENSA RELIGIOSA EM SERGIPE

Relativo ao que foi apresentado e sobre a pesquisa local feita por nós, conseguimos encontrar certo número de jornais religiosos em Sergipe, tanto católicos quanto espíritas e também protestantes. Alguns deles já encontramos catalogados e digitalizados, enquanto outros deste mesmo seguimento ainda poderão ser descobertos e com isso deverá ser feito tal procedimento.

Dentre os jornais localizados estavam: O Christão (Protestante/1919-1927), A Cruzada (Católico/1920-1922)<sup>34</sup>, A Semente (Espírita/1925-1927) – tendo também um de mesmo título sendo católico, O Arauto (Católico/1936-1937), A Voz do Pároco (Católico/1932-1934), O Luzeiro (Espírita/1932-1935), O Juvenil Espírita<sup>35</sup> (1948-1951) que foi analisado e apresentado neste capítulo, e A Semente (Católico/1962-1965-1991).

Seguindo as mudanças provocadas ao longo da história do jornalismo e da imprensa no Brasil tomamos o cuidado de analisar os jornais trabalhados conforme sua composição, ou seja, sua produção, objetivos e finalidades. A partir deste ponto serão apresentadas essas análises para demonstrar o uso da mídia nos embates religiosos em Aracaju-Sergipe.

### 4.1. O JORNAL A CRUZADA

Esse jornal foi escolhido para análise nessa dissertação por ser um mecanismo midiático de grande circulação e aceitação social, pois a população, em sua maioria católica, dava grande credibilidade na produção de seus artigos, suas notícias, informativos e luta religiosa em prol dos bons costumes, da moral e da família. Além de apresentar várias temáticas em âmbito local, regional, nacional e internacional.

A partir dessas informações e longevidade que ele apresentou no cenário aracajuano, partimos para seu uso como uma das fontes de composição deste trabalho, pois desde 1925 foram encontrados artigos que demonstravam um combate contra o Espiritismo.

---

<sup>34</sup> Essa referência corresponde ao que foi catalogado e digitalizado que compõe o DVD número 1 do projeto “Escrevendo em nome da fé e diante das vicissitudes históricas...”: Imprensa cristã e artigos cristãos nos jornais laicos sergipanos”, mas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe tem outras edições também digitalizadas, além dele impresso nessa instituição e na Biblioteca Pública Epifânio Dória.

<sup>35</sup> Uso inédito, pois sua digitalização pelo projeto “Escrevendo em nome da fé e diante das vicissitudes históricas...”: Imprensa cristã e artigos cristãos nos jornais laicos sergipanos” só estará disponível a partir de janeiro de 2018 onde será lançado o DVD número 2 juntamente com a realização de um evento proposto pelo professor doutor Antônio Lindvaldo Sousa.

O foco nos artigos referentes ao Espiritismo se deu através da forma em que ele, o Jornal A Cruzada, esboçava críticas feitas a este credo. Muitas delas transmitiam certo rigor, dureza, injúrias, então buscamos entender o porquê disto e conflitar as informações por meio de mecanismos de difusão e/ou defesa dos espíritas, um deles foi o Jornal Juvenil Espírita que será apresentado posteriormente.

Vale ressaltar uma abordagem já feita sobre este jornal no capítulo intitulado A “BOA IMPRENSA” EM SERGIPE na obra Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe, de autoria de Péricles Andrade, onde esse mecanismo midiático poderia alcançar o maior número de pessoas possíveis, pois se elas não chegam ao púlpito, o púlpito chega até elas. Ele é descrito como o mais importante difusor do combate as ideologias doutrinárias de qualquer relevância que se opusesse a Igreja Católica, além de restringir os laços com o poder político para enaltecer seu papel social e religioso perante seus leitores, o que revela sua dissimulação no chamado movimento cruzadístico. (ANDRADE, 2010, p. 157-166)

Notadamente era perceptível a preocupação apresentada pelo jornal A Cruzada com relação ao Espiritismo. Podemos dizer que isso ocorria porque era uma nova difusora das ideias de Cristo que cativava as pessoas de diferentes credos e fazia com que elas buscassem conhecer essa nova religião, por isso o combate da Igreja Católica contra ela.

O Jornal A Cruzada, dentro do período de setembro/1944 à fevereiro/1945, tinha como diretor o Cônego João Moreira Lima, composto por uma média de 4 páginas em cada edição, abordava assuntos sociais, tais como relacionados a Segunda Guerra Mundial, políticos, referentes as decisões adotadas pela situação da guerra militar, algumas propagandas (remédios, alimentos, bancos, indústrias, cinema), relatórios sobre os auxílios para manutenção do jornal, além dos religiosos, como festas de santas em outros municípios.

O Jornal A Cruzada era tido como uma arma que poderia ser defensiva ou ofensiva conforme seu uso e que deveria ser mantido a qualquer custo<sup>36</sup>. Ele lançou uma série de artigos dominicais, num total (encontrado) de 13 periódicos entre setembro de 1944 a fevereiro de 1945, com o título “O Espiritismo e o Bom Senso” acompanhado de subtítulos.

O primeiro artigo foi a “Difusão do Espiritismo”<sup>37</sup> onde expôs a percepção de sua presença em qualquer lugar que se chegasse, desde lugarejos até grandes cidades, onde ele pode ser defendido ou condenado por aqueles que não acreditavam ou até mesmo pelas escrituras bíblicas, pois “Deus na Sagrada Escritura ameaça de extermínio as populações que se entregam

---

<sup>36</sup> Necessidade da imprensa católica. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 417, 24 set. 1944, p. 2.

<sup>37</sup> O espiritismo e o bom senso – I - Difusão do Espiritismo. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 417, 24 set. 1944, p. 3.

a infames superstições, às consultas das almas dos defuntos...” e diz que a Igreja, segundo os Decretos de Pio IX, poderia excomungar aqueles que praticassem o espiritismo.

O segundo e terceiro artigos que A Cruzada abordou sobre o Espiritismo foram denominados por “Primeiro motivo da difusão do espiritismo” e “Segundo motivo da difusão do espiritismo”<sup>38</sup>, ambos presentes na mesma edição.

Segundo o artigo do A Cruzada, não é necessário ser filósofo ou teólogo para perceber que o espiritismo é “uma arte saída do inferno” e que o povo deveria estar “munido de mais san instrução” para evitar a germinação e frutificação do espiritismo, quer dizer que ele dever ser combatido, visão essa de um representante a Igreja Católica.

Sobre o primeiro motivo, foi alegado que deveria haver um maior grau de instrução das pessoas para que não se interessassem pela doutrina espírita, pois era considerada uma arte infernal, no entanto as “praticas espiritisticas” estavam bem relacionadas com as pessoas que tinham um nível de instrução mais elevado, pois ao ser trazida para o Brasil, essa doutrina era vista como sendo somente da e para elite, para os letrados, este fator também possibilitou que houvesse um desvincular da dominação católica.

O segundo motivo da difusão do espiritismo era a “astúcia e dextreza” dos “Apostolos d’esta seita” que estavam espalhados por todos os lugares e o difundiam por meio de seus “discursos com grande maestria de palavras, e com tanta arte retórica” (será que somente os espíritas cometiam tal prática?) que convencia as pessoas a caírem no espiritismo e não se livravam facilmente (o espiritismo seria uma prisão?).

O quarto artigo da série, “Terceiro motivo da difusão do espiritismo”<sup>39</sup>, não deixa claro qual seria este terceiro motivo, pois o mesmo tem uma tendência a lutar contra o espiritismo apresentando-o como uma “seita” que comete “fraudes e enganões” onde os católicos devem combatê-lo por todos os meios possíveis, já que tem se espalhado largamente e presta “serviço ao demônio” ao entrar com “afoito nas famílias” e “seduz a mocidade inexperiente”. Esses motivos fazem com que a Igreja e os católicos devam combater o Espiritismo, uma vez que ele “não dá por fruto senão a maldição da Igreja”.

Na mesma edição, consequentemente, foi apresentado o artigo “O Espiritismo e os Desabusados”<sup>40</sup> onde são apresentados nomes de cientistas e clérigos que passaram a fazer

---

<sup>38</sup> O espiritismo e o bom senso – II - Primeiro motivo da difusão do espiritismo e III - Segundo motivo da difusão do espiritismo. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 418, 01 out. 1944, p. 2.

<sup>39</sup> O espiritismo e o bom senso – IV - Terceiro motivo da difusão do espiritismo. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 419, 08 out. 1944, p. 2.

<sup>40</sup> O espiritismo e o bom senso – V – O Espiritismo e os Desabusados. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 419, 08 out. 1944, p. 2.

estudos sobre o Espiritismo, visto pelos “desabusados modernos” como uma “arte de berliques e berloques” (magia) que encanta o povo, e os católicos também, mas que não o viam como uma brincadeira de “rapazetes”, pois “academicos, magistrados, fidalgos, grandes senhores e até príncipes e rei coroados” passaram a praticá-lo.

Com base na descrição feita pelo jornal A Cruzada no parágrafo anterior, percebemos que o espiritismo estava sendo difundido e estudado por pessoas que eram consideradas maduras, de vários níveis sociais e culturais, estudantes, professores, políticos, grandes proprietários, reis, ou seja, por uma elite.

Muitas foram as acusações da Igreja com A Cruzada de o Espiritismo ser algo demoníaco e que poderia prejudicar a família, a moral e os bons costumes, mas também demonstrou que até mesmo seus representantes se sentem seduzidos em querer saber o que eram as práticas espíritas e porquê ele se ampliava.

A Cruzada, na edição de número 420 <sup>41</sup>, além do artigo da série “O Espiritismo e o Bom Senso”, também trouxe o artigo intitulado “Os católicos perante o Espiritismo” no qual aconselhou que não se deveria ceder ao Espiritismo nem as suas práticas, a orientação seria “seguir à risca e escrupulosamente, as diretivas da Santa Igreja” e não assistir reuniões espíritas, invocar espíritos, possuir e ler livros espíritas e nem se relacionar de qualquer modo com o Espiritismo, pois “a verdadeira luz somente nos pode vir de Roma”.

Ainda na mesma edição (num. 420), no sexto artigo da série analisada, o subtítulo “O Espiritismo e os Espíritas” <sup>42</sup>, revelou a descrição de que os espíritas foram questionados sobre o que é o Espiritismo? A resposta foi: uma forma de comunicação entre os homens com os espíritos, e a partir dessa resposta foi feita uma análise na qual os espíritos que se manifestam nas reuniões espíritas não são os que estão “no céu”, ao lado de Deus ou dos Santos, mas sim os condenados, os que estavam unidos “a Satanás e todos os outros demonios”. Na conclusão, afirmou-se que evocavam “o demonio e com ele se familiariza”, e isso não passa de uma “coisa ridícula e inteiramente contrario não só ao bom senso, mas até ao senso comum”.

O Espiritismo foi tratado como uma seita diabólica, uma “coisa” que dever ser evitada por todos de bom senso, e combatido. A todo momento, foram percebidos os ataques e as injúrias, constantes nos artigos. Mas, e os espíritas? Eles não reagem? Mais adiante apresentaremos algumas formas de reação deles.

---

<sup>41</sup> Os católicos perante o Espiritismo. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 420, 15 out. 1944, p. 2.

<sup>42</sup> O espiritismo e o bom senso – VI – O Espiritismo e os Espíritas. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 420, 15 out. 1944, p. 3.

Em “Que é Realmente o Espiritismo?”<sup>43</sup>, com uma descrição convicta, A Cruzada o definiu como uma arte de “verdadeira comunicação do homem com o Satanás”, que representa um “daqueles comercios diabolicos”, e não é preciso “um rico aparato de conhecimentos científicos” para desmascará-lo como uma fraude.

O Espiritismo foi bastante relacionado as religiões de matiz africana, que também eram combatidas pela Igreja e apresentadas como iguais, mecanismos de contato entre os homens e satanás.

Alguns artigos desta série eram continuados em páginas diferentes na mesma edição ou no número seguinte, como foi o caso do artigo “De Alguns Ensinamentos Espiritisticos”<sup>44</sup>, iniciado na edição de número 421 e continuado na 422. A descrição feita pelo A Cruzada sobre alguns dos ensinamentos do Espiritismo condiz com a maneira pela qual os espíritas da atualidade ainda transmitem.

Nesta edição de número 421 foram apresentados alguns dos princípios básicos (existência de Deus, do mundo material e espiritual, dos espíritos superiores e dos espíritos inferiores, do perísprito, da encarnação) para o conhecimento da crença espírita, tal análise deve ter sido feita através de um estudo aprofundado, para ensinar aos católicos como deveriam conhece-lo para poder negar (combater) tal “seita”.

Na continuação do artigo (edição número 422<sup>45</sup>) foi feita uma abordagem de como o Espiritismo distinguia os espíritos (espírito bom e espírito impuro), a função da encarnação, e a linguagem da comunicação entre os médiuns e os espíritos (“...os bons empregam uma linguagem nobre...; os maus ao envez, usam uma linguagem vil, grosseira, e alimentam sempre os vícios e as vaidades,...”).

Tal apresentação sobre o Espiritismo não levaria os católicos a busca por conhecê-lo? Teria a Igreja Católica pesquisado sobre o Espiritismo apenas para combater-lo? Esses questionamentos foram postos aqui apenas como reflexão. O nono artigo fez “Breves Observações Sobre as Doutrinas Espiritisticas”<sup>46</sup>, tais como aquelas que queriam se edificar “sobre as ruínas do Evangelho de Cristo”, ao apresentarem Deus como criador do bem e do mal estariam a praticar um deísmo, e segundo a doutrina espírita, os homens não poderiam ser

---

<sup>43</sup> O espiritismo e o bom senso – VII – Que é Realmente o Espiritismo?. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 421, 22 out. 1944, p. 1, 3.

<sup>44</sup> O espiritismo e o bom senso – VIII – De Alguns Ensinamentos Espiritisticos. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 421, 22 out. 1944, p. 3.

<sup>45</sup> O espiritismo e o bom senso – VIII – De Alguns Ensinamentos Espiritisticos. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 422, 29 out. 1944, p. 2.

<sup>46</sup> O espiritismo e o bom senso – IX – Breves Observações Sobre as Doutrinas Espiritisticas. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 422, 29 out. 1944, p. 2, 3.

responsáveis por suas ações, isso induz o leitor a crer “Por tanto a Deus creador se deveria atribuir a responsabilidade” e tais doutrinas seriam abraçadas pelos selvagens.

Os termos usados pela Igreja para representar o Espiritismo e os espíritas não eram usados aleatoriamente, se fazia muito bem a escolha para dar uma conotação de algo que é ruim, tanto para um católico que se sentisse seduzido a conhecer a doutrina quanto para aqueles que não fossem católicos, isso nada mais era do que uma estratégia, uma maneira de manter os seus fiéis distantes da “seita Satânica” e angariar novos crentes.

Algumas pessoas participaram das doutrinas espíritas e não se sentiram bem, pois como “Consequencia do Ensino Espiritistico”<sup>47</sup> “deixaram de pertencer a seita e convertidos tornaram ao gremio da Santa Mãe a Igreja”. Nas sessões espíritas, segundo A Cruzada, os espíritas condenavam práticas católicas, diziam que “o pecado original é uma fábula”, “o purgatorio um negocio lucrativo”, ou seja, a interpretação que era dada pelos espíritas pode ter sido convertida pelos católicos para sua autodefesa e uma maneira de ataque, pois foram vistos como fraudulentos, enganadores, e outros adjetivos.

Os exemplos tidos como de má fé foram os modos de comunicação entre os espíritos ou as almas dos defuntos, as práticas da psicografia (onde algum médium escreve sobre um papel a mensagem do espírito) e das sessões mediúnicas ou evangélicas (reunidos em uma mesa médiuns – homens e mulheres – fazem a evocação dos espíritos), eles representam os moldes “De Algumas Praticas Espiritisticas Mais Elementares”<sup>48</sup>.

O periódico de número 425 não continha uma continuidade da série que até aqui apresentamos e não trouxe qualquer notícia relacionada ao Espiritismo. O de número 426, onde provavelmente possa está o décimo segundo artigo sobre “O Espiritismo e o Bom Senso” não foi localizado, nem digitalizado, nem impresso, no Instituto Histórico de Sergipe – IHGSE e na Biblioteca Pública Epifânio Dória. O que nos leva a crer que este artigo poderia ser encontrado em tal edição é a sequência das demais, pois no número 428 consta o décimo terceiro artigo. Já o de número 427 e 429, da mesma forma que o 425, não apresentou nenhum artigo a respeito da luta contra o Espiritismo.

A continuação, com o décimo terceiro artigo, foi intitulada de “Alguns Fatos Espiritisticos”<sup>49</sup> onde apresentou a manifestação do espírito de uma mulher com afeição a sua

---

<sup>47</sup> O espiritismo e o bom senso – X – Consequencia do Ensino Espiritistico. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 423, 12 nov. 1944, p. 2.

<sup>48</sup> O espiritismo e o bom senso – XI – De Algumas Praticas Espiritisticas Mais Elementares. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 424, 19 nov. 1944, p. 2.

<sup>49</sup> O espiritismo e o bom senso – XIII – Alguns Fatos Espiritisticos. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 428, 1 jan. 1945, p. 2.

filha que dormia e se fez acordar e falar com a mãe que não mais vivia, tal fato foi para mostrar as pessoas que desde o falecimento da esposa, ele e sua filha ainda mantinham contato com a mesma. No mesmo artigo, foi descrito uma outra demonstração de fatos espíritas, este aconteceu em Florença – Itália, onde “um famoso *medium* americano” tinha ido “oferecer a sociedade espiritística dali uma prova de sua potente virtude medianica”.

O fato descrito foi o de os objetos ao redor deles, em assembleia, de mãos dadas ao redor de uma mesa terem ganhado “vida”, todos se moviam, flutuavam, a mesa parecia “um animal raivoso, mugia, rangia, bramia...”, algumas pessoas presentes tentavam manter a mesa no chão, pois ela flutuou no ar e “tres corajosos sentaram se em cima da mesma para forçarem no a estar quieta”, os espíritas denominaram este acontecimento de mesas girantes. O artigo possui uma continuidade em página posterior (da 2 para a 7), mas a mesma não consta no arquivo.

Uma das dificuldades em se trabalhar com os jornais como fonte é a ação do tempo sobre o material que foi usado para produzi-los, a forma que o mesmo foi armazenado nas instituições, pois ocorre um clareamento da impressão, o manuseio favorece o seu desgaste, porque pode se rasgar ou se quebrar, já que o papel resseca, entre outras situações.

O artigo décimo quarto foi encontrado no periódico de número 430 de 23 de janeiro de 1945, sua primeira parte na página 2 estava, infelizmente, ilegível, de tal forma que não era possível ler frases por completo, mas em sua continuação na página 4, mesmo sem o subtítulo, percebemos que tratou sobre os fenômenos espíritas e a relação com a crença e negação destes. Foi mencionado que várias pessoas, de diferentes partes do mundo (Brasil, Itália) já haviam visto e descrito com tanta estima e confiança que era incapaz de realmente negá-los.

Ao final dele, a uma ênfase positiva ao Espiritismo, seria uma espécie de elogio ou defesa feita por um integrante da Igreja, pois relata que não se pode considerar os fenômenos como alucinações ou jogos de esperteza, eles são “...manifestações e revelações de ordem PRETERNATURAL; e estes fatos são acompanhados de caracteres da mais evidente realidade...”, onde somente os incrédulo e ignorantes os negariam<sup>50</sup>.

Sobre os fatos espíritas, A Cruzada se manifestou através de “Duas Palavras a Respeito da Origem dos Fatos Espiriticos”<sup>51</sup> como a única “obra do demonio e d’ele tiram sua origem”, consequentemente, tais eventos sofriam “Uma Frequente Objeção”<sup>52</sup> na qual “os fatos e

---

<sup>50</sup> O espiritismo e o bom senso – XIV. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 430, 28 jan. 1945, p. 4.

<sup>51</sup> O espiritismo e o bom senso – XV – Duas Palavras a Respeito da Origem dos Fatos Espiriticos. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 431, 4 fev. 1945, p. 2.

<sup>52</sup> O espiritismo e o bom senso – XV – Duas Palavras a Respeito da Origem dos Fatos Espiriticos. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 431, 4 fev. 1945, p. 2.

fenômenos não se obtêm em consequencia de certas condições atmosféricas, do fluido magnetico dos circunstantes e semelhantes cousas”, queria expor que os médiuns praticavam ações ilusórias e que era tudo arquitetado pelo Satanás.

Os fenômenos espíritas somente seriam possíveis por intermédio de um “pacto com o diabo” e essa era a “Condição Indispensável Para se Obter os Fenomenos Espiriticos”<sup>53</sup>.

O décimo sexto artigo da série finaliza as orientações passadas para o povo pela Igreja advertindo-os que “Fazer pacto com o demonio quer dizer professar se servo dele...” e, desta forma, deixa claro que os espíritas eram vistos como seres demoníacos.

Não houve um artigo de número dezessete, no entanto pode ter ocorrido um erro de numeração, pois na edição 435 do jornal A Cruzada foi lançado o número dezoito (O Espiritismo Capa de Imoralidade), com uma sequência da reportagem na edição 436 (com impressão e nitidez preservada), mas a ação do tempo, a qualidade do armazenamento ou até mesmo do material usado, não possibilitou uma leitura clara deste, o que impossibilitou seu uso, semelhante ao que ocorreu em dos números (décimo quarto) que já apresentamos anteriormente.

A Cruzada, semelhante a outros jornais no cenário nacional, apresentou o décimo nono artigo com o título “O Espiritismo, Oficina de Doenças, de Delitos, de Mortes”<sup>54</sup>. As acusações eram relativas a prática da medicina por pessoas que não tinham o conhecimento científico ou acadêmico para diagnosticar ou prescrever algum tipo de medicamento, também doenças cardíacas, estomacais, dores de cabeça, respiratórias, o aumento de pacientes com distúrbios mentais nos hospícios, e a induzir as pessoas a prática do suicídio, sendo estes “[...] os efeitos dessa arte diabólica que se chama espiritismo. [...]”.

O artigo vigésimo, Idade do Espiritismo<sup>55</sup>, ressalta que tal doutrina não tenha surgido com o modernismo, pois, segundo este, desde a Grécia antiga se tinham manifestações espíritas “[...]. Platão e outros antigos escritores mencionam práticas espiritísticas assaz espalhadas no paganismo; [...]” e que não teria sido combatida desde esse momento, também apresentou que tais fenômenos aconteceram com outros povos antigos, como por exemplo, “Os Etruscos, os Gregos, os Egypcios, os Babylonios, os Persas, os Indianos...” e entre outros povos que viviam tanto no Ocidente quanto no Oriente e praticavam o paganismo e o gentilismo, denominado

---

<sup>53</sup> O espiritismo e o bom senso – XVI – Condição Indispensavel Para se Obter os Fenomenos Espiriticos. **A Cruzada**, Aracaju, Ano X / Segunda Fase, n.º 434, 25 fev. 1945, p. 1, 2.

<sup>54</sup> O espiritismo e o bom senso – XIX – O Espiritismo, Oficina de Doenças, de Delitos, de Mortes. **A Cruzada**, Aracaju, Ano XI / Segunda Fase, n.º 437, 18 mar. 1945, p. 1, 2.

<sup>55</sup> O espiritismo e o bom senso – XX – Idade do Espiritismo. **A Cruzada**, Aracaju, Ano XI / Segunda Fase, n.º 438, 25 mar. 1945, p. 2, 4.



posteriormente de espiritismo. Durante a Idade Média e Moderna, essas práticas estavam relacionadas com a magia ou feitiçaria, mas o que importava para o momento (século XX) era apresentar “ao povo as fraudes, as astúcias, os enganos do espírito maligno, [...]”, pois assim não cairiam na enganação.

No último número da série “O espiritismo e o bom senso”, faz-se uma apresentação da ação católica voltado aos seus leitores, principalmente para os católicos, sobre como eles procedem em relação ao Espiritismo. Demonstrou-se que deveriam fechar “fileiras sem perder de vista a haste de nosso pendão que nunca verga”<sup>56</sup>, ou seja, andar de mãos dadas com a atenção para o início da corrente que liga os católicos.

Praticamente todos os artigos desta série publicada pelo Jornal A Cruzada, manifestava que o Espiritismo não era nada bom. Pela visão da Igreja Católica, seus feitos de caridade eram nada mais do que estratégias para seduzir os indivíduos até se tornarem adeptos da “seita satânica”, como observamos.

## **4.2. O JORNAL JUVENIL ESPÍRITA**

A partir deste momento apresentaremos como o atuava, e de que maneira os espíritas tratavam tal situação. O Juvenil Espírita, dentro do período destacado, tinha como diretor José Elson Fontes, secretário Cassio Augusto M. da Silva, e seu gerente era o Josias Nunes Filho (no ano de 1947 e início de 1948, depois sofreu mudanças, onde o diretor permaneceu e o secretário e gerente passaram a ser, respectivamente, Wilson Lugon e Manoel C. Dantas), era considerado um Órgão da Juventude/Mocidade Espírita de Sergipe – MES.

Era composto por uma média de 4 páginas, com edições bimestrais, abordava, principalmente, assuntos do movimento espírita, com poucas propagandas (livraria, produtos variados, mecânica de automóveis, lojas), mas que se tornaram mais presentes nas últimas edições (1949/1950) quando passou a ser mensal e com mais duas páginas (6), relatórios sobre os auxílios de associados para manutenção do jornal, além dos religiosos, como festas de santas em outros municípios.

Diferentemente do jornal A Cruzada, este não traz uma série que conflite as acusações dos representantes da Igreja Católica, mas em alguns números, pode-se observar a defesa do

---

<sup>56</sup> O espiritismo e o bom senso – XXI – Nosso Procedimento em Relação ao Espiritismo. **A Cruzada**, Aracaju, Ano XI / Segunda Fase, n.º 440, 15 abr. 1945, p. 1.

Espiritismo e também acusações sobre como ele era visto e tratado, além de ser descrito algumas ações de espíritas como forma de reação, isso ficará mais claro posteriormente.

O Juvenil Espírita demonstra uma desorganização em sua estrutura, pois alguns dos artigos lançados tornam-se confusos para o leitor, pois, por exemplo, um artigo que inicia na página 1 continua na 3 e é concluído na 2, isso pode ser visto como uma falta de preparo de seus organizadores ou até mesmo como intencional para que o todas as páginas pudessem ser vistas.

Na edição de número 1, por meio do artigo intitulado “No Limiar”<sup>57</sup> foi feita uma descrição do objetivo deste jornal, destacou-se que seria um mecanismo de cooperação da doutrina espírita e que suas colunas não sustentaram polêmicas de “ataques às convicções religiosas e políticas”, mas deixaram claro que teriam que enfrentar grandes dificuldades, tanto em caráter econômico quanto religioso.

Ainda no mesmo número o artigo “A Grande Tarefa”<sup>58</sup>, escrita por Martins Peralva, que se denominava como Mentor da Juventude Espírita de Sergipe, demonstrou a importância de preparar os jovens para o futuro através do Espiritismo, “doutrina racionalíssima”, para A Cruzada, “seita satânica”, como apresentamos anteriormente.

Não pretendemos fazer aqui a defesa de uma ou de outra religião, mas apresentar como o meio midiático (os jornais) era usado, de que maneira, para se promoverem e lutarem pelo povo, neste caso para adesão, firmamento e manutenção dele nas religiões.

Essa “dinâmica do campo religioso” na relação da “concorrência” existente entre os agentes, “especialistas” e/ou “leigos” (BOURDIEU, 2009, p. 50), é constituída por meio dos interesses de cada um deles no interior do campo, sendo assim, as diferenças estabelecem os meios de transformações existentes no ideário dos fiéis que podem passar a ser transitórios, ou seja, poderiam participar e/ou praticar mais de uma religião, o que envolve aqui a questão da aceitação/rejeição social.

Os jornais religiosos serviram como mecanismos de disputas, de manutenção e até mesmo convencimento para os fiéis, pois se tratou de um mercado de produtos, como aquele que expõe em suas vitrines artigos religiosos para oferecer a salvação, sendo de grande diversidade para atender ao pluralismo religioso de todo público desejoso disto, e estes foram apresentados por “diferentes grupos de especialistas em competição pelo monopólio da gestão

---

<sup>57</sup> No Limiar. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 1, out/nov. 1947, p. 1.

<sup>58</sup> A Grande Tarefa. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 1, out/nov. 1947, p. 1, 2.

dos bens de salvação e das diferentes classes interessadas por seus serviços” (BOURDIEU, 2009, p. 32).

O Espiritismo foi visto como uma doutrina que era voltada para elite, enquanto que o catolicismo se apresentava como ligado à todas as classes, mas isso “[...] não implica forçosamente em uma “pauperização” religiosa, ou seja, um processo visando acumular e concentrar entre as mãos de um grupo particular um capital religioso até então distribuído igualmente entre todos os membros da sociedade”. (BOURDIEU, 2009, p. 39) Havia espaço suficiente no Brasil e em Sergipe para se ter uma nova religião.

No capítulo anterior apresentamos as disputas religiosas por meio de algumas práticas da Igreja Católica, como a realização de procissões para demonstrar sua superioridade perante os praticantes da doutrina espírita. Esse tipo de estratégia, geralmente, ocorria nos dias e horários idênticos aos de realização das doutrinárias, também chamadas reuniões mediúnicas, para que assim houvesse o encontro entre os membros de um e de outro credo e, possivelmente, o confronto entre eles.

Em alguns momentos, as descrições dos artigos Juvenil Espírita apresentavam apelos aos jovens, para que eles se preparassem às mudanças, para a luta, pois no artigo “O Tufão”, escrito por Deusdedit Fontes, ainda do número 1 deste, ele finaliza com o seguinte chamado: “Jovens Espíritas: - coragem e fé. Avante pelo caminho da verdade e da luz. É a vitória do espírito”<sup>59</sup>.

Interessante notar que na série “O Espiritismo e o Bom Senso” (A Cruzada) ele foi tratado como sendo um caminho de mentiras e que serviria apenas para iludir as pessoas até conquistá-las e convertê-las, ao que poderia ser chamado de satanismo, mas, por meio deste jornal e de outras fontes, podemos observar que é o Espiritismo trata de religião, filosofia e ciência.

O Juvenil Espírita, em algumas de suas edições, demonstrou o contato com outros mecanismos de difusão do Espiritismo pelo Brasil, através de correspondências (cartas) com outros jornais, e nele foram apresentados alguns artigos ou notícias locais e de outros estados sobre a atuação dos espíritas, como por exemplo, a realização de congressos nacionais e internacionais.

Na edição de número 2, no artigo “Fraternidade Universal”<sup>60</sup> se expôs a relação de como o mundo e as pessoas viam este sentimento, mas em meio ao texto podemos perceber que

---

<sup>59</sup> O Tufão. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 1, out/nov. 1947, p. 2.

<sup>60</sup> Fraternidade Universal. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 2, dez/jan. 1947-48, p. 1.

aquele que na primeira edição não iria direcionar ataques a qualquer que fosse a religião, desliza, pois menciona que a “Fraternidade como a Liberdade e a Igualdade são as três mentiras maiores que os homens proclamam através de princípios políticos e religiosos que os mesmos os defendem”, entretanto, em seguida faz a defesa de que esses três sentidos só são possíveis por meio da evolução espiritual.

Em “Odres Novo”<sup>61</sup>, o editor fez honrarias as novas organizações das juventudes espíritas que surgiram e se reorganizavam, além daqueles que tiveram que passar por um processo de “reeducação espiritual, ou de sua readaptação à Verdade que o Espiritismo trazia para a Humanidade”. Queriam dizer que somente o espiritismo trazia a verdade para humanidade? Ainda demonstrou que alguns jovens sofreram pelo cristianismo, sendo caracterizados como mártires, seriam eles “Estevão, por amor ao Cristo e Tecla, por amor a Paulo”, não seria uma crítica ferrenha a outra religião? Pensais.

No artigo “Espiritismo e Candomblé”<sup>62</sup>, seu autor realizou uma descrição na qual as diferenciava. Ele mostrou que o Espiritismo, bem como o Candomblé apresentavam manifestações espíritas, mas que o primeiro não fazia uso de amuletos, enquanto que o segundo fazia, e que quem quisesse saber sobre a doutrina espírita deveria “estudá-la e compreendê-la, pois só se combate Ciência e Filosofia com a mesma Filosofia, com a mesma Ciência!”. Tratava-se de uma autodefesa sobre os olhares de demais religiões e/ou religiosos que tentavam confundir aqueles que não sabiam distingui-las.

A edição apresentada até aqui trouxe, entre outras características, informativos sobre ações sociais praticadas pela juventude espírita de Sergipe (JES), como a campanha do quilo (doações de alimentos ao Asilo Rio Branco – ainda em funcionamento na capital, Aracaju), felicitações de aniversariantes dos meses correspondentes ao da edição (dezembro e janeiro), e que a associação ministra aulas de Esperanto (língua criada para facilitar a comunicação entre os povos do mundo inteiro).

Na página 4, com o título de “Crença Alheia”<sup>63</sup>, Martins Peralva (Mentor da JES) solicitou a juventude espírita que tivessem uma conduta adequada, de acordo com as situações que a doutrina necessitava, e citou um fato ocorrido em determinado momento. Tal fato ocorreu durante uma exposição na porta de um dos “velhos confrades” quando uma procissão se aproximou e, segundo ele, se mantiveram “em respeitosa atitude, interrompendo a nossa

---

<sup>61</sup> Odres Novos. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 2, dez/jan. 1947-48, p. 1, 2.

<sup>62</sup> Espiritismo e Candomblé. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 2, dez/jan. 1947-48, p. 3.

<sup>63</sup> Crença Alheia. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 2, dez/jan. 1947-48, p. 4.

palestra enquanto passavam nossos irmãos católicos”, mas um dos novos aprendizes da doutrina “fez trejeitos rediculos zombando do ato”.

Esse relato foi descrito no jornal como uma forma de ensinar aos demais jovens que ingressavam na doutrina, e até mesmo para os que nela já estavam, para saberem respeitar as crenças alheias.

O ato de desrespeito, condicionado por um espírita, não pode ser visto como um caso isolado ou apenas realizado por eles, pois em entrevista a senhora Helena, foi coletada a informação de que um dos modos de perseguição realizada pela Igreja Católica era quando “os padres faziam procissão, entrava no meio do povo, levando o povo, o povo da procissão jogando coisa no povo, laranja, ..., mais o povo ali firme, ninguém saía, ói era uma confusão doida”<sup>64</sup>.

A referência que ela faz sobre entrando no meio do povo seriam os católicos forçando passagem entre os espíritas, e a firmeza deles em não sair era para que fossem embora insatisfeitos por não conseguirem intimidá-los. Sobre o relato feito por dona Helena, encontramos uma relação escrita por Antônio Monteiro de Jesus, que a ação dos espíritas não terem reação já havia sido passada ao “Irmão Fêgo” pelos “protetores espirituais” e que “todos permanecessem em meditação”<sup>65</sup>.

Semelhante ao jornal A Cruzada, algumas edições do Juvenil Espírita não foram encontradas, ficamos sem ter as edições de número 3 ao número 5. Muitas outras informações foram coletadas no Juvenil Espírita, mesmo com certa deteriorização das páginas pelo tempo ou seu mal armazenamento.

A capa da 6ª edição trouxe como manchete o aniversário do 1º ano do Juvenil Espírita agradecendo em artigo definido como “Completa Seu 1º Ano de Atividades”<sup>66</sup> ao Movimento Espírita de Sergipe (MES) pelo patrocínio, aos colaboradores, a órgãos nacionais e internacionais que permutam com eles, “ao Todo Poderoso”, e enfatizou que durante esse primeiro ano haviam cumprido com o objetivo do mesmo, “cooperar na formação moral do jovem através dos sublimes ensinamentos da doutrina Espírita, isto sem atacar crenças alheias, ou sustentando polêmicas por reconhecer improdutivas”. Percebemos que tal descrição condiz, em parte, as formas que direcionavam a juventude, mas também podemos perceber, como

---

<sup>64</sup> Entrevista concedida pela senhora Helena Cabral Monteiro, em 26/05/2006.

<sup>65</sup> MONTEIRO DE JESUS, Antônio. **Memórias – Excertos do Movimento Espírita Pioneiro em Sergipe**. 1ª ed. Sergipe: Gráfica e Editora Triunfo, 1997. (p. 80).

<sup>66</sup> Completa Seu 1º Ano de Atividades. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 6, ago/set. 1948, p. 1.

observado nos parágrafos anteriores, que havia ataque a outras crenças, mesmo que não diretamente.

Ainda no mesmo periódico foram apresentados outros títulos que remetiam aos ensinamentos espíritas para juventude, tal como “Triste Divórcio (Com vistas às Mocidades Espíritas)”, a princípio aparenta ser o fim de um relacionamento conjugal entre os jovens, mas trata-se da própria doutrina e de seus seguidores que não conseguiam unir a razão com o sentimento, pois há muitas contradições relevantes ao se beneficiar e não trabalhar em prol da humanidade, já que “...o Espiritismo é doutrina do cérebro e do coração, da razão e do sentimento, do raciocínio e da confiança no Alto...”<sup>67</sup>.

A informação transmitida neste artigo é de que para a doutrina espírita seus integrantes não deveriam se tornar unilaterais dentro da mesma, ou seja, não poderiam e nem deveriam agir apenas pela razão ou pela emoção, precisa existir um equilíbrio. Somente serviriam bem a doutrina aqueles que conseguissem unir a razão e o sentimento.

Na página 3 foi informada a mudança de nome do grupo Juventude Espírita de Sergipe para Mocidade Espírita Sergipana (MES) com solenidade marcada para 23 de novembro de 1948, onde completou dois anos de existência e em celebração, no que foi denominado SEMANA ESPÍRITA, realizaram visitas a outras entidades espíritas, além de apresentarem uma peça teatral para beneficiar as obras de assistência desenvolvidas pelo “Grupo Espírita Irmão Fêgo” e um “Almoço Fraternal”<sup>68</sup>.

Ao examinar essa edição, observamos as conexões existentes entre os títulos dispostos em suas páginas, um sempre fazia relação com o outro, direta ou indiretamente. Cada vez mais é possível notar a função informativa deste jornal.

A edição de número 7 apresentou, inicialmente, o anúncio da “Festa Nacional do Livro Espírita”<sup>69</sup> para acontecer em abril de 1949 no Distrito Federal – Rio de Janeiro. Este informe foi transmitido pelo Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil e distribuído as Mocidades Espíritas Estaduais com o objetivo de difundir as obras espíritas.

Ao lado, foi apresentada a matéria “Teatro Espírita”<sup>70</sup>, escrita por Martins Peralva. Neste artigo ele apresentou a importância que o teatro tinha para o ensino espírita no sentido de proliferar os conhecimentos doutrinários e que por meio dele era possível explanar para os espíritas e não espíritas como as peças poderiam ampliar o conhecimento sobre o Espiritismo.

---

<sup>67</sup> Triste Divórcio (Com vistas às Mocidades Espíritas). **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 6, ago/set. 1948, p. 1 e 4.

<sup>68</sup> Mocidade Espírita Sergipana. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 6, ago/set. 1948, p. 3.

<sup>69</sup> Festa Nacional do Livro Espírita. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 7, out/nov. 1948, p. 1.

<sup>70</sup> Teatro Espírita. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 7, out/nov. 1948, p. 1 e 4.

O elenco era composto por integrantes da MES, mas não se fazia menção de onde ocorriam os espetáculos.

Outro título na primeira página é sobre o “Recenseamento e Religião”<sup>71</sup>, também de caráter informativo, mas que se torna apelativo. Na primeira situação diz que o censo se aproxima, 1950, e em seguida que todos os cristãos deveriam “informar de cabeça erguida, com consciência tranquila, de sua situação – de sua seita – “ESPÍRITA”, o termo seita não será discutido aqui, mas o mesmo é posto de modo equivocado para definir tal doutrina, provavelmente, o autor deste artigo, que o assinou com o pseudônimo de UM CRISTÃO, tenha sido um convertido e ainda não soubesse diferenciar tal termo.

O Juvenil Espírita foi um mecanismo de informações e da doutrinação para os novos adeptos do Espiritismo. Serviu para lutar pela consolidação de movimentos espíritas em Sergipe e instruir os jovens sobre diversos assuntos a respeito da doutrina, além de relatar acontecimentos contrários a sua difusão, um exemplo dessa contradição pode ser analisado em “O que observam os jovens”<sup>72</sup>.

O artigo mencionado não seguia uma sequência padronizada de páginas. Tem seu início na página 1 com continuação na página 4 e conclusão na página 2, mas foi erroneamente citada, pois na página 4 dizia que sua conclusão estaria na página 3. Mas o que nos interessa é demonstrar qual seria o contraste que nele é apresentado.

Dálio Ribeiro de Mendonça, fez um desabafo quanto aos jovens, mas não os tão jovens que entraram na doutrina, e sim aqueles que já tem um certo tempo nela e manifestavam-se contrariamente aos ensinamentos recebidos.

Ele criticou os espíritas que se negavam a contribuir com “...a causa, principalmente se para tal, precisam trabalhar um pouco”, além dos mais antigos que se mantem dominados por “...paixões, deixando transparecer a inveja, o ciúme, o orgulho, o egoísmo, e muitos outros pendores indignos, ...” o que ele trata como uma negação ao verdadeiro ensinamento, tanto de Cristo quanto de Alan Kardec, e que todos os espíritas lutem para serem “verdadeiros cristãos na aceção da palavra”.

O combate religioso também existe dentro da própria doutrina espírita, pois como Dálio Ribeiro Mendonça mencionou no artigo da edição 7 do Juvenil Espírita sobre os vícios humanos que impediam o desenvolvimento de estudos do Espiritismo pelos jovens, na edição

---

<sup>71</sup> Recenseamento e Religião. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 7, out/nov. 1948, p. 1.

<sup>72</sup> O que observam os jovens. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 7, out/nov. 1948, p. 1, 2 e 4.

de número 8, com o artigo “Programa Feliz”<sup>73</sup>, ele mesmo só faz reforçar o que já havia descrito anteriormente.

Os “...espíritas de renome, quando ferido em seus pontos de vista, desafivelarem a máscara da hipocrisia dando asa a que se solte o resultado daquelas combustões de seu egocentrismo” provocam uma crise interna para com o ensinamento transmitido aos jovens, o Espiritismo Puro.

Esse Espiritismo Puro, como pode ser observado na análise dos artigos, seria aquele que toma como base a caracterização da doutrina como sendo ciência, filosofia e religião, e pura no sentido, já descrito em outros parágrafos, de seus seguidores não estarem envolvidos com aquilo que não se pode ser considerado bom para os seres humanos, tal como a inveja, o ciúme e entres outros aspectos.

Para reforçar a ação doutrinaria do Espiritismo, e o sentido do Espiritismo Puro, ainda na mesma edição, com o título “Para a Saude da Alma”<sup>74</sup>, que teve continuidade na edição seguinte (n.º 9, p. 2)<sup>75</sup> pela autoria de Oscar F. Carneiro, foram apresentadas ações das quais os jovens deveriam realizar, tais como ter pensamentos voltados para o bem, para a dignidade, a honestidade, a caridade, que evitassem ambientes onde sentimentos inferiores predominassem, para que repelissem os maus pensamentos e fizessem do “Evangelho do Cristo o seu melhor amigo.”

Nesta edição de número 8 foram apresentadas algumas frases soltas, mas com intuito de incentivar a prática do bem e o fortalecimento individual na aprendizagem dos estudos da doutrina espírita. Além de um informativo sobre a mudança de diretores em vários centros espíritas do Brasil, um artigo sobre a alimentação intitulado “Para Saude do Corpo” que enfatizou o consumo de frutas, e se fez presente na edição seguinte, número 9, sobre a importância da quantidade de água.

As edições passaram a ter uma nova caracterização, deixaram de ser apenas voltadas aos assuntos religiosos, educativos e informativos, para também se tornar interativo, pois trouxe um “jogo” de perguntas e respostas definidas como charadas<sup>76</sup> e que seria de um concurso lançado na edição seguinte, mas não foi encontrado na de número 10 e nem nas demais edições posteriores as quais tivemos para análise.

---

<sup>73</sup> Programa Feliz. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 8, dez/jan. 1948, p. 1 e 4.

<sup>74</sup> Para a Saude da Alma. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 8, dez/jan. 1948, p. 4 e 3.

<sup>75</sup> Para a Saude da Alma. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 9, fev/mar. 1949, p. 2.

<sup>76</sup> Recreio. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano I, n.º 8, dez/jan. 1948, p. 3.



Em “O Progresso do Espiritismo” <sup>77</sup>, Dálio Ribeiro de Mendonça escreveu com entusiasmo sobre a representação de força que o espiritismo iria comprovar com “...o resultado do recenseamento...” de 1950, e que deixaria “...os responsáveis pelas religiões retrógradas...” abismados, mas também ataca as demais religiões, indiretamente, como sendo as que, além de retrógradas (atrasadas), mantêm seus seguidores “dominados”, “enganados pelos dogmas, preconceitos e pelas tolas superstições dos velhos orientadores...”. Seria aqui uma alusão a Igreja Católica ou ao Protestantismo? Provavelmente, a Igreja Católica, já que era a que mais criava um embate com o Espiritismo.

Ressaltado pelo título “Porque?” <sup>78</sup>, de autoria de J. Elson, o Espiritismo começava a se consolidar por meio de mudanças dos jovens que praticavam a doutrina e já conduziam as novas gerações nela, pois “[...] Os preconceitos trazidos de outras religiões lentamente estão (**estavam**) sendo quebrados. O acanhamento em se apresentar diante da sociedade como espírita aos poucos está (**estava**) desaparecendo. [...]”, mas não somente isto, como também a formação de escolas nas instituições espíritas com o objetivo de ensinar as crianças os “moldes da Doutrina”. (**Grifo nosso**)

Os informativos dos dois parágrafos anteriores poderiam ser considerados bem provocativos para demais religiões, pois em um remete uma provável confirmação quanto o aumento no número de membros do espiritismo em Aracaju, em Sergipe e até mesmo no Brasil, já o segundo que tal doutrina vem cada vez mais se consolidando e, também, ampliando seu quantitativo.

Mesmo sendo um transmissor de informações sobre o espiritismo em Aracaju, o Juvenil Espírita, provavelmente, passou por um período de dificuldades financeiras, pois na edição de número 10, na página 2, constatamos um anúncio com uma série de centros espíritas, endereços dos mesmos, dias e horários das reuniões e ao final a nota de que o espaço utilizado “...fica franqueado às Instituições da Capital e Interior do Estado de Sergipe que...” o quisessem usar para tal finalidade <sup>79</sup>.

Na edição seguinte, a de número 11, foi exposto de maneira clara no fim do periódico um “Aviso”<sup>80</sup> que solicitava aos leitores informarem se estavam recebendo o jornal com regularidade e os que não respondessem teriam a suspensão da remessa, pois o mesmo era distribuído de forma gratuita. Essa informação pode caracterizar a hipótese levantada no

---

<sup>77</sup> O Progresso do Espiritismo. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano II, n.º 10, abr/mai. 1948, p. 1 e 2.

<sup>78</sup> Porque? **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano II, n.º 10, abr/mai. 1949, p. 4 e 2.

<sup>79</sup> Indicador Espírita. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano II, n.º 10, abr/mai. 1949, p. 2.

<sup>80</sup> Aviso. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano II, n.º 11, jun/jul. 1949, p. 4.

parágrafo anterior, se o franqueado pode ser entendido como alugado ou apenas a abertura de um espaço informativo.

A campanha do “Recenseamento e Religião”<sup>81</sup> apareceu praticamente em todas as edições de 1949. Na de número 11 ela traz dados estatísticos em suas porcentagens dos declarantes de 1940 como demonstrativo e confrontante aos espíritas para que se declarem sem temores sociais já que as informações prestadas são sigilosas.

Uma outra forma de se combater as ações espíritas pela Igreja Católica era a situação de preconceito religioso. Observamos na descrição do “Serviço de Assistência a Mendicância”<sup>82</sup>, um desabafo escrito por Cleber Farias Pinto, o mesmo relatou que a MES havia criado um grupo de solidariedade, “OS LEGIONARIOS DO QUILO”, para arrecadar alimentos aos domingos e doar para instituições, entretanto algumas delas por serem “...mantidas por organizações de outros Cremos, sentiam se constrangidas em receberem a nossa valiosa cooperação, e quando aceitavam, se negavam a dar um recibo...” para comprovar aquilo que tinha sido entregue.

A MES resolveu continuar a recolha de alimentos e distribuir diretamente aos mais carentes para evitar o embaraço com as instituições de caridade. Mesmo com o infortúnio do preconceito, Cleber Farias Pinto descreveu que o papel de assistência se manteve, mas que também passou a ser feito por D. Fernando Gomes, tendo uma maior adesão, e apelava para que os espíritas continuassem com suas contribuições.

A edição de número 12 anunciava o término do segundo ano do Juvenil Espírita através do título “Vencendo...”<sup>83</sup> e esboçou os esforços que foram feitos para primeira tiragem dele, principalmente materiais, além de ter destacado seu papel de cooperação evangelizadora por meio da formação moral dos jovens sem “ferir as crenças alheias; não permitir polêmicas; não atacar pessoas nem admitir infiltração de assuntos políticos.”

Ainda informou aos seus leitores que iria mudar sua periodização, ela deixaria de ser bimestral para mensal e com mais duas páginas a partir do número seguinte, o que foi verificado por nós.

Na edição de número 12 as páginas de números 3 e 4 eram referentes a edição de número 14, também não encontramos as edições de número 16 a 20. Mas nada que tenha implicado no desenvolvimento deste trabalho.

---

<sup>81</sup> Recenseamento e Religião. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano II, n.º 11, jun/jul. 1949, p. 2.

<sup>82</sup> Serviço de Assistência a Mendicância. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano II, n.º 11, jun/jul. 1949, p. 4.

<sup>83</sup> Vencendo... **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano II, n.º 12, ago/set. 1949, p. 1.

A décima terceira edição manteve características das edições anteriores, mas também algumas diferenças, porém o tipógrafo ou redator não se atentou em fazer a troca do nome Bimesário por Mesário, entretanto apresentou apenas o mês de Outubro de 1949 como o que corresponderia a edição.

Em capa trouxe o título “Tributando Justiça”, bem centralizado, de maneira única, pois nas edições anteriores dividia entre dois títulos e em duas colunas. Neste, o Juvenil Espírita, anunciou o terceiro ano do jornal e comunicou que os obstáculos que tentavam “barrar a marcha” não causavam mais temor, pois estavam fortalecidos pelo apoio de Leopoldo Machado, “...sentinela avançada do Moço-Espírito no Brasil...” e Deusdedit Fontes “...o grande “Gequitibá” em cuja sombra de conhecimento e experiência repousa o jovem Espírita de Sergipe”<sup>84</sup>.

Apesar de tão elevada exaltação a esses dois nomes no progresso do Espiritismo, ressaltamos que o trabalho quer demonstrar as situações expostas nos jornais sobre as atuações de ataques e defesas das religiões tratadas.

Na margem inferior direita é trazido o mesmo aviso que em edição anterior a respeito da distribuição do mesmo, para que seja informado sobre a regularidade de seu recebimento. Teriam vencido apenas os obstáculos das oposições que eram feitas, como eles citavam, pelas religiões retrógradas?

Nesta mesma edição são apresentados alguns anúncios propagandistas nas páginas de número 2 a 6 como de lojas de móveis, máquinas de escrever, de gêneros alimentícios, de tecidos, de remédios (farmácia), de sapatos e de mecânicas automobilísticas.

Com a aproximação do recenseamento, o Juvenil Espírita tende a ser mais atuante na solicitação da declaração de espírita no censo que foi realizado em 1950. Ainda na Edição 13, trouxe o título “Fiquemos Alertas” onde enfatiza que os diretores e organizações espíritas façam campanha de conscientização para a declaração.

A atitude descrita sobre o recenseamento demonstrava certa desconfiança, pois dizia para que vissem a ficha preenchida da declaração, além de os censores serem fiscalizados para que não cometessem, segundo o jornal, o mesmo que fizeram no censo anterior, “...preencheram todas as fichas em branco com a declaração de católicos.”

Em uma das sessões da página 4, o Juvenil Espírita trouxe alguns esclarecimentos sobre “O Espiritismo não é”, “O Espiritismo é” e “Não são espíritas”<sup>85</sup>, tais informações tentam

---

<sup>84</sup> Tributando Justiça. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano III, n.º 13, outubro de 1949, p. 1.

<sup>85</sup> O Espiritismo é. O Espiritismo não é. Não são espíritas. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano III, n.º 13, outubro de 1949, p. 4.

esclarecer o conhecimento dos ignorantes sobre a doutrina espírita. O primeiro remete a significância da doutrina não ser magia, cartomancia, nem adivinhação, “...muito menos para satisfazer vaidades pessoais;...”, o segundo dá o significado de um preceito cristão, e por fim, o terceiro, aos que praticam sortilégios para explorar a fé de outros em nome do Espiritismo não são espíritas.

O Juvenil Espírita, além da busca pelos jovens ao ensino do espiritismo, também buscou conquistar as mulheres para doutrina e luta espírita, pois apresentou uma “Advertência á mulher espírita”<sup>86</sup> ao relatar a importância que é dada para as mulheres e comparou como elas eram vistas no judaísmo, como “Uma coisa passível de cubizada pelo homem, em igualdade com o boi e o jumento do próximo.” e pela Igreja Católica com a dúvida se elas teriam alma ou não, tendo o direito de ter alma como os homens após o Concílio de Macon.

Aos olhos dos católicos e dos judeus, tal informe, poderia ser analisado como verídico, mas ao mesmo tempo como ofensivo por parte dos espíritas que estavam, dessa forma, querendo conquistar as mulheres para ingressar no Espiritismo. Contudo, não seria qualquer mulher, deveriam ser mulheres dignas, “...consciente de suas funções dentro da Vida.” Aquelas consideradas integrais, que cuidassem não somente da beleza do corpo, mas da alma também, gerassem filhos e fossem maternais no rigor da palavra e de suas ações.

O mensário de Novembro de 1949, edição de número 14 do Juvenil Espírita, esteve voltado, praticamente por completo, a “Homenagem ao 5º Congresso Espírita Nordestino”<sup>87</sup>. O artigo ocupou 5 páginas, dividido em duas colunas por página, ou seja, metade de cada uma delas e mais alguns complementos. Teceu vários agradecimentos e descreveu, cronologicamente, as atividades desenvolvidas.

Podemos dizer que essa apresentação em homenagem foi, também, uma maneira de confirmar o expansionismo do Espiritismo, o seu envolvimento com Instituições de outras partes do Nordeste e até mesmo do Brasil, como consolidação da doutrina, e dar força aos espíritas sergipanos e aracajuanos para se declararem no censo de 1950. Os demais artigos apresentados não tiveram relevância para o nosso objeto.

A edição de Dezembro de 1949 trouxe alguns artigos voltados a data comemorativa do Natal descrevendo sobre o nascimento de Jesus Cristo<sup>88</sup>, redigido por Antônio Monteiro de

---

<sup>86</sup> Advertência á mulher espírita. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano III, n.º 13, outubro de 1949, p. 4.

<sup>87</sup> Homenagem ao 5º Congresso Espírita Nordestino. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano III, n.º 14, novembro de 1949, p. 1 a 5.

<sup>88</sup> Natal de Jesús. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano III, n.º 15, dezembro de 1949, p. 1 e 4.

Jesus, e a comemoração praticada em um lar para crianças<sup>89</sup>. Nela também foram apresentados agradecimentos ao Grupo Espírita Irmão Fego por um auxílio financeiro prestado ao jornal.

Foram apresentados alguns artigos referentes a correspondências com grupos espíritas de outras partes do país (Sudeste – Rio de Janeiro, São Paulo, Centro-Oeste – Minas Gerais e Nordeste – Paraíba, Rio Grande do Norte), bem como um artigo científico, traduzido do *Psychic News*, sobre descobertas atômicas<sup>90</sup>. Para os espíritas, tal artigo comprovava cientificamente alguns fenômenos mediúnicos.

O apelo para que houvesse a declaração de espírita no censo foi registrado, mais uma vez, na página 4, tanto na margem inferior esquerda quanto na direita onde clamava para que se declarassem como tais e que somente assim poderia ser possível saber o número de quantos espíritas o Brasil tinha.

A edição foi finalizada com artigos indicativos as correspondências feitas entre Martins Peralva (Belo Horizonte – MG) e a Mocidade Espírita de Sergipe<sup>91</sup> que ressaltou a formação e o crescimento de sete grupos de Mocidade Espírita que se reuniam uma vez por mês, onde alguns deles faziam circular jornais, bem como ocorreu aqui em Aracaju.

A partir deste momento as análises serão sobre os artigos presentes nos números 20 a 28 que foram publicados em apenas uma edição a qual correspondeu aos meses de Maio de 1950 a Janeiro de 1951.

Destacamos, de início, um dos títulos da capa, “Aos Nossos Leitores”<sup>92</sup>, escrito por José Elson Fontes, que viera a se tornar presidente da Federação Espírita Sergipana<sup>93</sup>, fundada em 13 de Janeiro de 1951, a qual relatou as dificuldades encontradas em manter o jornal *Juvenil Espírita* em circulação. Provavelmente este relato fosse uma maneira de justificar o exemplar com tamanha numeração conciso em apenas 6 páginas.

Em “Depoimentos aos Católicos”<sup>94</sup> há um contraste entre declarações feitas por representantes da Igreja aos fenômenos espíritas, onde um deles os consideravam ser autênticos por comprovação científica, enquanto outro apresentou três aspectos que davam base as atitudes da Igreja com relação ao Espiritismo.

---

<sup>89</sup> O Natal no “Lar de Jesus”. *Juvenil Espírita*, Aracaju, Ano III, n.º 15, dezembro de 1949, p. 2.

<sup>90</sup> No Campo da Ciência. *Juvenil Espírita*, Aracaju, Ano III, n.º 15, dezembro de 1949, p. 3 e 4.

<sup>91</sup> Animação e Trabalho. *Juvenil Espírita*, Aracaju, Ano III, n.º 15, dezembro de 1949, p. 6.

<sup>92</sup> Aos Nossos Leitores. *Juvenil Espírita*, Aracaju, Ano IV, n.º 20-28, maio de 1950 a janeiro de 1951, p. 1.

<sup>93</sup> Federação Espírita Sergipana. *Juvenil Espírita*, Aracaju, Ano IV, n.º 20-28, maio de 1950 a janeiro de 1951, p. 6.

<sup>94</sup> Depoimentos aos Católicos. *Juvenil Espírita*, Aracaju, Ano IV, n.º 20-28, maio de 1950 a janeiro de 1951, p. 2 e 5.

Estes pontos eram 1º a falta de pronunciamento da Igreja perante os fenômenos espíritas, pois não podiam afirmar se eram realizados pelos “...espíritos, ou demônios, ou força natural.”, 2º a proibição dos fiéis participarem de experiências espíritas, pois estas causavam danos mentais nos indivíduos e, por fim, 3º a “suspeita nas manifestações espíritas a intervenção acidental das potências diabólicas”.

As interpretações dadas pelo Espiritismo sobre essas questões foram pautadas da seguinte forma: para a primeira (1ª), negar os fenômenos era o mesmo que entrar em conflito “com os textos bíblicos onde encontramos fartamente fenômenos espíritas”, para a segunda (2ª), o espiritismo não seria causador de loucura “...e quando esta é uma de origem psíquica afirma o psiquiatra Dr. Inácio Ferreira que são curáveis pelo tratamento da obsessão”, e para a terceira (3ª), se é suspeita não se pode afirmar, “...mesmo porque satanás é uma suspeita da igreja.”

Percebemos aqui os sentidos ofensivos e defensivos apresentados por ambas as religiões na disputa por seus fiéis e, até mesmo, sua preservação no quadro de cada uma delas, e qual delas teria um melhor preparo doutrinador para com estes.

Como foi tão apresentado em outros parágrafos sobre o censo de 1950, e na última edição disposta para análise o artigo “Culto Espírita”<sup>95</sup> relatou a campanha feita entre os centros espíritas da capital e do interior e parabenizou o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) pelo levantamento religioso feito em Sergipe e no Brasil que pôs o “...“Culto Espírita”, ao que parece, colocado, hoje, em segundo lugar, em nosso país. O Recenseamento de 1950 talvez, demonstre essa colocação”, mas o resultado, em Sergipe, foi o de terceiro lugar<sup>96</sup>.

O artigo “Não tente, que é impossível”<sup>97</sup> foi um dos mais significativos, pois ele trouxe concisamente a situação de conflito religioso existente entre católicos, protestantes e espíritas, redigido por Abel Mendonça que escreveu as motivações de “...semelhante conduta pela reação, às vezes violenta quando as suas idéias são repelidas”, ou seja, a mente dos fiéis estava impregnada daquilo que eles receberam para proliferar, mas que as mentalidades estavam em mudança e o verdadeiro sentido seria o de difundir a humildade, a bondade e o amor.

Essa edição trouxe uma sessão designada como “Notas e Notícias” que ocupou as páginas 5, 4 e uma pequena parte da 3 onde apresentou vários aspectos referentes ao

---

<sup>95</sup> Culto Espírita. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano IV, n.º 29, fev. de 1951, p. 6.

<sup>96</sup> Anexo I – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** – IBGE. Quadro demonstrativo do censo de 1950.

<sup>97</sup> Não tente, que é impossível. **Juvenil Espírita**, Aracaju, Ano IV, n.º 29, fev. de 1951, p. 1 e 3.

Espiritismo, ações políticas, congressos, correspondentes e ações de mendicância, mas nenhuma informação em defesa ou contra a doutrina.

Ao longo destes parágrafos foram apresentados vários artigos e segmentos que abordaram sobre as ações da Igreja Católica e do Espiritismo em Sergipe, de certa forma se deteve basicamente ao município de Aracaju.

Os dois jornais, noticiadores dos assuntos religiosos correspondentes a cada uma delas, expuseram pensamentos semelhantes e opostos, pois em determinadas manchetes havia acusações e em outras defesas, ora pela Igreja Católica, ora pelo Espiritismo.

Notamos que a formatação dos jornais se assemelhavam, mas não podemos fazer uma comparação mais aproximada, pois A Cruzada já tinha dez anos de atividades estabelecidas em sua propagação, enquanto que o Juvenil Espírita engatinhava.

As transformações que ocorreram na formatação do Juvenil Espírita foram proporcionadas devido a própria história do jornalismo, já que passou por um processo de desenvolvimento voltado ao público alvo, colocou atrativos em suas edições, tais como algumas propagandas, apesar de ter uma distribuição gratuita.

Do mesmo jeito ocorreu com A Cruzada, ele trazia notícias de cunho social, econômico e político que vieram a se tornar fontes históricas, tais como o usamos, também havia as correspondências com outros estados e países sobre diversos contextos.

Ambos os jornais são caracterizados como mídias de massa, eles eram destinados para maioria das pessoas, e tinham como objetivo transmitir, por meio de suas notícias, os ensinamentos de suas doutrinas e outras informações.

Vale ressaltar o uso dos discursos por ambos. O jornal católico emitia seus posicionamentos de caráter dominante e opositor ao espiritismo e ao modernismo como sendo uma forma de defesa perante as novidades que causavam curiosidade aos seus fiéis e poderiam proporcionar o desvio deles, como muito aconteceu, mas o intuito de ambas era criar condições necessárias para as pessoas acreditarem na melhor forma de alçar a salvação de suas almas ou espíritos após a morte.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisarmos o papel da imprensa religiosa no Brasil foi possível perceber que ela não estava concentrada apenas nas principais cidades, mas em praticamente todas do território. Tal fato foi constatado na apresentação dos capítulos aqui apresentados.

A princípio o foco do trabalho era pesquisar unicamente o embate entre católicos e espíritas a partir de um viés bibliográfico e da pesquisa de campo, porém o marco temporal não possibilitaria tantos recursos, como por exemplo, entrevistas.

Não nos detemos apenas nas referências bibliográficas, buscamos artigos, dissertações e teses a respeito do assunto, e partimos, então, para os periódicos, jornais, como fontes históricas que nos deram o embasamento de analisar em seus artigos os embates religiosos no país de Norte ao Sul e no caminho inverso.

Tal levantamento de recursos e informações fizeram com que houvesse a composição dos capítulos apresentados que poderão ser ampliados numa pesquisa mais aprofundada a posteriori.

Procuramos em toda a pesquisa perceber porque os jornais religiosos, principalmente os de cunho católico, eram tão enérgicos com demais religiões, além das novas ideologias, e percebemos que era um mecanismo de defesa, uma maneira de lutar contra o novo que causava encantamento aos indivíduos, bem como de doutrinação.

A mídia impressa era a principal fonte de informações para o período analisados nos capítulos, as pessoas se detinham, como foi apresentado em saber sobre as notícias que circulavam, mesmo as que não sabiam ler, ficavam próximas dos leitores para ouvir os debates que poderiam surgir a respeito das reportagens trazidas pelos jornais.

Além de fazer uma apresentação sobre as origens da imprensa, sua chegada ao Brasil e seu uso, prioritariamente pela família real portuguesa, tivemos perspectivas que foram mais adiante dos jornais (capítulo 1), como por exemplo as abordagens apresentadas por dissertações sobre a temática que envolvia as práticas católicas já mencionadas aqui.

Concluimos no primeiro capítulo a importância que foi dada aos jornais religiosos em nível nacional para o combate católico perante as investidas do Espiritismo e do que era considerado como moderno, das novas formas de pensar sobre as mudanças que vinham ocorrendo no país.

Tivemos a intenção de realizar uma valorização a História Local ao apresentar as circunstâncias dos conflitos e embates religiosos em Aracaju, estado de Sergipe (capítulo 2), desde o processo de firmamento da Igreja Católica com suas representações físicas e também simbólicas, além da chegada e consolidação do espiritismo e das religiões afro-brasileiras, presentes na região central e na área considerada periférica, que também sofriam com as atuações dos representantes católicos contra seus cultos.



Apresentamos uma contextualização que se caracterizou dentre os séculos XIX ao XXI na composição histórico-geográfica e política de Aracaju, por meio das medidas públicas que promoveram o surgimento de novos bairros e gerou os processos de disputas religiosas na capital sergipana dentro de um processo de desenvolvimento urbano da cidade e identificamos o crescente número de instalações religiosas conforme quadro e mapa apresentados.

Tais dados foram resultado da pesquisa de campo realizada para a localização das instituições religiosas de cunho católico, espírita e protestante que se firmaram no bairro Siqueira Campos desde o período de sua origem, e demais grupos a partir do momento em que a tolerância religiosa passou a ser mais atuante.

Mas no último capítulo nos detemos a verificar o uso dos jornais por meio da Igreja Católica e do Espiritismo durante o século XX, pois nosso marco temporal se delimitou aos meados deste século. Descrevemos vários artigos do jornal A Cruzada e do jornal Juvenil Espírita. Percebemos que a maneira que eles foram usados se assemelhou com outros em caráter nacional.

Os jornais católicos mencionados no trabalho sempre usavam seu discurso contra o Espiritismo, o Protestantismo, a Maçonaria, queria fazer com que os católicos desconsiderassem estas religiões ou doutrinas ou filosofias e impunha a situação de que eram coisas diabólicas, que o bom cristão não deveria se aproximar de suas instituições, tão menos daquilo que escreviam, pois representava a má imprensa, enquanto que eles eram a boa imprensa, a pregava os bons costumes a prática do bem.

Já os jornais espíritas demonstraram ser difusores da doutrina, não apresentavam, em sua maioria, discursos de aversão a ação das acusações transmitidas pelos jornais católicos, pode-se dizer que se faziam de coitados e assim iam ampliando seu número de seguidores e adeptos. Ambos os jornais também podem ser vistos e/ou considerados como documentos que representavam um processo doutrinário e educativo de seus fiéis.

## 6. REFERÊNCIAS

### 6.1. ÓRGÃOS E INSTITUIÇÕES PESQUISADOS:

AJES – Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe.

BPED – Biblioteca Pública Epifânio Dória.

EMURB – Empresa Municipal de Obras e Urbanização.

FEES – Federação Espírita de Sergipe.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IHGSE – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

PMA – Prefeitura Municipal de Aracaju.

SEPLAN – Secretaria Municipal de Planejamento.

### 6.2. FONTES IMPRESSAS:

Ata eclesiástica de 1944. **Livro de Tombo da Igreja Nossa Senhora de Lourdes**. Praça Dom José Thomaz. Bairro Siqueira Campos. Aracaju/SE.

AJES, Cartório 3º Ofício, Aracaju. **Inventário de Testamento**: Arrolamento Judicial, Cx. n.º101, 20/03/1935.

Dicionário Verbetes Aracajuanos. Gazeta de Sergipe. 1983. s/d

JESUS, Antônio Monteiro de. **Memórias**: Excertos do Movimento Espírita Pioneiro em Sergipe. 1ª ed. Aracaju: Triunfo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Memórias**: excertos do movimento espírita em Sergipe. 2ª ed. Aracaju: Triunfo, 2006.

### 6.3. FONTES DIGITAIS:

AMORIM, Pedro Paulo. **Os periódicos Espíritas do final do século XIX à década de 1960**.

In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano X, n. 28, Maio/Setembro de 2017. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/36933/19114>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

BORIN, Marta Rosa. A “boa imprensa” e a “imprensa ímpia”: embates entre agentes sociais católicos e espíritas no Rio Grande do Sul. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364766826\\_ARQUIVO\\_TextoMarta-ANPUH-Natal2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364766826_ARQUIVO_TextoMarta-ANPUH-Natal2013.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MAIA, Marilane Machado de Azevedo. **A imprensa religiosa como palco de disputas entre católicos e espíritas: um retrato do campo religioso brasileiro no final do século XIX.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1386623726\\_ARQUIVO\\_ANPUH.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1386623726_ARQUIVO_ANPUH.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2017.

NEVES, Flávio Rodrigues. **A voz e a pena a serviço da Igreja:** A imprensa católica e a ampliação da esfera pública no Rio de Janeiro no final do século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ALCAR, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-voz-e-a-pena-a-servico-da-igreja-a-imprensa-catolica-e-a-ampliacao-da-esfera-publica-no-rio-de-janeiro-no-final-do-seculo-xix>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

ROCHA, Alessandro Santos da; TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. **IMPRENSA ESPÍRITA E ELITE LETRADA NO BRASIL OITOCENTISTA** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2013, Cuiabá. **Anais eletrônicos...** Cuiabá: SBHE, 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/IMPRENSA%20ESPIRITA%20E%20ELITE%20LETRADA%20NO%20BRASIL%20OITOCENTISTA.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SOUSA JUNIOR, José Pereira de. **O JORNAL A IMPRENSA CATHOLICA E SEUS ESCRITOS DE COMBATE A MAÇONARIA E O ESPIRITISMO NA PRIMEIRA REPÚBLICA PARAIBANA (1890 – 1930).** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: ANPUH, 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434336815\\_ARQUIVO\\_ARTIGOCOMPLETOANPUH2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434336815_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETOANPUH2015.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2017.

#### **6.4. JORNAIS:**

A Cruzada (27 de agosto de 1944 a 15 de abril de 1945).

Gazeta de Sergipe (15/08/1971; 22/08/1971).

Jornal da Cidade (31/03/98).

Juvenil Espírita (outubro/novembro de 1947 a fevereiro 1951).

## 6.5. BIBLIOGRAFIA:

- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. **Historiografia e Religião**. Revista Nures – Núcleo de Estudos Religião e Sociedade (PUC-SP). N. 5, Jan./Abr. 2007.
- BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas, centro histórico de Aracaju 1900-1940**. Aracaju: Ed. UFS, 1992.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. Oeiras, Celta Editora, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 6ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme. J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (2004) 2004.
- CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju: guia sentimental da cidade**. Aracaju, SE: Regina, 1948.
- \_\_\_\_\_. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Banese, 2ª ed., 2001.
- DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Graal, (1984) 2011.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**. Vol. II. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1989.
- FORTES, Bonifácio. **Evolução da paisagem Humana da Cidade de Aracaju**. Aracaju: Editado pelo Diretório Acadêmico “Jackson de Figueiredo”, 1995.
- FORTUNA, Carlos. “Imaginando a *democracidade*: do passado da sociologia para o futuro das cidades”. In: Leite, Rogério Proença (org), **Cultura e Vida Urbana: Ensaios sobre a cidade**. São Cristóvão, EdUFS, 2008.
- \_\_\_\_\_. Cidade e Urbanidade. In: Fortuna, Carlos; Leite, Rogério Proença. **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos**. Coimbra, Almedina, 2009.
- FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Aracaju: Estado e Metropolização**. Aracaju: Ed. UFS, 1999.

- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia da Letras, (1976) 1986.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia e Religião**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- JESUS, Antônio Monteiro de. **Memórias**: excertos do movimento espírita em Sergipe. 1ª ed. Aracaju: Triunfo, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Memórias**: excertos do movimento espírita em Sergipe. 2ª ed. Aracaju: Triunfo, 2006.
- LEBRAD, Dalphine.; GOMES, Bruno P. M. B. **Aracaju e seu centro**: Práticas e Representações da Cidade. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju/SEPLAN, 2006.
- LEITE, Rogério Proença. “Política dos usos: a construção dos lugares no espaço público”. In: **Contra-Usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2ª Ed. Campinas, Editora Unicamp/EdUFS, 2007.
- \_\_\_\_\_. “Usos e contra-usos: a construção socioespacial da diferença”. In: **Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2ª Ed. Campinas, Editora Unicamp/EdUFS, 2007.
- NUNES, Elton. **História das Religiões**: delimitação de campo e escolhas metodológicas. IX Simpósio Nacional da ABHR. Goiânia, maio/2009.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. “A teoria do *trabalho religioso* em Pierre Bourdieu”. In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- PORTO, Fernando. **A cidade do Aracaju 1855/1865**. 2º ed. Aracaju: Governo de Sergipe/FUNDESC, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Revista de Aracaju**. Ano I, Número 01, 1943.
- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida do espírito”. In: Fortuna, Carlos (org). **Cidade, Cultura e Globalização. Ensaio de Sociologia**. Oeiras, Celta Editora, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.
- WIRTH, Louis. “O urbanismo como modo de vida”. In: Fortuna, Carlos (org). **Cidade, Cultura e Globalização. Ensaio de Sociologia**. Oeiras, Celta Editora, 1997.

## 6.6. CAPÍTULOS DE LIVRO:

- ANDRADE JÚNIOR, Péricles Morais de. **Espaço e distinção social**: o catolicismo na Província de Sergipe. *História* [online]. 2010, vol.29, n.1, pp. 91-107.
- \_\_\_\_\_, Péricles Morais de. **Sob o olhar diligente do pastor**: a Igreja Católica em Sergipe. São Cristóvão: Editora UFS, 2010. pp. 157-166; 189-199.
- BOURDIEU, Pierre. **“A Profissão de Sociólogo: preliminares epistemológicas”**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 09-72.
- \_\_\_\_\_. “A dissolução do Religioso”. In: **“Coisas Ditas”**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 119-125.
- \_\_\_\_\_. “Gênese e Estrutura do Campo Religioso”. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5ª Ed. São Paulo, SP: Perspectiva S.A., 2009, p. 27-78.
- \_\_\_\_\_. **“O Poder Simbólico”**. 13ª Ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010. p. 59 -73.
- BUARQUE, Virgínia A. Castro (org). **História da Historiografia Religiosa**. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. p. 16-24.
- BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (1997) 2006, p.233-267.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 403-506.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 11 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. v 1. p. 169-217.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, (1989) 2002, p.13-28.
- \_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, (1989) 2002, p.121-139.
- DAVIS, Natalie Zemon. Ritos da violência. In: DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna**. São Paulo:Paz e Terra, (1975) 1990, p.129-156.
- GIUMBELLI, Emerson. “A Presença do Religioso no Espaço Público: modalidades no Brasil”. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 2008. p. 80-101
- \_\_\_\_\_. O fim da religião – dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar, 2002.
- GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da história. In: LIMA, Lana Lage da Gama Etall (org.). **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2002, p. 13-24.

GUNN, Simon. La cultura. In: GUNN, Simon. **Historia y Teoria Cultural**. València: Publicacions de la Universitat de València, (2006) 2011, p.75-104.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**: ensaio de teoria metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 329-352.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. “A teoria do *trabalho religioso* em Pierre Bourdieu”. In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião**: enfoques teóricos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 177-194.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**: introdução metodológica. 4 ed. São Paulo: Nacional; Brasília, INL, 1978. p. 145-216.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Claudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007, pp. 7-167.

SILVA, Severino Vicente da. “As religiões no Brasil – trilhas antigas e novas”. In: BRANDÃO, Sylvana. **História das Religiões do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001, p. 138-140.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia da Letras, (1991) 1998, p. 13-24.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: Cardoso, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.127-162.

## 6.7. TESE OU DISSERTAÇÃO:

FREITAS, Nainôra Maria Barbosa de. **A criação da diocese de Ribeirão Preto e o governo do primeiro Bispo**: D. Alberto José Gonçalves. Franca: UNESP, 2006 (Tese de Doutorado em História, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, 2006).

FREITAS, Bárbara Sheila Gonçalves e. **A ocupação periférica do quadrado de Pirro: Aribé (1901 - 1931)**. São Cristóvão: DHI, 1999. Monografia (Licenciatura em História) Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas - Universidade Federal de Sergipe.

MAIA, Janaína Couvo Teixeira. **Umbanda em Aracaju**: Na encruzilhada da História e da Etnografia. São Cristóvão: DHI, 1998. Monografia (Licenciatura em História) Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas - Universidade Federal de Sergipe.

MATOS, Márcio Gomes de Santana. **Entre Fé e Conflitos**: O Kardecismo e o Catolicismo na Formação do Aribé. Aracaju (1929 – 1945). Aracaju, SE: Faculdade São Luis de França, FSLF, 2008. (Trabalho de conclusão do curso de Especialização Ensino de História: novas abordagens).

OLIVEIRA JUNIOR, Ciro César Rocha de. **A chave dos mistérios do universo: a verdade e poder** em Allan Kardec. São Cristóvão, 2001. (Monografia do Curso de História, UFS, 2001).

SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. **Práticas e Apropriações na Construção do Urbano na Cidade de Aracaju/SE**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007. (Dissertação de Mestrado).

SOUZA FILHO, Florival José de. **Candomblé na Cidade de Aracaju: Território, Espaço Urbano e Poder Público**. São Cristóvão, SE. (Dissertação de Mestrado do Curso de Sociologia, UFS, 2010).

#### **6.8. ENTREVISTAS:**

1. - Entrevista concedida pelo Senhor Antônio Monteiro de Jesus em 13/04/2006.
2. - Entrevista concedida pela Senhora Helena Cabral Monteiro em 13/04/2006.
3. - Entrevista concedida pela Senhora Helena Cabral Monteiro em 26/05/2006.
4. - Entrevista concedida por Dona Zunária Freire de Oliveira em 15/07/2010.



## 7. ANEXOS

### ANEXO I

Vista aérea de Aracaju na década de 1920, onde é possível observar o Plano de Pirro.



(Imagem capturada em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.087/1914>)

## ANEXO II

### Capítulo II Artigo 4º do Código de Posturas de Município de Aracaju (1912)

8

Fiscal do Thesouro Nacional, e deste ponto para o norte a avenida Governador Carlos Burlamaqui, formando quadrilátero com a rua de S. Paulo ;

4º districto municipal :

A zona occupada pelos povoados S. Antonio e arraiaes denominados Cabeça-molle, Sacco, Telha, Aracajzinho, Chica-Chaves, Getimãna, Engenho Velho, Urubá, Miramar, Porto das pedras, Gengibre, Porto Dantas e outros logares intermedios, estendendo-se até os limites do Município ;

5º districto municipal :

O povoado Barra dos Coqueiros, em toda a extensão da ilha ;

6º districto municipal :

O povoado Porto Grande, dentro dos limites traçados por lei estadual e que comprehende o territorio entre o oceano e o rio Pomanga.

#### CAPITULO II

##### *Planta da cidade*

Art. 4º A planta da cidade, já approvada pelo Concelho Municipal, continua, sem alteração, em todas as suas partes e deverá ser rigorosamente observada no 1º e no 3º districtos; e no 2º e no 4º, guardando a actual estrutura, ainda mesmo em menores dimensões, si mais ampla não permittir a extensão do terreno.

No 5º e no 6º a edificação será a vontade, mas sempre em alinhamento e em ordem progressiva.

Art. 5º Para as ruas, avenidas e praças que se forem abrindo, o Intendente ordenará o supplemento da planta existente, observando, quanto possível, o systema traçado da igualdade da extensão facial das quadras.

§ 1º A rua—Aurora—passa a ser denominada avenida—Aurora: conservará a actual direcção longitudinal, até quando o contrario for determinado pelo Concelho Municipal.

§ 2º As praças, ruas e avenidas serão designadas pelos nomes de uma localidade do Estado, ou das dos outros Estados, ou de uma data memoravel do Estado ou do Paiz.

9

§ 3º As duas avenidas que representam os pontos terminaes do 1º e do 3º districtos, ao sul e ao norte, ficam denominadas, esta Governador Carlos Burlamaqui; essa Presidente Ignacio Barbosa, em homenagem á memoria do primeiro governador de Sergipe, após a separação da Bahia; e á do presidente que, mudando a capital, fundou o municipio.

§ 4º Para o jardim publico é mantido o nome de Olympio Campos, em reverencia á memoria do operoso sergipano, que concebeu a idéa de um jardim publico no local em que o actual está situado.

Aos serviços desta mesma natureza feitos ao municipio serão dados os nomes dos sergipanos que se hajam distinguido por seu talento e por suas virtudes.

Art. 6º No mez de Dezembro de cada anno o Intendente designará a zona, area, ou perimetro urbano da cidade, tendo em attenção o desenvolvimento da edificação e o aperfeiçoamento da construção, para não ser permittida a edificação ou reedificação de casas ligeiras e com cobertura de palhas.

#### CAPITULO III

##### *Licenças para edificações*

Art. 7º Nenhuma construção, ou reconstrução ou reparo, principalmente de predios, em qualquer das suas partes, interna ou externamente, far-se-á no Município sem previa licença do Intendente. Pena de 40\$000 de multa, ou 8 dias de prisão.

Art. 8º A Intendencia Municipal, por seus fiscaes, ou agentes profissionaes examinará toda a obra que for feita dentro da zona urbana, ou perimetro da cidade, tendo em vista assegurar a execução das disposições reguladoras, em proveito da hygiene, segurança e embelezamento da cidade.

Art. 9º As licenças serão promovidas pelo proprietario, ou seu procurador bastante, ou representante, perante o Intendente; e estão sujeitas ao imposto consignado na lei orçamentaria.

# ANEXO III

Quadro estatístico do censo realizado pelo IBGE na década de 1950.

8

RECENSEAMENTO GERAL DE 1950

## 8. POPULAÇÃO PRESENTE, POR SEXO E RELIGIÃO, SEGUNDO GRUPOS DE IDADES

Nº de ordem	GRUPOS DE IDADES	POPULAÇÃO PRESENTE								
		Totais			Católicos romanos		Protestantes		Espíritas	
		Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1	TOTAIS . . . . .	644 361	306 791	337 570	299 773	330 308	3 104	3 721	1 026	1 158
2	0 a 4 anos . . . . .	109 633	55 133	54 500	54 064	53 449	533	532	131	146
3	5 a 9 anos . . . . .	93 250	46 775	46 475	45 938	45 620	443	482	126	123
4	10 a 14 anos . . . . .	80 521	39 737	40 784	38 953	40 039	410	417	112	122
5	15 a 19 anos . . . . .	65 856	30 059	35 797	29 407	35 047	298	396	99	109
6	20 a 24 anos . . . . .	53 562	22 734	30 828	22 178	30 153	204	310	70	110
7	25 a 29 anos . . . . .	46 206	20 430	25 776	19 907	25 145	191	300	66	98
8	30 a 39 anos . . . . .	71 255	32 893	38 362	31 980	37 464	336	448	137	159
9	40 a 49 anos . . . . .	53 795	26 101	27 694	25 348	26 965	296	371	125	146
10	50 a 59 anos . . . . .	33 905	16 532	17 373	16 059	16 936	186	235	90	76
11	60 a 69 anos . . . . .	21 233	10 079	11 154	9 794	10 877	138	149	56	49
12	70 a 79 anos . . . . .	9 130	3 928	5 202	3 844	5 106	47	49	10	13
13	80 anos e mais . . . . .	4 487	1 728	2 759	1 694	2 702	16	27	3	6
14	Idade ignorada . . . . .	1 528	662	866	607	805	6	5	1	1